FON-FON
MARIQUINHAS VAE SE CASAR

O CONTO BRASILEIRO

O "SPEAKER" DA S. I. R. 4

De Brenno Silveira

FAZIA muito tempo que Maud não chorava. Embora estivesse sem treino, as lagrimas, aquella noite, sahiram-lhe dos bellos olhos oblongos com relativa facilidade; Rubem Fabiano abandoná-ra definitivamente.

Ella, dali em deante, teria de contentar-se, apenas, com a vóz do homem amado.

— Que tragedia amar um "speaker" de radio!... — pensou com a cabeça afundada no vão de duas almofadas. — Ser perseguida inexoravelmente, em toda a parte, pela mesma vóz que roçou os nossos ouvidos nos momentos de amôr... A mulher que ama um "speaker" e se vê abandonada por elle, está perdida: a sua vóz a surprehende em todos os logares, como um fantasma, pois vive esparramada no ar e vibra dentro e fóra da cidade, nas ruas e nas estações de estrada de ferro, em toda a parte, emfim, onde haja um apparelho receptor.

Emquanto ella estivesse no seu apartamento, tudo estaria bem, pois o "brouhahá" da cidade, que se agitava quinze andares abaixo, quando chegava até lá, não era mais do que um surdo e longinquo rumor, como o que ha no bojo das grandes conchas marinhas.

Mas não poderia sahir á rua. Aquella vóz, quando ella menos esperasse, surgiria pela fresta das janellas ou pela porta das casas commerciaes... Quando algum radio estivesse ligado em surdina, ouvil-a-ia suave, cariciosa, como a escutára tantas vezes nos momentos de infinita languidez...

E isso seria um supplicio!

Esquecer um homem que a encantou é tarefa relativamente facil para uma mulher que ainda não tem trinta annos, (só depois dessa idade é que começam os amores definitivos) possúe um corpo de concurso de belleza em "maillot", e póde dispôr, mensalmente, de mais de uma dezena de contos.

Isso, quando esse homem não é um "speaker". Quando é, só ha um recurso: mudar de cidade e, se quizer ter radio, comprar um apparelho que apanhe unicamente estações locaes. E' impossivel esquecer uma creatura que se quiz e cuja vóz está sempre nos nossos ouvidos.

Maud sabia perfeitamente tudo isso. Mas sabia tambem que não podia deixar S. Paulo porque... Sejamos discretos. Vamos fingir que esse pormenor não nos interessa. E continuemos.

Ha certos manequins tão bem feitos, que parecem creaturas vivas. Maud se parecia extraordinariamente com um desses manequins: as sobrancelhas, de tão finas e symetricas, pareciam feitas a pincel e compasso. Os cilios compridos não eram de sêda, mas davam a impressão de terem sido habilmente collados ás palpebras.

— Ahi está a mulher que me serve — disse Rubem Fabiano a alguem, ao vêl-a pela primeira vez. — Tem, sobre a belleza fria e distante dos manequins, a vantagem de possuir de 36 a 37 gráus de calor e de só usar vestidos que realçam o loiro metallico dos seus cabellos e a pureza das suas mãos de monja. Houve um tempo em que eu passava todos os dias por uma vitrina unicamente para admirar um manequim. Como era linda aquella mulher de céra! Uma tarde, porém, tive uma grande desillusão: encontrei-a com um "tailleur" côr de areia, elegantissimo, mas que, não contrastando com os seus olhos claros nem com a pallidez de hostia do seu corpo, tornava imprecisa o cunho impressionante daquella belleza feita de requintes estheticos.

Fez uma pausa e, olhando Maud, accrescentou:

— Essa mulher jamais usará um vestido assim...

* * *

Maud, doente de literatura, quando soube que aquelle homem amára um manequim, fez questão de ser-lhe apresentada.

E tornaram-se amantes.

Maud foi feliz. Um dia, porém, o homem que amára um manequim que parecia uma reproducção da sua belleza se sentiu indifferente ao contacto tremulo do seu corpo, que sempre fôra bem adjectivado na bôcca dos homens... Agora, ao lado daquella mulher, elle se lembrava da phrase de um poeta que fôra seu amigo: "Nesta vida, não ha felicidade que não canse..." Era bem verdade. Fazia-lhe falta, naquelle momento, o perfume de juventude de outros cabellos, o habito differente da mulher que se beija pela primeira vez...

E não havia manequins morenos, de cabellos e olhos côr de pixe? E não existiam mulheres exactamente iguaes?

E Rubem Fabiano pensou em alguns manequins estylizados, que elle admirára, muitas vezes, no cemiterio da Consolação.

Seria possivel encontrar uma creatura cujas fórmas se assemelhassem ás de uma figura estylizada?

* * *

Ha quasi um mez ella andava fugindo daquella vóz alada, que vibrava na sua sensibilidade com a mesma limpida inflexão que adquiria nos fios magicos dos apparelhos de radio, cheios de musicas e de palavras. E não havia, em meio da sua melancolia e do seu desalento, nem o consolo estéril de poder esquecer...

Abriu a janella. A' sua frente surgiu uma "cordilheira de arranha-céus" envolta no halo rubro dos annuncios de gaz-neón. Muitas vezes, daquella mesma janella, em companhia de Rubem Fabiano, ella auscultára a alma nocturna da cidade cujo destino heroico e altivo tão bem comprehendia...

Ficou ali, largos minutos, indifferente ao frio, como á espera que o vento áspero trouxesse aos seus nervos exhaustos o infinito e paradoxal consolo de um tango muito lento, muito triste, muito doloroso...

Os olhos de Rubem Fabiano ella jamais esqueceria. Parecia vêl-os dentro da noite, ferruginosos, insistentes, escondendo entre os cilios promessas doidas de sensualismo... Aquelles olhos...

Não poude conter-se mais. Correu para dentro e ligou o radio. Um "fox" longinquo veiu se approximando gradativamente. E as notas desarticuladas de um saxophone encheram-lhe a alma de rythmos.

Quando percebeu que a musica ia terminar, levou a mão ao peito,

(Continúa na pagina seguinte)

IDÉAS... DE BONDE

A vida é um bonde; cada passageiro tem o seu destino...

* * *

Vivia-se antigamente mais. Outróra, os bondes eram puxados a burros.

* * *

Um homem mal casado lembra o "pingente", ao lado do estribo suspenso: além do "máu geito", ainda tem que fazer força para entrar com o "cobre".

* * *

O namoro... O conductor é o pae da "pequena". Vae-se, ás vezes, "de carona", e elle grita: "Faz favor!" E é de ver-se, então, um desgraçado chegar-se constrangidamente "ás falas", ou bancar a muque o baleiro...

* * *

Isso de orgulhos são tolices. Passageiros do bonde da vida, todos temos nosso destino, ao qual chegaremos, mesmo de "taioba".

* * *

"E' prohibido fumar nos trez primeiros bancos"... Expressão synthetica do egoismo humano! Quantos por ahi ha, que só viajam nesses bancos, sacrificando, embora, o desejo de fumantes, só por acobertar-se do pedido de um cigarro!

* * *

Um passageiro fuma gostosamente. Outro, ao seu lado, "fuma de raiva"... Inveja humana! Ha de ser eternamente assim!... Sempre o prazer de um ha de molestar o proximo!

* * *

Si, organizada uma estatistica a respeito, me fôsse dado saber que o numero de cousas perdidas nos trens é maior que o das perdidas nos bondes, não me admiraria, em verdade. E a razão é esta: nos trens, lá está a celeberrima expressão, tão debatida em grammatica: "Neste carro não se fuma". E' fatal: o individuo todo se embebe a procurar o sujeito e... esquece-lhe o objecto.

* * *

Julgue-se embora tolice, tenho para mim como certo que os bairros exercem influencia sobre os seus moradores. E cito casos em abono do meu asserto. Por exemplo: aquelle passageiro que vi cahir do bonde... Só vendo de que fórma! E nem um arranhão!

Pois, ao dia seguinte, davam os jornaes, sob a epigraphe "De um bonde ao solo": "Fulano de tal, com tantos annos de idade, morador em Cascadura"...

Outro caso. De muito vinha eu buscando, por todas as fórmas, cahir nas bôas graças daquella sympathica morena. Sorrisos melosos, olhares ternos, versos inflammados, tudo em vão, tudo inutil

O "SPEAKER" DA S. L. R. 4

como que para acalmar o coração que batia forte e arythmico, fazendo tremer todo o seu pequenino corpo. Iria ouvir, dali a alguns segundos, aquella mesma voz que lhe disséra tantas vezes, nos momentos de infinita languidez, palavras de ternura que ella jámais escutaria...

Estava pensando nisso, quando a musica cessou e uma voz se esparramou pelo aposento:

— "A senhora deseja que a sua cozinheira lhe prepare bons quitutes? Diga-lhe, então, que não se esqueça de pedir ao seu fornecedor a "Banha Leitão", a unica, entre... A

Maud desligou bruscamente. A infinita melancolia que gravitava sobre a sua alma se juntou a dolorosa, a terrivel decepção daquella descoberta... Não podia comprehender como, até aquelle dia, conseguiram passar inadvertidas todas as phrases ridiculas que lhe chegaram aos ouvidos pela voz do homem que ella amára justamente porque sabia dizer-lhe uma porção de coisas interessantes.

Ficou uns instantes com os olhos presos no radio, como se esperasse que esses pensamentos, no seu cerebro, cedessem lugar a outros. Estava assim, quando brilhou nos seus olhos uma idéa perversa. Immediatamente, os seus labios se alegraram com um sorriso pequeno, de alguns millimetros apenas — um desses sorrisos insidiosos, cheios de perfidias, que se desenham, a traços vermelhos, na bocca das mulheres que estão pensando numa grande maldade...

* * *

De João Ramos

tra aquelle coração de pedra! Pois vim, depois, a saber: morava no Rocha...

Grande tolice, não? Já sei, possiveis leitores, que vão dizer que a reciproca não é verdadeira, que nem toda sogra mora no bairro Jardim Zoologico, como nem todo poeta na Praia Vermelha!

* * *

Bonde da Light! Bonde da vida! O "Caradura" (aquelle banco voltado para os mais) lembra bem o philosopho... Sempre de costas, com indifferença...

* * *

A illusão é um bonde com a vista trocada. Quantas vezes a nossa alma, embevecida, toma o "Estrella", buscando o Céo, e vae ter ao Cajú, não sabe como!

* * *

A alma esperançosa é como os bondes pela manhã, em dias uteis. Como vão povoados! Que de risos! que de falas! Depois, ... como voltam vazios!... Mas, á tarde, novamente, que de falas! que de risos!

* * *

A saudade é como um bonde em quarta-feira de Cinzas. Que contraste com a alegria da vespera!

Que de lembranças bôas suscita o bater da campainha! E que dôr, mas que prazer, nessa lagrima de som!

* * *

Um lar sem amôr é como um bonde vazio: salta muito nos trilhos...

* * *

A Morte é como um bonde com a vista em branco: tem seu destino, mas não diz aonde vae.

* * *

Vaidade humana! Orgulho parvo e vil! Um bonde especial é bem a synthese da nullidade vossa, como da igualdade final de todos nós! Questão de vista, apenas! Amanhã, quem o distinguirá dos outros mais?...

(conclusão)

Dias após, com o pretexto de uns "drinks", Maud reuniu, no seu apartamento, todos os seus amigos que o eram tambem de Rubem Fabiano. E quando, fatalmente, elles se referiram á sua ruptura com o amante, como ella esperava, applicou, ligando o radio:

— A principio, confesso, elle fez-me um pouco de falta. Experimente o que se sente quando se deixa para concertar um relogio pulseira que se usa ha muito tempo: nas primeiras horas, nos primeiros dias, mesmo, olha-se muitas vezes, instinctivamente, para o pulso... Depois, a gente se acostuma a ver as horas nos outros relogios, e [illegible] se esquece do talão que nos deram para retiral-o, talão esse que, no meu caso, póde ser um [illegible] ou o numero de um telephone... A demais, é profundamente desinteressante e doloroso ouvir um homem intelligente dizer certas cousas...

A musica parou. Uma voz encheu o ar:

— O sabonete Pelicano é como um inesquecivel perfume solidificado. Prefiram-no sempre!

Houve uma pausa. E a voz continuou, depois de repetir pela centesima vez, aquella noite, o nome da estação transmissora:

— Sem os extractos de tomate marca "Chamma" não ha pratos saborosos...

Essa noite, depois que os amigos se retiraram, Maud chorou, emquanto a seu lado, em surdina, a victrola rodava a "Reverie", de Schumann. A musica de Rubem Fabiano...

ANGÚSTIA

GUSTAVO BIROT sondou o céo com um olhar interrogador.

— Ora esta! Vae chover!

Sahira de casa não havia meia hora, o tempo de ir da rua de Clichy, onde morava, á avenida da Opera, no seu passinho calmo de funccionario de digestão lenta, mas de appetite satisfeito.

Eram duas menos dez. Reflectiu:

— Voltar a casa, apanhar o guarda-chuva, voltar... Duas horas, duas e meia... trez horas... Chegarei ao ministerio ás 3... Ainda chegarei cedo.

E Birot, sub-chefe da directoria dos valores caducos, na Administração Central das Finanças, fez meia-volta e tornou a subir a Chaussée-d'Antin.

A chuva cahia miudinha, imprecisa, como lamentando-se. Mas nuvens inquietantes, negras, pesadas, sombreavam o céo.

Gustavo enfiou pelo corredor da sua casa, passou como uma rajada deante do cubiculo de Mme. Raboin, a porteira, e subiu varios andares. Parou num patamar, e ali, sendo disposto á asthma, respirou fundo.

Acabava de bater na porta os trez toc-toc-toc habituaes, com os quaes ordinariamente annunciava a sua presença, quando, de repente, se endireitou, estupefacto.

Uma voz de homem, cavernosa e agitada acabava de gritar no apartamento:

— Com a bréca! Teu marido!

Gustavo ouviu passos rápidos, um barulho sêcco de portas fechadas; depois, mais nada...

Bruscamente, fizéra-se silencio, um silencio de morte, de sepulchro, de eternidade.

Frio a cabeça subitamente vazia, mas escaldando, Birot refrescou um pouco a fronte passando-lhe as mãos geladas. Deu dois passos para traz, apoiou-se ao corrimão para não cahir. A garganta seccára-lhe como se tivesse engolido vento. Os olhos turbilhonavam. Via dançar a porta que fixava, como se olhasse para um espectro, com angustia, com terror. Notou mesmo — coisa que via pela primeira vez — que o verniz estava estalado em diversas partes.

Ficou assim dez minutos, sem se mexer, pregado ao chão encarado do patamar.

Depois, pouco a pouco, o espirito desannuviou-se, e dois sentimentos o atormentaram: a vingança e o temor. Vieram-lhe tantas idéas ao cerebro, que não poude, no excesso de febre que o queimava, conseguir associal-as. Pensou em arrombar a porta com um empurrão de hombro; sentia força para isso. Mas o pavor do escandalo, a sahida provavel, á escada, da vizinha de baixo — uma mulher casada que recebia muitos cavalheiros —, e do locatario de cima — um conselheiro do Tribunal, que não recebia ninguem — fel-o abandonar esse projecto. Um funccionario não póde ser ridiculo, e elle o seria...

Em seguida, pensou em ir buscar o commissario de policia do bairro. Isso parecêra-lhe serio, correcto, legal, compativel com a sua funcção e com a dignidade da Administração...

Desceu titubeando um pouco. Entre dois andares cruzou-se com uma empregada que subia com um cesto na mão. Affectou cantarolar e cumprimentou-a cortezmente tirando o chapéo. Aproveitou para enxugar com o lenço a fronte porejante.

A fronte! A fronte! Vieram-lhe á memoria, rapido, canções de café-concerto nas quaes as frontes dos maridos enganados representam um papel odioso e grotesco... Raivosamente, tornou a pôr o chapéo na cabeça.

Mme. Raboin, a porteira, estava no corredor, escorraçando com uma vassoura o seu cachorrinho, que cheirava a porta do cubiculo.

Birot portou-se bem. Endireitou-se e, com um sorriso contrafeito murmurou:

— Que tempo, madame Raboin!

Com máo humor Mme. Raboin replicou:

— E'!... Faria melhor ficando em casa...

Birot achou nesse conselho um sentido enygmatico e desagradavel... Quiz interrogar. Não ousou. Contentou-se em dizer:

— Vae passar!

Arremetteu sob a chuva, que cahia aos cantaros, rude, apertada, má. Mas não foi longe. Repugnou-lhe communicar seu infortunio ao commissario de policia do bairro. Deu cem passos. Voltou para traz. Atravessou a calçada sob os borrifos malcreados dos autos. Depois ficou alli plantado deante da sua casa, os olhos muito abertos, sem ver nada. As idéas continuavam sempre a rolar tumultuosamente na cabeça, emquanto que a agua, tendo invadido o feltro do chapéo lhe cahia pelo pescoço, regando todo o corpo, em finos regatos cujas cascatas o faziam arrepiar.

Na desordem da sua infelicidade, procurou mentalmente entre as

... recordações a quem aconte-
cêra coisa semelhante. Nomes vie-
ram-lhe aos lábios. Nomes glorio-
sos, mas sem precisão... Bruto?
Socrates? Platão? Devia ter si-
do Socrates!... Depois o curso das
idéas evoluiu, emquanto que a agua
lhe invadia os sapatos...

O cachorro de Mme. Raboin, sen-
tado no travesseiro, olhava-o es-
tupidamente, lá adeante, no meio
do corredor, sobre o capacho.

Pareceu a Birot que o cachorro
lhe dizia á maneira de piedade:

— Que queres? Isso acontece!...
Tem coragem!

E essa piedade exasperou Birot.
Insurgiu-se contra esse animal
estranho que se installava moral-
mente nos destroços do seu lar

O cachorro de Mme. Raboin viu-o passar. Accommodou-se, de cauda abaixada, contra a parede, o pello eriçado, o olhar medroso. Birot fuzilou-o com um olhar que queria dizer.

— Sabes? Trata de ser delicado! Sou o que quero, e ninguem tem nada com isso!

E subiu os degráos quatro a quatro, deixando atraz de si uma esteira de agua cujas gottas malucas caracolhavam sobre a escada de madeira.

Tornou a ver a porta de pintura estalada... Parou, surprehendido, na passagem, pela voz de homem que desejava ver morto a seus pés... Essa voz de baixo que dissera havia pouco: "Com a bréca!

De Gaston Dubreuil

para sempre destruído depois de
dez annos calmos, sem brilho,
sem grandezas, mas sem catas-
trophes.

— Emfim, por que me trahe?
Que lhe fiz?

Agora procurava no passado se
a sua vida podia justificar o ultra-
je que soffria. Não achou nada!
Perguntou-se tambem como sua
mulher, dona de casa prosaica,
burgueza sem desejos, pudéra des-
viar-se assim. Atemorizou-se, em-
fim, com a idéa desordenada de
Mme. Birot, sem elegancia, sem at-
tractivo, sem belleza, mesmo sem
... dizendo a um homem phra-
ses apaixonadas, palavras de amor.

E a chuva cahia em diluvio, em
torrentes, em cataratas, afogando tu-
do em volta de si... E elle ficava
lamentavelmente, escorrendo
agua, sobre a calçada onde a agua
corria, raivosa...

Viu as horas no relogio. Teve
a sensação de que não
cumpria o seu dever, de que elle
tambem trahia. No momento pre-
ciso em que estava ali, na rua, de-
via estar lá, no Ministerio, prepa-
rando a correspondencia do sr. Ri-
chard de Ranbiére, o director...
E Birot estremeceu pensando nas
perturbações que a sua
ausencia lançaria no serviço. Du-
rante um segundo, esse pensamen-
to absorveu o outro, o da sua infe-
licidade. E, de antemão, inventou
uma mentira..., uma historia de
tonteira..., ao atravessar a pra-
ça da Trindade.

A seguir, uma necessidade irresis-
tivel dominou-o, atormentou-o de
verdade. Quiz tornar a subir
até a sua casa, devagarinho, na ponta
dos pés, e collar o ouvido contra a
porta para ouvir ainda, para sof-
frer, para beber o seu calice até as
fezes...

Teu marido"! Essa voz, cujo timbre ainda permanecia na sua cabeça, gritava agora: "Clementina, a torneira da cozinha está pingando! Traz barbante"!

— Clementina!...

Um raio cahindo-lhe aos pés, não o teria assombrado mais. Ninguem em sua casa tinha esse nome. E essa porta deante da qual se encontrava não era a sua. Clementina! Clementina!...

Attonito, soluçando, resmungava: "Clementina! Clementina!" E tremeu!... E chorou!... Ficou nervoso... com o riso que o sacudiu logo depois.

Perguntou-se como não tinha pensado de fórma alguma em Clementina, essa "senhora de baixo" que recebia tanta gente!... E subito a honestidade de Mme. Birot aureolou-se do prestigio das suspeitas com que Gustavo a embaciára.

Collocou-a muito alto no seu pensamento, sobre um pedestal... Teve vontade de chamar pelo vão da escada o cachorrinho de Mme. Raboin e dizer-lhe:

— Olha! Idiota! Estás vendo?...

Não se sentia mais molhado, tanto a felicidade lhe aquecêra todo o corpo. Estava como envolvido por doçuras, por caricias, por felicidade.

Ligeiro, subiu mais um andar. Tornou a ver a sua bôa e valente porta, cuja pintura estava intacta como a sua honra. E bateu: toc... toc... toc!

Mme. Birot accorreu, abriu:

— Oh! Gustavo! Em que estado estás! De onde vens? Oh! meu Deus!

E Birot, com a voz um pouco estrangulada, disse, simplesmente:

— Como o tempo está peorando, vim buscar o guarda-chuva.

CARTA — De J. de Livans Tefamanti

Está tudo acabado, me disséste,
não existe mais nada entre nós dois.
Vou mandar tudo aquillo que me déste,
e o que eu te dei tu mandarás depois

Em vão, mais tarde, procurei falar-te,
mas, capichosa, sem me dar ouvido,
tu fugias de mim em toda parte,
com se eu fôra algum desconhecido.

Hoje, porem — e fóste tão sevéra!
mandaste minhas cartas, e uma flor
já murcha, e uma pequena folha de héra,
tudo lembrança desse nosso amor...

E eu pergunto a mim mesmo: — Poderia
ella haver esquecido num momento
esse amor que ella mesma me dizia
que a arrebatava num deslumbramento?

Mas, seja como fôr, tenho já prompto
para mandar-te, o que eu tinha commigo;
embora exista nisto tudo um ponto
em que eu preciso me entender comtigo:

Amámos e esse nosso amor sellámos
com abraços, e os beijos mais ardentes,
e como nos amássemos, peccamos,
e vivemos felizes e contentes...

Hoje, que me afastaste dos teus passos,
por um capricho teu, criança louca,
quando devolverás esses abraços,
e esses beijos que eu dei em tua bôcca?...

CORTEZIA

A cortezia é uma necessidade. Sem cortezia, sem galanteria, sem urbanidade, sem bôa educação não se concebe uma sociedade culta.

De todas as qualidades externas que podem adornar uma pessôa, a cortezia é a mais indispensavel para se viver em sociedade. A cortezia é estimavel, sobretudo, porque suppõe dominio sobre a animalidade.

E' de grande sabedoria aquelle ditado muito antigo, que diz: "Onde mais se vê a educação é no jogo e á mesa". E isso porque são os dois logares onde mais facilmente se patenteia a intemperancia do instincto.

A cortezia, em resumo, não é mais que uma amolação continua. Balzac definiu-a sagazmente: "E' molestar-se continuamente, pelo proximo; ceder-lhe a direita, descobrir-se ante uma senhora, abaixar-se e apanhar um objecto cahido"... Todos esses pequenos incommodos constituem a cortezia, a galanteria, a bôa educação.

Mas, até que ponto somos bem educados? Um medico inglez, mais psychologo que medico, a proposito de uma discussão com um amigo, fez uma aposta muito original.

Tratava-se de saber até que ponto as pessôas eram bem educadas.

Reuniu em seu consultorio varios clientes e deixou-os, isolados, em compartimentos differentes. Ficaram a observal-os pelos buracos das fechaduras. Pouco tempo depois, todos principiaram a dar signaes de impaciencia: levantavam-se, andavam, tornavam a sentar-se, assoavam o nariz. Todos ruiam as unhas. Todos, absolutamente todos, deram provas patentes de má educação.

E isso porque, em todo homem, como analysou admiravelmente "Jean Chor de Vogué, em "L'Agréve", ha duas personalidades distinctas: uma, a social, a alegre, correctissima, que vemos em nossos passeios, que frequenta os theatros que está comnosco em todos os logares; satisfeita e expansiva, contente de viver, cheia de sympathia. E' a personalidade da vida exterior. A outra, hostil, grosseira, malhumorada, intratavel. E' a personalidade da vida interior.

A primeira, — periodo de expansão, de gasto excessivo de energia, ha de ter sua natural compensação na outra, — cansaço, depressão, de grosse- de tristeza, de fealdade, de ria, de aggressividade, de máo humor sem causa, de constante preoccupação pelas difficuldades da vida. O homem do lar é o rosto fatigado do homem da rua; ou, melhor ainda, o homem da rua é a mascara mentirosa do homem de casa.

PEDRO MATA

CONSERVE SUA CUTIS Jovem e Formosa

PARA VENCER AS

HEMORROIDAS

SÓ HA UM MEIO : USAR A

POMADA E OS SUPPOSITORIOS

MIDY

PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO

A' VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

Elegia da alma quieta...

(A Bastos Portela)

Lá fóra, no jardim — corre um silencio em tudo.
nem um leve arrepio as arvores encrespa...
Ha, porém, como agora, uma voz de velludo
que suspira, soluça em sussurros de vespa...

—Quem será, meu amor? Attentemos o ouvido...
É gente?—Não. É um lirio, em extase esquecido,
que diz assim:

—"Viver... Andar-se de mãos postas,
muito branco e tão só, conduzindo nas costas
um desejo infeliz de subir!... de voar!...
Ah, quanto o sonho é máu! quanto engana o destino!"

Mas uma estrella, que riscou no alto o luar,
respondeu-lhe a sorrir:
—"Ser um rei opalino
como és tu, — o perfume, a poesia da terra,
tudo o que de mais puro a natureza encerra,
e lastimar-se? Fosse eu assim, venturosa,
não morasse tão longe, em vasta nebulosa,
e que linda!, que linda a vida não seria!...
Pudesse ao menos eu perfumar-me o ambiente!..."

E o lirio, num gemido:
—"Esta vida baldia
me tortura, este olor me enerva horrivelmente.
Antes então vivesse afastado e poscripto,
na só palpitação de espaço e de infinito!..."

— Fechemos, Bonequinha, a janella depressa,
que o nosso gesto fique mudo e não impeça
a conversa immortal dos seres e das coisas.
Beijemo-nos um pouco... Olha este amor tão cheio
da graça e da loucura ideal das mariposas.
Não te importes que seja o sonho um doido anseio
de um sonho mais suave e mais longo e maior.
Beijemo-nos, afim de que sempre melhor
nós achemos o amor — meu brinquedo de louça...

E o silencio, outra vez, num carinho de mel
numa doce tristeza agita-se lá fóra...

De subito, porém, no ar liso, loiro e langue,
ha uma detonação da côr rubra da aurora

O lirio pende...
A estrella envolve-se de sangue...

VALDO DE ABREU

A victima. — Não se assuste, senhor; esta perna é de borracha...

Mau Halito

Uma Grande Verdade:

Muitos homens e muitas mulheres, que têm dentes bonitos e limpos e tratam a boca com todo cuidado, sofrem, apezar disso, de mau halito.

Mais Ainda:

Muita gente sofre de mau halito sem sentir, nem dar por isso, e, infelizmente, nada é mais incomodo quando se fala.

A Razão:

A razão é que, quasi sempre, o mau halito é causado pelo grande acumulo de impurezas e fermentações toxicas no estomago e intestinos.

O estomago pode estar sujo sem que se desconfie de nada, e mesmo quando se pensa estar de perfeita saude.

Não basta tratar bem os dentes e a boca. Não basta!

Para evitar e curar o mau halito é tambem indispensavel tratar, com todo cuidado, o estomago e os intestinos.

Hoje em dia todos fumam, sejam homens ou mulheres, e isto, com o tempo, faz mal ao estomago.

Sobrecarrega-se o estomago e intestinos de comidas pesadas, indigestas, mal mastigadas e engulidas depressa; de licores e bebidas quentes ou frias.

Aparecem, então, as perturbações internas, e os restos dos alimentos, demorando muito tempo no estomago e intestinos, produzem substancias perigosas que invadem o sangue, prejudicam enormemente a saude e causam desta maneira o mau halito.

Para evitar isto use **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre é um remedio de inteira confiança para evitar e tratar o mau halito, porque limpa o estomago e os intestinos das impurezas, substancias infectadas e fermentações internas que tão grande mal fazem ao sangue.

Todas as noites, antes de dormir, tome duas ou tres colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de agua.

Assim se trata o estomago sujo.

Somente assim se evita e se trata o mau halito.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Deposito de **Ventre-Livre** e *Regulador* **Gesteira em França:**

La Pharmacie **Roberts et Cie., 5** Rue de la Paix **5, Paris.**

O Dr. J. Gesteira tem tambem Laboratorios nos Estados Unidos.

Dr. J. Gesteira : **Butterick Building**

161 Sixth Avenue 161, New York, N. Y.

e

6555 East Jefferson Ave. 6555, Detroit, Mich., U. S. A.

Ventre-Livre e *Regulador* **Gesteira** são os unicos remedios brasileiros que se vendem nos paizes estrangeiros, facto que os brasileiros que viajam podem sempre verificar pessoalmente.

A NOIVA

BILL só se reunia com a melhor sociedade. A tyrannia de seu nome aristocratico obrigava-o a dançar com moças de que não gostava e a jogar o tennis. Era impossivel para Bill pensar em outras companheiras, senão nas Warren, com seus labios pintados, em Betty Doran, com seus trajes masculinos, e nas irmãs Riggs. Porque a mãe de Bill era uma mulher de principios e disséra a seu filho, textualmente:

— Casar-te-ás com uma mulher da tua classe, meu filho. Tua mãe sabe o que faz.

Embora suas inclinações lhe mostrassem um caminho mais livre, Bill submettia-se sem esforço á determinação materna embora com cuidado para não se comprometter. Tratava de se divertir com suas companheiras obrigadas, o melhor possivel.

Naquella tarde jogava no Club, com Fraulz, Daisy e uma rapariga desconhecida que assim, á primeira vista, lhe pareceu a mulher mais linda da terra. Bill occupava a metade do côrte; Fraulz e a desconhecida a outra metade.

Emquanto a partida se desenrolava, Bill não podia afastar seus olhos daquella encantadora creatura. E pensava:

"Se eu não fosse um Howad, poderia tentar um *flirt* com esta rapariga... Mas que diria mamãe? O facto de me encontrar aqui, de chofre, com esses olhos tão lindos e um collo tão branco, não me auctoriza a sahir das estreitas phrases da etiqueta... E, por outro lado, esta mulher é linda, mas, parece muito livre em suas maneiras."

Bill, distrahido por seus pensamentos, bateu na bola com força. Um grito... e a attrahente creatura cahiu sobre a grade vermelha do "court". Bill saltou rapidamente a rêde e em um segundo estava de joelhos junto della.

— Machuquei-a?

Ella sorriu.

— Não... não deve ser nada. Uma pancada um pouco forte, aqui, perto da orelha esquerda... Sinto-me tonta...

Bill virou-se para Fraulz e consultou:

— Que devemos fazer?

— Leve-a a uma pharmacia para que um medico a veja.

A rapariga, meio tonta, poude murmurar: "Obrigada", quando Bill a ajudou a sentar-se a seu lado, e depois, apenas o carro se pôz em marcha, apoiou a cabeça no hombro do conductor.

O trajecto era bastante longo. O auto corria mansamente pelo caminho.

— Aonde vae? — perguntou uma voz agradavel.

Bill olhou a sua companheira e reduziu ainda mais a velocidade do carro.

— Afflige-me ter-lhe dado esse aborrecimento. Temo que...

— Que morra por tão pouco? Ora...

Bill sentiu que uma mão muito leve se apoiava em seu braço.

Pararam, afinal, deante da casa do medico.

— Será melhor descermos e que se faça examinar. A prudencia...

— A prudencia — disse ella, com gosto suggestivo, é não metter estranhos nos proprios negocios.

Bill abriu a bôcca, estupefacto, e respondeu:

— Parece-me que não tem medo de nada...

Sempre com seu gesto gracioso, a rapariga continuou:

— Que acha... se deixassemos o medico socegado?

Bill não se fez rogar. Tornou a pôr o carro em marcha e muito depressa uma grande distancia os separava da civilização, o que queria dizer que iam por uma estrada deserta, emquanto a lua, companheira infallivel dessas aventuras banhava os campos com sua luz de prata.

De Gilbert Lowe

* * *

Pararam em um restaurante, para jantar.

A' sobremesa, accenderam os cigarros e a rapariga rompeu o silencio.

— As vezes, o destino tem caprichos incriveis — disse. — Por um accidente de tennis...

A phrase não era muito engenhosa, mas Bill achou-a perfeita. Estava vivendo uma aventura romanesca, com allusões mysteriosas e na companhia da mulher mais linda da creação.

Levantaram-se e um instante depois o auto corria de novo pela estrada solitaria.

— Acredita no amor á primeira vista? — perguntou Bill de repente.

— Creio que certos sêres exercem sobre os outros uma attracção instinctiva — respondeu ella.

— E' qualquer coisa parecida com uma reacção chimica — proseguiu ella. — Quando duas pessoas estão feitas uma para a outra, qualquer coisa nellas reage e as approxima. Que acha da minha theoria?

— E' muito possivel... Tão possivel que eu, neste instante, me considero um dos elementos dessa reacção chimica. Ou, o que é a mesma coisa, que estou apaixonado pela senhorita...

A rapariga calou-se. Bill, por seu lado, fingiu se occupar com o carro, concentrando toda sua attenção no volante.

— Se parassemos o carro? — disse ella.

— Uma bôa idéa!...

Os labios da rapariga estavam muito perto do rosto de Bill. E este, depois de uma hesitação, olhou adeante, para o caminho... Depois, fechando os olhos, beijou sua companheira.

* * *

— Casemo-nos!... — foram suas primeiras palavras.

— Perfeitamente! — disse a rapariga.

— Em segredo? — suggeriu Bill, lembrando-se da sua situação social.

— Muito bem! — disse ella. Mas logo depois accrescentou:

— Não póde ser em segredo. Ha muito tempo, prometti á minha mãe que não me casaria sem lhe dizer.

— Está bem. Eu mesmo a levarei até lá.

— Obrigada!... Depois iremos á sua familia, supponho...

— Certo... claro... — replicou Bill, nervoso.

— Calculo a cara dos seus, quando o virem chegar acompanhado por sua noiva — gracejou a rapariga mais linda do mundo.

Decidiram passar primeiro pela casa de Bill, que ficava mais perto. O enthusiasmo herdeiro dos Howard ia pensando na recepção que lhe faria sua mãe, a que *"sabia o que fazia"*...

Quando pararam deante da casa, ella perguntou:

— Ah!... Pertence á familia Howard?...

E poz-se a rir, por uma razão desconhecida de Bill.

George, o porteiro, aproximou-se para abrir a porta do carro.

— Minha mãe está? — perguntou Bill.

Georges affirmou... Entraram...

O sr. Howard e sua esposa estavam sentados em umas poltronas de alto espaldar. Bill começou:

— Mamãe... Papae... Eu... ella...

Seu pae virou-se e olhou a rapariga, surprehendido. A sra. Howard virou a cabeça para um dos lados da poltrona.

— Oh! Jane Morrisson!... Tu aqui?... — exclamou, dirigindo-se á rapariga. — Encantada de te ver!... Como está tua mãe? Ha uma eternidade que não a vejo, nem a ti.

Bill abriu seus olhos enormes. Quando voltou de sua surpresa, murmurou:

— Sim... Mamãe já sabe tudo... tudo...

E a rapariga mais linda do mundo — que era uma pessoa de sua classe — continuava sorrindo a seu aristocratico noivo.

CAIXA DE SURPREZAS

SANTA ODILA — Em toda a Alsacia o nome de Odila é venerado, pois se trata da patrona do paiz.

No anno de 660 da nossa éra, o duque da Alsacia chamava-se Adalrico. Sua união com a bella Bereswinde havia sido coroada com o nascimento de numerosos herdeiros, quando lhes nasceu uma filha cêga. Furioso, o duque quiz mandál-a matar; mas Bereswinde não consentiu nisso e confiou-a a uma camponeza, que se occupou carinhosamente da desventurada creaturinha.

No dia do seu baptizado, Odila recobrou milagrosamente a vista. Recolheu-se, porem, a um convento, onde cresceu cheia de graça e belleza. Um dia, porem, um de seus irmãos resolveu trazêl-a de volta á casa paterna. O rapaz julgava que o duque sentiria grande alegria em tornar a ver sua filha. Tal não se deu, pois Adalrico ficou furioso, e, apesar de gostar immenso do filho, mandou matál-o por sua desobediencia.

Foi, porem, perseguido pelo remorso, e, para mostrar seu arrependimento, mandou buscar a filha, tratou-a com toda a ternura, e lhe fez presente, para fundar uma communidade religiosa, do seu castello de Hohenburg.

Esse castello é o actual convento de Santa Odila, que domina orgulhosamente toda a planicie Alsaciana.

Odila reuniu em torno de si cento e trinta companheiras, ás quaes deu os melhores exemplos de todas as virtudes. Depois, o castello tornou-se pequeno, e a santa fundou outro mosteiro: o Niedermunster.

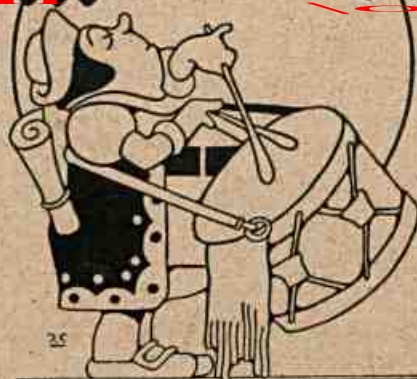
Falleceu no dia 13 de dezembro do anno 730.

* * *

SPONTINI — Gaspar Spontini nasceu no anno de 1774 e morreu em 1851. Foi o homem do imperio napoleonico. Cahiu nas graças do imperador e da imperatriz Josefina, o que lhe valeu um posto bem remunerado. Em 1807, na Opera de Paris, foi representada a sua "Vestal", sendo tão grande o successo, que obteve cem representações. O nome do compositor, em pouco tempo, tornou-se celebre em quasi toda a Europa. Suas obras subsequentes, "Cortez" e "Olympia", tiveram, tambem, optimo acolhimento.

Pouco a pouco, porem, foi diminuindo o enthusiasmo dos parisienses por Spontini, pois um novo astro musical, na pessôa de Rossini, vinha de apparecer.

Algum tempo depois, a convite de Frederico Guilherme III, rei da Prussia, Spontini deixava Paris com destino a Berlim.

Saibam todos...

SYLMA (Capital) — Oh! Estou encantado com as suas palavras gentis. Conhecer-me, pessoalmente, não é coisa difficil. Mas penso que não ganharia nada com isso. Em geral, os autores não correspondem á idéa que os leitores (e principalmente as leitoras) formam de sua pessôa.

Em todo caso, v. ex. me encontrará, nesta redacção, á tarde, entre 4 e 6 horas.

A seu inteiro dispôr, senhorita.

MISS REALISTA (Capital) — Antes de tudo, quero dar aqui a sua missiva, sem lhe alterar o texto.

Escreve-me v. ex.:

"Rio, 19 de setembro de 1934. Mui distincto e talentoso Snr. Bastos Portela. — Admiradora que sou já ha muitos annos da sua esplendida secção da revista FON-FON, "Saibam todos", brilhantemente dirigida pela sua intelligencia e espirito finissimos, e sabendo por isso mesmo quão gentil é o senhor para com as pessôas que o consultam, venho hoje á sua presença para pedir a abalisada opinião do insigne poeta com respeito á producção poetica que junto envio. E' uma das primeiras que tenho escripto e não sei se poderei publical-a algum dia, essa e as demais. Infelizmente tenho tendencias para o genero realista, e, como disse certa vez Gilka Machado: "No Brasil as mulheres não teem o direito de dizer o que pensam". E' quasi certo, pois, que assinada com o meu nome, jamais venha a estampar em letra de forma as minhas poesias. Isso emquanto viva. Depois de morta, se forem bons os meus trabalhos, não me importaria que os publicassem. Eis porque desejo ansiosamente saber sobre os mesmos a opinião de um dos mais vibrantes e perfeitos poetas que o Rio possue.

Responda, por obsequio, para o pseudonimo: *Miss Realista.*"

Permitte-me um commentario?

E' bem verdade que o nosso meio social é ainda bastante rigorista, em materia de idéas, litterarias ou não, principalmente, em relação á mulher.

Com a nossa mentalidade provinciana, é claro que tudo que foge á estreiteza dos pontos de vista dos puritanos, dos burguezes, dos reformadores, dos Catões, é feio e censuravel na mulher. Mas tambem quero crêr que a hypocrisia, em se tratando de arte, é um crime imperdoavel. Mentir á nossa consciencia artistica com receio da critica ou para dar satisfação a censores de mentalidade acanhada, é uma fraqueza que não merece perdão.

Escrever, sob anonymato, para fugir á responsabilidade das proprias idéas e expansões de alma, é uma covardia. E' querer dar de si uma impressão mentirosa, uma idéa que, no fundo, não corresponde á verdade. E nesse caso, é melhor não escrever e deixar a literatura aos que têm a coragem e a altivez de acarretar com os onus e a responsabilidade da sua attitude decidida. Essa a minha opinião, á respeito da sua situação literaria. Eu acolho com grande sympathia aquelles que têm o desassombro de escrever o que sentem e o que pensam.

Quanto ao seu poema, devo dizer que elle me impressionou muito bem. Sente-se que ha uma artista, por traz daquelles versos candentes.

PLINIO (S. Paulo) — Oh! infinitamente grato pela sua gentileza. Recebi o volume de Pirandello, mas devo dizer que já possúo essa obra do grande autor italiano. Entretanto, eu a guardarei na minha estante, com a maior sympathia. E isso por dois justos motivos.

1.° — porque o sr. provou que se recordou de mim, estando em um paiz, como a Italia, onde tudo é belleza e novidade para os espiritos de astutos;

2.° — porque, offerecendo-me esse livro, quiz patentear a sua admiração pela minha pessôa, conforme declara no seu amavel postal.

Ora, tudo isso é surprehendente para mim. Si o sr. fosse como certos cacêtes, que tudo pedem e desejam da nossa bôa vontade, eu acharia justificavel esse desejo de querer fazer-me uma gentileza qualquer. Mas o sr. faz notar que nem me pede um estudo de graphologia, nem é poeta que me venha atormentar com sonetos mancos.

Realmente assim é. De modo que o seu presente, tem, para mim, esse duplo valor: — o de uma lembrança amavel e o de uma gentileza captivante.

Com relação ao pedido que me faz, de dizer o que penso do autor italiano, direi o que todos dizem: — é um escriptor moderno, interessante, original, e que faz pensar.

Em regra geral, recebo, aqui, certas missivas, que, embora com a letra disfarçada, e assignadas por um nome feminino, não escondem, sufficientemente, o sexo barbado de quem a escreve. Quer dizer, certos cavalheiros, fingindo Eva, me dirigem cartas que dão a idéa exacta de que foram escriptas por mulher. Mas, agora, a sua missiva, — embora com letra de homem e assignada por *Plinio*, me faz pensar que v. ex. não veste calça, mas saia...

E sabe por que? Porque o papel de linho perfumado, e aquelles cuidados com o livro, envolto em papel de sêda, fitinha azul, etc., são detalhes que um cidadão não observa. E' melhor confessar que v. ex. é uma encantadora *paulista*, e não guapo e formoso *paulista*...

Mas, si estou em erro, — queira perdoar essa supposição. Ella em nada o diminue.

E mais uma vez me convenço de que o sr. é um "gentleman" perfeito. Obrigado.

MARIO (E. do Rio) — Perfeitamente, caro confrade. Não é habito meu dar opinião sobre originaes de livros a serem publicados. Como tambem não escrevo prefacios. Nem creio que os meus tenham algum valor. Mas, posso recebel-o, aqui, na redacção, entre 4 e 5 da tarde ou pela manhã, desde que me avise, antes, sobre a sua visita. Telephone — 2-4136.

JENNY (Capital) — Infelizmente, não posso publicar o seu conto.

ROSA SELVAGEM (S. Paulo) — Não me é possivel attender o seu pedido de estudo graphologico. Só faço taes estudos, quando se trata de pessôas das minhas relações, ou quando sou procurado, pessoalmente, pelos interessados.

(*Continúa na pagina seguinte*)

STENIO DE SA' (Pernambuco) — Meu caro confrade. Dando acolhida a sua reclamação, o que me parece mais logico é publicar a sua carta, *ipsis verbis et litteris*, em confronto com o soneto a que se refére.

Aqui vae, pois, a sua missiva, na integra::

"Recife, 15-9-934. Meu caro Bastos Portela,

o meu afetuozo abraço.

Eis-me mais uma vez ao teu encontro amigo. E agora levado para reclamar a paternidade (emquanto não apareça o avô...) de um soneto publicado em o ultimo numero de FON-FON (n.º 86) e assinado por um interessante plumitivo poeta — José Silva Rios — intitulado: Felicidade... (ó, infelicidade!...)

Quando tive a idéa de organizar uma poezia, na qual colaborasse o maior numero possivel de poetas pernambucanos, escrevi a quadra inicial, subordinando-a ao titulo — Evocação da Felicidade — que foi desdobrada, e, quando terminada, enviei-lh'a, sendo publicada em o numero 4 de FON-FON, de Janeiro de 1930, seguida de uma apreciação sua. A quadra era a seguinte:

— Eu que fujo de ti, e que me [esquivo
de te evocar, em sonho ou rea[lidade,
ontem, não sei porque, porque mo[tivo,
sonhando, eu te evoquei, Felici[dade...

Um dia, porem, eu pensei em desdobrá-la, dando-lhe mais ou menos um sentido parecido, e o consegui, fazendo mais 15 quadras, que, com o mesmo titulo, fôram publicadas na Revista Souza Cruz, n.º 198, de 1933, por intermedio do meu bonissimo confrade — o grande poeta Murilo Araujo. Talvês que, achando-as bonitas, o plumitivo e "infeliz" pseudo-poeta José Silva Rios da Infelicidade, transformou-as num soneto, e, zás, enviou-o á sua bôa fé.

Sendo a poezia grande, eu vou apenas transcrever as quadras que fôram compiladas injenuamente:

— Ao chegares, cinjiste-me em teus [braços
e, num jesto de mãe ou de enfer[meira,
trataste-me as tristezas e os can[saços
e as dores de minh'alma cansio[neira...

Felicidade, eu te encontrei, so[nhando,
e, ora, este sonho a minha vida [inteira...
Ah, mas na realidade, procurando,
eu nunca... nunca... ei de encon[trar-te, nunca!...

Mesmo porque, tenho certeza, vejo,
que só existes como eu te suponho:
— no florir passajeiro de um De[sejo
ou na existencia efemera de um [sonho...

Portanto, confrontando, vê-se que o snr. José Silva Rios agio com leviandade, apoderando-se de algumas quadras minhas, transformando-a num soneto!

Agora, resta a você fazer a retificação, e, a mim, apenas agradecer ao plumitivo José Silva Rios da Infelicidade a oportunidade de ter-me feito conhecer mais um admirador, e ao mesmo tempo lamentar a sua dezastrada "primeira estréa" no mundo das letras como poeta-cômodista dos versos alheios.

E aqui fica o amigo e confrade de sempre, num agradecimento sincero — *Stenio de Sá.*"

"P. S. Aproveito o ensejo para enviar-lhe alguns trabalhos."

S.

Agora, o soneto, tal qual o sr. Rios o imitou, com o plágio evidente de alguns versos... Aliás, o trabalho em questão, sahiu em o nosso numero 36 e não 86.

FELICIDADE

Eu, que não quero ver-te, e que [fujo
de te evocar em sonho ou reali[dade,
hontem, não sei porque, porque [seria,
sonhando, eu te chamei, Felici[dade!...

Vieste, emfim... Trouxeste-me a [alegria,
trataste-me a tristeza que me in[vade...
Mas, ah! quando feliz eu renascia,
tu me fugiste, então, Felicidade!

E' ora este sonho minha vida in[teira...
Porém, na realidade, eu bem pre[feria
que nunca... nunca... hei de en[contrar-te, nunca!...

Pois só existes como eu te sup[ponho:
— no florir passageiro de um de[sejo
ou na existencia ephemera de um [sonho...

José Silva Rios

Quanto á collaboração a que allude, eu a não recebi.

Yves

SAIBAM TODOS...

(CONCLUSÃO)

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupons abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone: 2-4136

FON-FON — 6-10-934

Data da consulta ....

Nome da consulente ....

....

Fascinação...

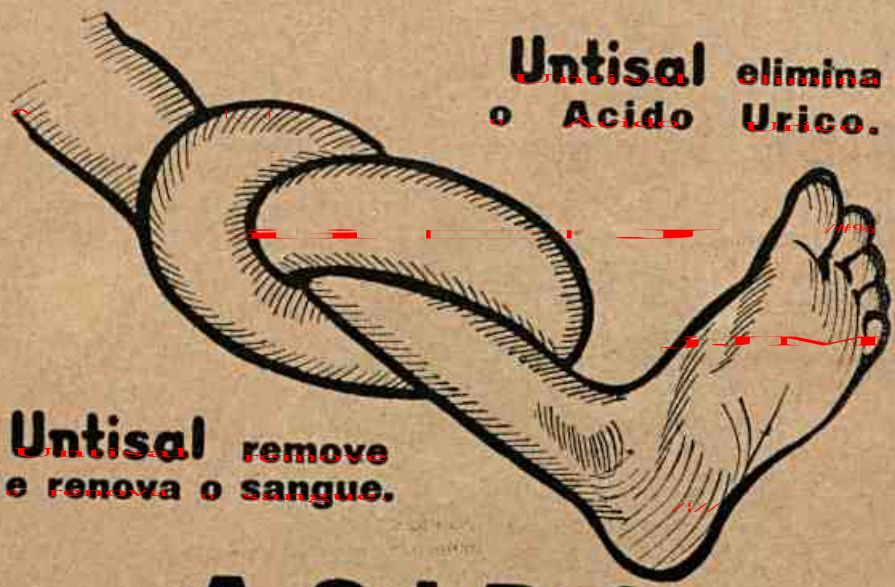
E' tão grande o seu fascinio, é tão forte o seu poder de seducção, que o homem quasi triste, perfeitamente identificado na sua vida sem attractivos, sentiu um desejo maior de viver differente, de sorrir, de ser igual aos outros felizes.

Porque o homem quasi triste ainda é bem moço. Esses fios de prata traduzem antes um mundo de pensamentos insatisfeitos, soffridos em horas tardias; lembram desejos de vôo sem sequencia; symbolizam miragens esverdeadas; dizem tudo, mas não dizem avanço em annos pela vida em fóra. O homem quasi triste ainda é bem moço. E elle não é um scéptico. Na sua vida encontrou sempre motivos para a luta em pról da realidade de seus sonhos distantes. E' um coração que sabe sentir, que sabe comprehender dentro do modernismo da hora que passa.

Hoje, você, mulher fascinante, cruzou lentamente, como sem querer, pela via sem encantos dessa vida lutadora. E é tão forte o seu poder de seducção, é tão envolvente a caricia morna de seus olhos grandes, que elle está vencido. Vencido pela fascinação! De hoje em deante o homem quasi triste viverá guiado pela embriagadora fascinação que é você, figurinha de olhos grandes, fina, encantada.

Resta a esperança de que você não personifique tambem a desillusão. Fica o desejo de que você realize o sonho maior idealizado por annos e annos, sem decepcionar.

E você póde realizar, porque você é mulher.

A. Beltram Sousa

CARTAS A NINON

MINHA AMIGA. — Ha muito que o correio não me dava a satisfação de ser portador de carta sua. Hoje, porém, indo abrir o deposito, encontrei o enloppe com o timbre e o perfume esquisitamente seus. Em você, minha amiga, tenho muito que admirar. Não só sua intelligencia, rara nas mulheres, mas tambem a sua libertação de certos preconceitos, sem o escandalo peculiar ás suas companheiras de sexo.

Você, mulher moderna, tem a sua personalidade. E' uma creatura que não se perde em meio da futilidade ambiente. Talentosa, culta, abusivamente bem educada, imprimiu á sua vida um cunho de felicidade que contagia aquelles que a perseguem com os protestos da sua sympathia. E, reconhecendo em você todas as qualidades optimas de uma verdadeira mulher é que confesso ter estranhado sua carta censurando-me pelo facto de "falar mal das mulheres". Asseguro-lhe que foi tendenciosa a informação que lhe prestaram. Eu não digo mal das mulheres, que têm em mim um servo dedicado e attento. Falar mal, quer dizer, proferir coisas em prejuizo de outrem. Eu tal não faço. Apenas, declaro, alto e bom som, ir o sexo fraco em caminho errado, dando preferencia ao que de ruim ha no cinema. No "écran" apparecem scenas repellentes e são desenvolvidos themas de grandeza moral. As mulheres preferem ficar com as primeiras, desprezando os segundos. E, falar mal dellas, seria falta de piedade, quando não de caridade.

As mulheres modernas são mais dignas de commiseração que de insulto. Exceptuando a minha amiga. O ridiculo que offerecem merece o nosso perdão, pela irresponsabilidade. Se culpado ha, o homem é o unico. São os maridos, os paes, os irmãos, que contribuem com as psychoses para o augmento da cifra. E' de se ver, nos logares tidos como de "élite", mulheres de todos os estados civis em apparencia de "cocottes". A copia é mais desabonadora para as outras que para as imitadoras. Em umas ha o desprezo social a lhes vincular a vida amarga. Nas outras ha a protecção dos interessados para que seja mantida a corrupção que assola os nossos lares de escol. Tenho pelas mulheres um culto especial. A ellas offereço sempre que posso, o voto da minha profunda admiração.

No emtanto, para o bem dellas, entendo que devemos precisar bem a differença entre as virtuosas e as viciadas. Conheço mulheres fieis com virtudes e sei de "senhoras honestas" que possuem vicios. Ambas são irmãs? Não. A mulher que a sociedade desprezou, em meu conceito, tem direito ao nosso carinho. Aquella, cujos paes, maridos ou irmãos a mantêm com suas mazellas, no nivel social, deve ser repellida, não para as sargetas mas para a sociedade que lhe é propria... Assim, conheço creaturas humanas, que diversos preconceitos atiraram aos lupanares, e que demonstram qualidades moraes registaveis, como tambem sei de lares onde a devassidão chega ás raias de paginas de Musset, em "Gamiani"...

Uma mulher casada, solteira ou viuva cheia de vicios deve ser equiparada á peor das profissionaes do amor. Uma mulher que a imprevidencia, a miseria moral dos homens sacrificou no inferno dos bordeis e cujos sentimentos apreciaveis podem fazer della uma santa, deve ser chamada para a nossa sociedade, pois que revela melhor destino que a outra.

Você, não. Tem da vida moderna tudo o que de utilitario ella póde fornecer. Os vicios, os defeitos, as miserias, tudo isso a minha amiga aboliu do modernismo, para dar só. Saber se dirigir, governar sua casa. Frequentar rodas escolhidas. Fugir das conversas onde o sal está no "double sens" immoral. Não ligar aos galanteios dos conquistadores de calçada. Saber a vida das mulheres que só bem onde têm o nariz e o que você faz. Nem o seu noivo terá motivos de aborrecimentos ou de ciumes, nem os seus amigos, como os terão ensejo de ouvir o seu nome vehiculado por profissionaes da maledicencia.

Sua conducta, eu a tenho na devida consideração, mais pelo espirito de caridade do que por solidariedade por presumivel sexo.

Fique certa de que a Mulher encontrará em mim um escravo de todas as suas virtudes, mais admirador do que nunca, e, affectuosamente, lhe beija as mãos

APOKAI DE MENDONÇA

O PASSADO

De BARBARA HEDWORTH

NÃO posso muita vez deixar de perguntar a mim mesma como é que uma rapariga intelligente, ou que pelo menos goza desta fama, póde commetter o erro fatal de narrar ao homem a quem ama, e pelo qual é amada, todos os vicios e virtudes de outros homens a quem antes amou.

Parece-me ouvir os protestos de algumas bôccas femininas:

— Mas o meu noivo mostra-se tão interessado por tudo quanto se passou commigo antes de me conhecer!

Ellas não sabem, porém, como se enganam! Com essas historias de coisas passadas não fazem senão pisar num terreno perigoso.

Cada vez que alludem a qualquer outro homem que em outro tempo elegeram, Pedro ou Paulo, emfim, o actual, ha-de sentir-se vagamente ferido, desilludido. E' duvidoso que o noivo, o joven esposo, o outro, emfim, disponham de bastante intelligencia para acceitar o facto de que na vida de suas amadas outros homens tambem haviam occupado um pequeno ou grande logar antes que elles tenham vindo occupar aquelle coração. Vendo-as tão bonitas e attrahentes, confessam que não podia ser de outro modo, mas acreditam, não querem absolutamente que lhes venham fazer lembrar essas coisas.

Os homens são, por natureza, mais parciaes em seus juizos do que as mulheres.

A elles só interessa na vida emocional da mulher amada a parte que a elles cabe, e nada querem saber dos sentimentos que outros despertaram.

E' como se atirassem uma esponja molhada ao rosto do homem apaixonado cada vez que a dona de seu coração principia a fazer dessas levianas reflexões: "Que engraçado! José dizia-me a mesma coisa!" Ou então: "E' interessante que pensas do mesmo modo que Jorge!"

Nenhuma mulher deve dizer: "Querido, quanto mais eu te amo, mais vejo que não poderia ter amado Augusto!"

Quero que se saiba que acredito na absoluta confiança que deve existir entre dois sêres que se amam. Se alguma vez houve algum Pedro ou Paulo em vossas vidas, é melhor que elle — o eleito de hoje — o saiba por vós mesmas do que por outras pessôas que possam adulterar os factos.

Mas nunca — ouvi bem! — nunca deveis mencionar Pedro ou Paulo como exemplo cada vez que se troquem protestos de amôr e de dedicação.

Supponhamos, por exemplo, que um homem haja convidado a eleita de seu coração a assistir a uma partida sportiva, que ella se sinta pouco interessada e diga:

(Cont. na pag. seguinte)

O "Rei da Cebôla"

ELLA era uma loira graciosa com idéas *hollywoodianas*.

O grande sonho de sua vida era um escandalo, onde houvesse romance. Sensação! E que provocasse furor em todo o paiz, através do noticiario dos jornaes.

Miss Smith era admiradora de Mae West. Desconhecia por completo Deily ou Ardel, mas possuia a collecção completa de Pitigrili.

Uma "girl" e mais alguma coisa...

Era filha duma cidade bonita de Kansas. Mas, premida pelas necessidades, teve de iniciar sua vida em S. Francisco, lá na California onde o Pacifico atira suas aguas "salgadamente" pacificas.

Mas, o sonho dos 18 annos de Miss Smith era: Hollywood ou Nova-York.

Gloria, ou Fama!

Desejava, ás vezes as duas...

Simples caixeirinha dum bazar barateiro, ficou conhecendo Mr. Strong.

Foram juntos a um parque de diversões. Compraram sorvetes e "embriagaram-se" nas "montanhas russas". Foram a um cinema onde Clark Gable beijava Joan Crawford.

Dahi começou o "flirt".

Houve namoro. Noivado. Licença de casamento.

O "conjugo vobis" foi celebrado por um pastor muito simples que vivia mettido em philosophia, e, nas horas vagas, estudava um meio de inventar o casamento pela televisão.

Nesse dia, Miss Smith soube que Mr. Strong era o "rei da Cebôla".

* * *

Nos Estados Unidos, para ser "rei", basta possuir milhões de dollars.

Para ser "miss"... é facil... Todas as garotas o são... sejam lindas ou horriveis...

* * *

A lua de mel foi realizada no "yacht" todo branco de Mr. Strong.

Os jornaes-cinematographicos registaram tão auspicioso acontecimento. A imprensa californiana deu ao casamento um cunho de sensação.

E... lá se foram os recem-casados, pelo Pacifico a fóra, sonhando com uma vida rosea e feliz...

O navio-branco percorreu mares. Do Pacifico foi ao Atlantico. Estiveram na America Central... em Havana...

Na capital cubana os recem-casados dançaram um "rumba" tão formidavel, que os revolucionarios pararam o combate para apreciál-os...

Nesse dia, não houve luta sangrenta nas ruas de Havana...

* * *

Foram á Nicaragua para conhecer o grande Sandino.

Mas, infelizmente, elle já havia sido assassinado...

* * *

Desembarcaram em Nova-York. Miss Smith estava disposta a afogar-se nas aguas do Hudson...

O PASSADO

(Conclusão)

— Ah! querido, posso assegurar-te que jámais faria por Pedro o sacrificio de passar duas horas aqui. Só mesmo tu! Pedro levar-me-ia ao cinema, de que tanto gosto.

Estas palavras dariam ao apaixonado uma terrivel sensação de frio.

Não póde haver nada peor do que citar as observações de outro homem ao homem actual. Se elle está vendo achar que a vossa bôcca menos melha demais, que com "rouge" ficaria melhor, é preciso não responder:

— Mas Paulo sempre dizia que eu ficava bem com a bôcca muito pintada!

Não toqueis em caixas e gavetas para encontrar velhas cartas de amôr no desejo de mostrar a José o que outros escreveram outrora.

Essas phrases terão o effeito de alfinetadas que hão de ferir o amôr que soubestes inspirar.

Não. Não desenterremos o passado!

De Carlos de Bragança

e Mr. Strong só falava em seguir para Singapura...

* * *

Miss Smith iniciou a acção de divorcio...

Escandalo! 30 dias apenas de casados!

Os rotativos "yankees" fizeram "barulho" estampando os retratos do casal na primeira pagina.

Os garotos gritavam nas ruas de Nova-York:

—"O divorcio do "Rei da Cebôla".

—"O Rei da Cebôla é accusado de crueldade pela esposa!"

* * *

E... os tribunaes concordaram que o "Rei da Cebôla era um bruto.

Miss Smith separava-se accusando-o de haver atirado ao mar o seu cachorrinho de estimação... e que se rira de suas lagrimas!

Um bruto!

O mundo todo commentou, falou e revoltou-se contra o "Rei da Cebôla"... e todo mundo teve dó da "pobrezinha" que recebeu de indemnização 180 mil contos!

* * *

Miss Smith viu assim realizado o seu grande sonho: Nova-York! Fama!

E, a fama foi tal... foi crescendo tanto... que Miss Smith foi contractada por importante empreza cinematographica.

E miss Smith venceu mais uma vez: Hollywood! Gloria!

* * *

Quanto a Mr. Strong, se perdeu 180 mil contos pelo simples facto de atirar um cachorrinho no mar... ganhou 800 mil contos!

Pois, desde a mais simples cozinheira até a mais alta dama passaram a comprar cebolas do famoso "Rei da Cebôla", que conseguira assim optima propaganda.

E ainda mais... pois mandára imprimir em seus cartões de propaganda o seguinte: — Mr. Strong o "divorciado" "rei da Cebôla"...

ANTES DE GUTTENBERG

— Seu romance tem tido um êxito louco... Esta já é a quinta cópia...

Notas de ARTE

O SALÃO DE 1934. — Como publico, percorremos 4 vezes, de relance, a 40ª Exposição Nacional de Bellas Artes, realizada no Palacio das Bellas Artes, de 15 de agosto a 30 de setembro, com o proposito de sempre: registrar as nossas impressões, de chronista e não de critico, francas e sinceras, embora discutiveis ou mesmo erroneas, todas emittidas sem sympathias ou antipathias preconcebidas, e só inspiradas no grão de belleza emotiva que nos proporcionem os poemas plasticos.

Constituido de 404 producções — 293 de pintura, 38 de esculptura, 47 de gravura de medalhas, 24 de desenho e 2 de architectura (projectos) — o Salão de 1934 deu-nos em conjunto a impressão de possuir numerosos trabalhos de relativo valor, alguns de grande valor e nenhum de valor excepcional. Um só talvez merecesse esta ultima classificação, se não nos parecesse carecer de mais rigor anatomico. E' *Jaguaray*, o marmore vivo de Carlota Nascimento, inspirado no poemeto "Yara", de Olegario Marianno.

Idealizando embora assumpto que não nos agrada, sobresahe uma tela grande que é um grande tela — *O Samba*, de Manoel Faria. Trata-se de um quadro verdadeiramente vivo. As figuras não parecem paradas, mas se agitam sambando. Mal empregado tanto talento e tanta arte!

Outro quadro vivo, de grande força communicativa, é *A Bordadeira* ou antes *No bastidor*, como lhe chamou o autor, que é Oswaldo Teixeira. Com aquella exuberancia de côres que tanto lhe distingue os quadros, o artista plasmou a scena com tal verdade que se ouve o movimento da agulha e se vê exteriorizada a attenção intensa da moça bordando.

A *Reminiscencia* de Aug. Bracet, um primor de idealização physica e psychica. A naturalidade da attitude e a expressão physionomica conjugam-se para suggerir todo o mundo de pensamentos que devem ter acudido á senhora ao ler o livro abandonado sobre o divan.

De impressionante perfeição emotiva, o quadro de Carlos Oswaldo — *A seára é grande mas poucos os obreiros*.

O nú sem nome de Manoel Constantino, e que se poderia chamar *Modelo em repouso* ou *Bella adormecida*, e tem o n. 81 no Catalogo, é dos poucos que fazem o visitante parar afim de o contemplar com curiosidade e emoção. A não ser algo de velado no fundo do quadro toda a figura da mulher é de communicativa belleza, belleza physica das formas desnudas e belleza psychica irradiando do placido somno que a envolve como de um manto diaphano de castidade e de pureza.

Helios Seelinger, sempre extranho mas magistral, nos attrae e nos prende com a tela viva — *Chico da Silva*.

Feira Livre, de Euclides Fonseca, outro quadro vivo. Contemplal-o é transportar-se para a scena que elle representa.

La fenestra, de Felicitas Meyer Beer Barreto, e *Canto de atelier* de Malagoli — dois poemetos notaveis pelo bem acabado das linhas e das côres: modelo de arte imitativa. A mulher no primeiro e as fructas no segundo, dão a illusão de plena realidade.

Miscellanea, de Gaspar Magalhães, um raro especimen de pintura dynamica, pintura em que figuras e objectos parecem todos estar animados de uma força occulta, capaz de os movimentar. Na desordem dos elementos da tela, predomina o bellissimo effeito do conjuncto, que a todos ordena e harmoniza.

Ainda outro quadro vivo, primor technico e esthetico, o de Henrique Bernardelli — *Fazendo contas da compra*.

Mais um nú sem nome, que chamamos *Adormecida*, de autoria de Orlando Teruz, digno de grande louvor. Não se sabe que mais admirar, se a perfeição do desenho, a belleza do colorido ou a castidade que flue da nudez.

Levindo Fanzeres, que nos parece um dos mais perfeitos dos nossos pintores no manejo technico da arte, dá-nos mais uma prova do asserto com a linda paizagem — *Caminho da Fazenda*.

(*Continúa na pag. 24*)

Joanidia Sodré, a 1.ª maestrina brasileira, que acaba de alcançar bello successo na regencia de dois concertos realizados no Theatro Municipal, num dos quaes tocou, como solista, o celebre pianista Moris Rosenthal.

UMA AVENTURA

De Robert Dieudonné

A senhora Heurtelin, com mão impaciente, deu em sua filha Margarida um sonoro bofetão. A joven estava apaixonada por André, o empregado do armazem de comestiveis, e commettera a imprudencia de entrar em casa ás duas da manhã, depois de passar a noite no baile.

André seria para Margarida um partido tão acceitavel como qualquer outro, si não tivesse sido obrigado a partir no decurso da semana para Remirémont, afim de cumprir o seu anno de serviço militar e não existisse o perigo de não mais voltar ao berço natal.

A senhora Heurtelin temia pela filha, joven sentimental e sedenta de aventuras, mas enganava-se ao acreditar que uma tapona poderia apaziguar uma paixão novellesca. Pelo contrario, Margarida, sem enxugar as lagrimas, fechou-se a chave no quarto. Metteu a roupa numa maleta, saltou pela janella para a rua e encarregou o primeiro garoto que encontrou de ir dizer a André que o esperava na estação, onde não demorou em se apresentar o galã.

— Que succede?

— Minha mãe bateu-me por tua causa, e, como não me conformo, resolvi ir embora comtigo.

— Para onde?

— Para Pariz, primeiramente. Sabbado irás buscar-me e acompanhar-te-ei a Remiremont.

— E que vaes fazer ali? Não sabes que, no regimento, só nos dão por dia um centimo?

— Eu não te peço nada. Procurarei trabalho. Quererás deixar-me?

— Não é isso. E' que, se não encontrar trabalho logo, não vaes ter o que comer.

— Tenho alguns francos de economia e poderei resistir algum tempo.

— Quantos?

— Uns mil e quinhentos.

— Então, é preferivel que não gastes o dinheiro em Paris, emquanto não te posso ir buscar. Daqui até sabbado poderias continuar em casa de tua mãe.

— E si ella tornar a bater-me?

— Ameaçarás ir embora e ella ficará mansa.

Ella resistiu e André insistiu. Umas caricias do galã pareceram convencêl-a.

— O melhor — disse André — é que me dês esse dinheiro. Irei primeiro. Procurar-te-ei um pequeno quarto e prepararemos tudo para as bodas. Uma vez casados, tudo se arranjará com carinho. Parece-te bem?

— Ainda o perguntas? Então, tenho que te entregar as minhas economias?

— Claro! Como poderemos installar-nos sem dinheiro?

Margarida tirou do seio um envelloppe e entregou-lh'o

— Volto, então, á casa de mamãe, não é?

— E' o melhor

Voltou. André partiu dois dias depois e Margarida nunca mais o viu. Mas, como era orgulhosa, ninguem se inteirou da sua lamentavel aventura...

NOTAS DE ARTE — (conclusão)

Embora não agrade á nossa sensibilidade a pintura que não resiste ao exame minucioso das linhas e das côres e só impressione pela illusão da distancia, nem por isso deixamos de admirar especimens do genero. Eis porque destacamos na pinacotheca exposta o quadro de Manoel Santiago — *Encantamento*. A scena é viva e impressionante. Mas já o mesmo não diremos do *Estudo* (numero 138) e do *Contra luz* (n. 138) de Henrique Cavalleiro. Qualquer que seja para os technicos o valor technico de semelhantes quadros, para nós não passam de borrões. Desculpe o artista, que é um dos nomes prestigiosos da pintura brasileira, a irreverencia do leigo. Impressão semelhante tivemos com o quadro, premiado com medalha de ouro, de Haydéa Santiago — *Domingo de missa em Therezopolis*. Revela certo a mestria da pintora em fazer com que borrões dêem á distancia a impressão de pintura, mas isso não basta. Ainda somos pelos processos dos grandes mestres do passado, que, pela sua perfeição em deixarem na tela a idealização do real, enganavam os pássaros, como Zexis, ou illudiam o proprio Zexis, como Parrhasio. Somos assim *passadistas*, mas nunca *ultrapassadistas*, isto é applaudimos os que seguem as lições do passado proximo, do passado historico, e não a do passado remoto, do passado prehistorico, onde o borrão é que era pintura...

Entre os retratos nos impressionaram mais especialmente o *Auto-retrato*, de Ruth Lisbôa; os de Elyseu Visconti, ns. 287 a 289; os de Guttmann Bicho, ns. 126 a 128; o de Aug. Bracet — *Mlle. Alard*; o de Marques Júnior — *Hernani de Irajá* (n. 218); o de Moema Machado — *Ignez*) n. 227); — todos animados por grande força expressiva, alguns mesmo dando a illusão de estarem os retratados vivos na tela.

Depois de Verinha — um dos grandes pequenos poemas de marmore da grande esculptora patricia Nicolina de Assis, e de *Jaguarary* de Carlota Nascimento — o mais notavel, o mais lindo, o mais impressionante trabalho do Salão — destaquemos *Remorso*, de Celita Vaccani; *Ad gloriam*, de José Rangel; e os bustos de Modestino Kanto — *Sr. Nestor Moreira Alves* e *Senhorita S. O. S.*

São de assignalar ainda as gravuras: de Aug. Girardet — *Nossa Senhora*, *Escravos* e *Santa Therezinha*; as aguas fortes (?) de Carlos Oswaldo — *Alberto Nepomuceno* e *Francisco Manuel*; e os desenhos vivos e eloquentes de Raul Pederneiras *E' bôa* e *Photogenica*.

Nessa enumeração do que mais intensamente nos impressionou, deixamos de incluir quadros que, figurando em outras exposições, já foram objecto de referencia especial em chronicas anteriores. Taes são *Resurreição de Lázaro* de Levindo Fanzeres; *Miarka*, de Sarah de Figueiredo; *A que ficou*, de Raul Pedrosa; e *Jangadeiros*, de Vicente Leite.

Naturalmente mais minucioso exame nos levaria a destacar no mesmo plano dos citados, outros trabalhos. Entretanto essa falta não nos impede de assignalar alguns que tambem nos chamaram a attenção, que despertaram mais especialmente a nossa sensibilidade. Taes são, entre outros, e conforme a ordem numerica do Catalogo: os pinturas — *A vida*, de Alberto Naddeu; *A vida*, de Eugênio Latour; *Fundação da Cidade do Rio de Janeiro*, de Francisco Acquarone; *O homem da capa verde*, de Hernani de Irajá; *Minha mãe*, de Isabella de Sá Pereira; *D. Okena Serpa*, de Jordão de Oliveira; *O amigo Ignacio*, de José Maria da Silva Neves; *S. Francisco*, de Luiz Katenback; *A classe* e *Historias da Avosinha*, de Olga Mary; *Menina de sitio*, de Padua Dutra; *Retrato de Ruy Campello*; *Velha mangueira*, de Vicente Leite; *Casal Nepomuceno e Manoel Santiago*, de Yvonne Visconti; *Natureza Morta*, de Ruth Lisbôa; *Phantasia hespanhola*, de Zite Murillo Ferreira; — as esculpturas: — *Saudade*, de Carlos del Negro; *Novo Prometheu*, de Honorio Peçanha; *Aprés le rêve*, de Humberto Cozzo; *Dr. Luiz Carpenter*, de Laurindo Ramos; *Rodolpho Bernardelli*, de Hildegardo Leão Velloso; — as gravuras de medalhas: — *Retrato de senhora*, de Aug. Girardet, *Berthelot* e *Oswaldo*, de Calmon Barreto; *Cabeça*, de Orlando Moutinho Maia; — os desenhos — *Dr. Pacheco* e *Palhaços*, de Ary Duarte.

Com todas as restricções que se possam e se devam fazer ao Salão de 1934, a verdade é que representa mais um louvável esforço em prol das artes plasticas, não só pelos trabalhos dos mestres consagrados, como tambem pelas producções de artistas que aspiram á mesma consagração.

GALLI CURCI. — Esperado com natural e explicável ansiedade, dado o valor e a fama da concertista, realizou-se no T. M. em a noite de 27 de setembro o concerto da celebre cantora Amelita Galli-Curci, com o concurso do pianista Homer Samuels e do flauta Raymond Williams. Foram executados pela cantora os numeros deste programma, além de meia dúzia de extras: I) *Se florindo é fedele*, 1659-1725 de Scarlatti; *Qual ruscelletto*, 1630...) de Paradisi; *Belle Manon*, *Nanette*, *La petite Jeanneton*: romances e canções do século XVIII (bergerettes); *Tarantella*, de Rossini; *Waldeinsamkeit*, de Reger; *Parla*, de Arditi; *Paysage*, de Hahn; *Pretty mocking-bird*, de Bishop; II) *Cantar popular*, [illegible] Ouradors; *Pierrot*, de Homer Samuels; *Roses d'Hiver*, de Fontenailles; *The Browies*, de Leoni; *Ombra leggiera*, de Meyerbeer. Houve tambem um solo de flauta — *Concertino*, de Chaminade, e trez solos de piano — *Minuetto* de Schubert; *Rêverie*, e *Golliwogg' Cake Walk*, de Debussy.

Se a concertista fosse uma cantora vulgar, diríamos que se exhibira com apreciaveis dotes vocaes e artisticos; que os mostrara com maior ou menor correcção em cada numero; que se revelara mesmo notavel na exhibição de um delles — *Parla*, de Arditi. Diriamos por isso mesmo que a sua voz adquirindo pela cultura melhor timbre, maior extensão, mais musicalidade, eliminando defeitos, seria ella mais tarde, bella cantora. Mas a concertista a quem ouvimos, era uma cantora famosa, pertencente á pleiade de celebridades mundiaes com Calvé, Tetrazzini, Melbá, Ferrar e outras do mesmo porte; a cantora era — Amelita Galli-Curci... Dahi a nossa e a decepção do publico. Mal começou a cantar — *Se Florindo é fedele*, sentimo-nos deante da que foi, mas não é mais excepcional musa do canto. A sua voz perdeu toda a antiga belleza de timbre; está velha, cansada; é quasi inexpressiva. Não vence ou vence mal as difficuldades das partituras. *Ombra leggiera* foi das mais concludentes provas da nossa affirmativa. A Galli-Curci de outros tempos só nos appareceu uma vez, e ainda assim não em toda a plenitude, e foi em *Parla*, de Arditi.

Deante dessa penosa impressão — que aliás parece não ter sido de todo o publico, que a applaudiu bastante e pediu e obteve varios extra — perguntamos a nós mesmos se se trata de uma grande artista em decadência ou de uma grande artista doente. Não é absurda a ultima hypothese, porquanto é visivel estar a cantora numa crise morbida de origem thyroidiana, cuja repercussão é fatal ás cordas vocaes. Parece-nos que a voz de Galli-Curci tem a idade para ser velha e cansada. A veilhice e o cansaço devem ser attribuidos á molestia e não á idade.

Como quer que seja, porém, pensamos que uma artista celebre não deve apresentar-se em publico senão em condições de justificar a sua celebridade. Amelita Galli-Curci não pensou assim para a sua e a decepção do publico e da critica.

Ainda assim applaudimos com vehemencia e com justiça a interpretação de *Parla*, onde a nova recordou a antiga Galli-Curci, e comprehendemos que parte do publico tenha applaudido tambem outros numeros, porque o desvalor destes só se revela realmente aferindo-os pelo que seriam se em vez da de agora os cantasse a Galli-Curci de outrora...

OSCAR D'ALVA

Recebendo a visita de uma amiga, em um ambiente elegante e confortavel, é um prazer apresentar um serviço de mesa irreprehensivel. Vêde esta toalha cujas côres o sol e a agua não conseguem desbotar: é - bem se vê - artigo tinto com os famosos corantes

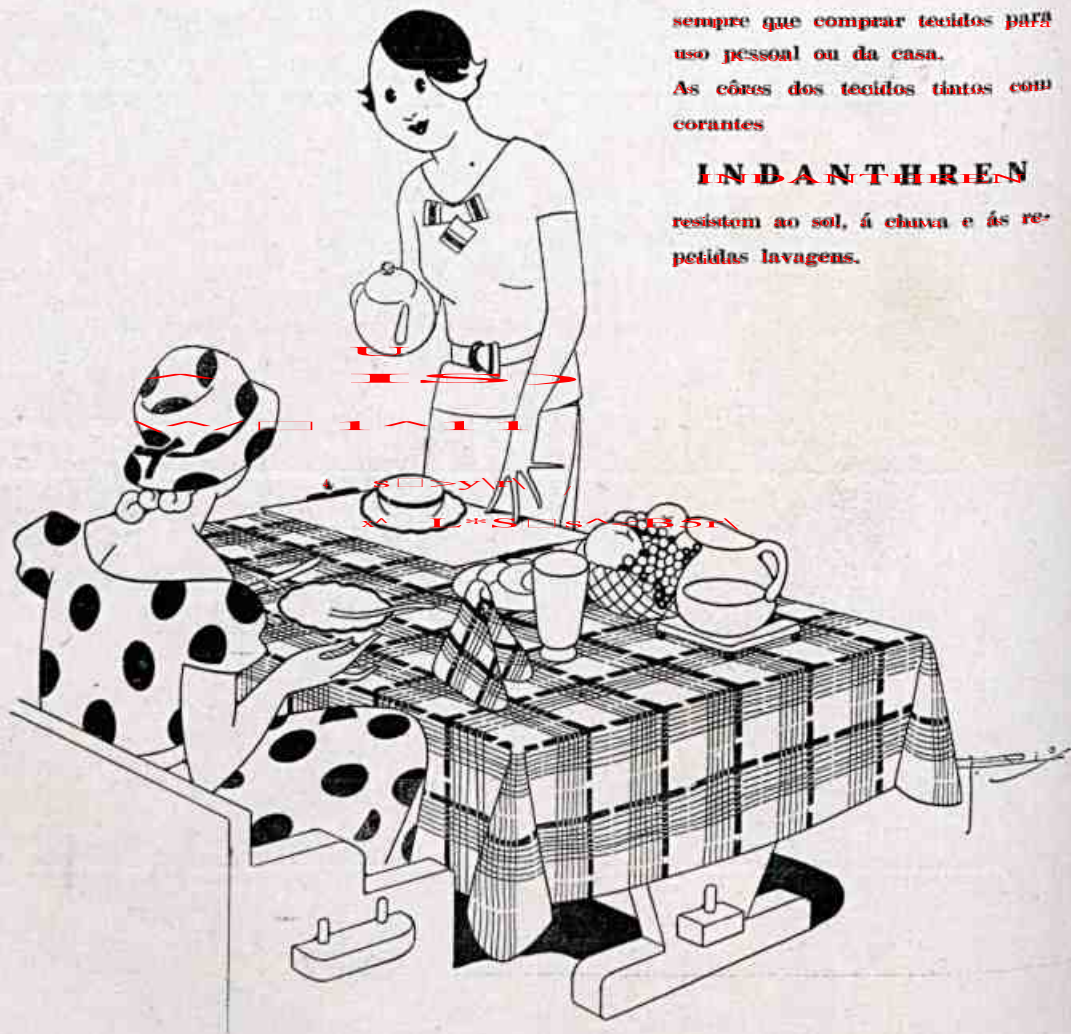
INDANTHREN.

A dona da casa recommenda-os á sua amiga, aconselhando-a a verificar a etiqueta

INDANTHREN

sempre que comprar tecidos para uso pessoal ou da casa.
As côres dos tecidos tintos com corantes

INDANTHREN

resistem ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

Director: SERGIO SILVA
Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1934

O SANTO GRAAL

A humanidade em crise, salteada pelos inimigos do corpo e do espirito ao mêsmo tempo, interroga ansiosamente os horizontes embruscados á procura duma luz que a possa guiar.

Todas as forças moraes fôram abafadas ou afastadas. Todos os sentimentos conspurcados. E a máquina triumfante estabeleceu o reinado dos mesquinhos e ásperos interesses materiais.

O racionalismo puro, creador do maquinismo, secou todas as fontes de vida interior, derramando na civilização o veneno de todas as descrenças, proletarizando as massas exploradas e creando o dominio do conforto. Os resultados de tal sistema teem sido a descentralização espiritual da sociedade, a insatisfação crescente dos prazeres e a escravidão universal aos postulados da materia.

Trez grandes faculdades fundamentais informam o individuo: imaginação, razão e vontade. A imaginação crêa, a razão ordena e a vontade realiza. A' razão experimental, diz Philéas Lebesgue, coberto de razões, se deram todas as prerogativas désde o seculo XVIII até a Grande Guerra. Entregou-se, portanto, o mundo ao dominio do instincto com a sua consequencia fatal da inversão de valores: o homem no lugar de Deus. "Sob o pretexto de nos apoderarmos das forças naturais, somos por elas conquistados e a espiritualidade se obnubila."

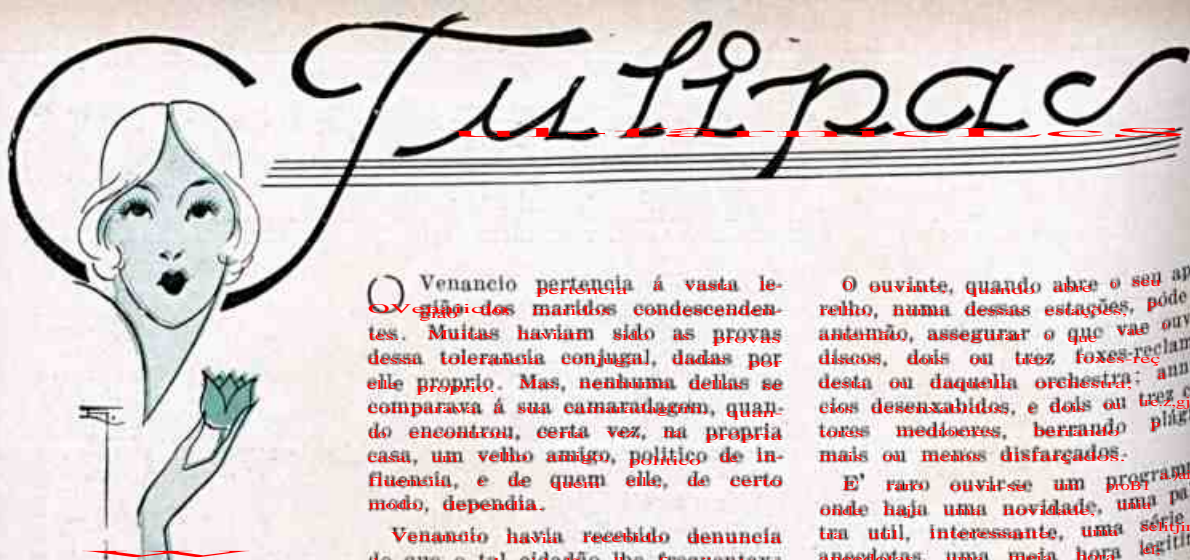
"Negando Deus, declara Nicolau Berdiaeff, o homem renega-se a si proprio." O remedio é restabelecer a harmonia social, tornando o homem senhor da máquina, fazendo com que sua imaginação unida á sua razão dominem a sua vontade. A sintese realizada na vida interior do individuo se projetará na sua vida exterior. A sociedade refletirá a harmonia das consciências em todas as manifestações.

Aos espiritos superficiais ou materializados a crise mundial parece ser simplesmente economica. Entretanto, o que é é eminentemente moral. Repitamos a lição do mestre: "os dados do problema são economicos; a solução só póde ser moral."

Num estudo curioso de Pelékus, a sombra de Pitágoras fala de alem tumulo e diz estas palavras magnificas: "Percebi a inquietação de teus pensamentos. Pensas que assistes á falencia de todas as idéas sobre que se baseava a vida social. O que parecia fixo não o parece mais. Crenças politicas, religiosas, filosoficas ou artisticas, muralhas de aparencia inexpugnavel, ao abrigo das quais podia desenvolver-se a vida do espirito tranquilamente, são hoje olhadas com desconfiança ou mêsmo postas de lado. E o homem, ás apalpadelas, sem guia seguro para seus passos, vai se prestando ás peores experiencias a que o queiram submeter."

O quadro da situação em que se debatem os povos civilizados do Ocidente está aí exatamente pintado. E' uma verdadeira putrefação. Mas tal putrefação é necessaria, pois nela fermentará a Nova Vida que trará ao mundo a Nova Aurora. Por toda a parte a mocidade se alça, inspirada nas tradições esteticas e morais das raças e das nações. E' uma verdadeira cruzada do Espirito contra a Materia, a cujo aspéto maravilhoso Gaston Luce exclama cheio de entuziasmo: "Levantem-se resolutos e numerosos os homens de bôa vontade, novos cruzados da causa do Bem! No rasto dos antigos paladinos, vão pisando os mêsmos trilhos ásperos e gloriosos, combatendo as mêsmas hordas tenebrosas. Se tombarem os seus corceis, continuem de lança em riste e de olhos erguidos, aconteça o que acontecer, para o Monte da Salvação! Então, poderão vêr, vindo ao seu encontro, revestido com os esplendores do Santo Graal e montado num cavalo branco, Aquêle que o vidente de Patmos chama o Fiel e o Justo, o Verdadeiro e Eterno Rei dos Cavaleiros!."

GUSTAVO BARROSO

Tulipas

FRÉDÉRIC PASSY escreveu: "O teu destino está nas tuas mãos. Utilizando-se delle, és tu que deves fazer o que elle amanhã será. Bem-estar material, riqueza, civilização, sciencia, progresso moral, tudo isso são coisas que se podem obter. Mas, tudo isso deve ser ganho, pois representa uma recompensa, e toda recompensa presuppõe um esforço".

Frédéric Passy era philosopho. E, como todo philosopho, via as coisas da vida segundo a sua imaginação, mas, raramente, na sua realidade flagrante.

Dahi o motivo por que encara o destino humano como uma coisa identica ao gêsso ou ao barro, a que se dá a fórma que se quer.

E' possivel que o destino esteja em nossas mãos. Mas, si uns sabem fazer delle o que entendem — como o artista modela o gêsso ou o barro, — a seu talante — outros não sabem como utilizal-o na vida.

Em muitos casos, o meio, o ambiente, as circumstancias, em que o individuo age, lhe são absolutamente desfavoraveis.

E onde encontrar o premio do homem, que não soubesse dar fórma, intelligente e bonita, ao gêsso ou ao barro do seu destino?

E por que é que um cavalheiro de espirito, de mentalidade superior, esforçado, nobre, justo, dotado de todos os meritos, é sobrepujado por um individuo inferior, sob todos os aspectos, e que nenhum esforço dispendeu para obter a recompensa que se devia ao primeiro?

Passy não tem razão, meus senhores!

O Venancio pertencia á vasta legião dos maridos condescendentes. Muitas haviam sido as provas dessa tolerancia conjugal, dadas por elle proprio. Mas, nenhuma dellas se comparava á sua camaradagem, quando encontrou, certa vez, na propria casa, um velho amigo, politico de influencia, e de quem elle, de certo modo, dependia.

Venancio havia recebido denuncia de que o tal cidadão lhe frequentava a casa, na sua ausencia.

Uma tarde, elle sahiu mais cêdo do escriptorio. Metteu-se num *taxi*, e mandou tocar para casa.

Abriu o portão. Entrou, pé ante pé, e ao chegar á ante-sala, encontrou um chapéu de homem.

Reconheceu-o: — era o do tal politico, a quem elle devia homenagens.

Que fazer? Matal-o? Era um escandalo. Eliminar a mulher, com uma bala? Era uma estupidez.

De resto, elle tinha fama de ser um homem tolerante, camarada...

Concebeu então uma idéa magistral... E essa idéa elle a pôz em execução...

Escondeu-se detraz da porta, e esperou.

Quando o homem surgiu na sala, ainda acariciando a mulher leviana, elle saltou do seu esconderijo, e gritou:

— U!

O cavalheiro feliz assustou-se. E elle, com o mais calmo sorriso do mundo, exclamou:

— Não contava commigo, não é?

HA, indiscutivelmente, duas ou trez estações do "broadcasting" carioca, dignas de uma referencia elogiosa. Uma, pelo seu *speaker* excellente, outra pela perfeição das suas irradiações, e aquella pelo seu programma que, uma vez ou outra, é irreprehensivel.

A generalidade pecca por tudo o mais.

Chega a ser mesmo uma lastima, o que o ouvinte é forçado a escutar, de domingo a domingo, quasi sem alteração.

O que ellas offerecem aos que têm um radio em casa, — gastando electricidade e lampadas carissimas, é sempre a mesma monotonia fatigante.

O ouvinte, quando abre o seu apparelho, numa dessas estações, póde de antemão, assegurar o que vae ouvir: discos, dois ou trez foxes-reclames, desta ou daquella orchestra; annuncios desenxabidos, e dois ou trez cantores mediocres, berrando plagios, mais ou menos disfarçados.

E' raro ouvir-se um programma onde haja uma novidade, uma palestra util, interessante, uma série de anecdotas, uma meia hora legitimamente literaria, prestigiada por nomes de evidencia nas letras.

E eu não sei mesmo como é que, em face de tal decadencia, as casas vendedoras de apparelhos de radio ainda conseguem fazer negocio.

Livra!

JACOB, como todos os judeus, avarento e ganancioso, ao saber que um de seus clientes se achava de cama, gravemente enfermo, enfiou-se num *taxi*, e tocou para a casa do doente.

Afobado, afflicto por falar ao cliente, que lhe devia uma bella importancia, foi elle recebido por uma pessôa da familia do enfermo.

— Que deseja?

— Sou o Jacob da "prestação"...

A pessôa, por signal, que uma filha do devedor, irritou-se:

— Mas, nem sabendo que meu pae está á morte, o sr. não vacilla em vir incommodar-nos?...

— Perdão, "madama"!...

— "Madame" não; sou senhorita!

— Perdão, senhorita! Mas eu só vim até aqui justamente para saber como o seu papae está passando...

A moça ainda assim não ficou contente. E informou:

— Papae está mal. Talvez não escape.

E ao vêr a cara triste do judeu, ella perguntou:

— Mas, em que o interessa a doença de meu pae? Que sentimento de amizade póde nutrir o senhor por elle?

Jacob então coçou a cabeça e esclareceu o seu interesse:

— Perdão, senhorita!... Mas, eu quero saber si a doença é grave, para vender, quanto antes, a conta delle a um patricio meu, tambem prestamista...

A moça atirou-lhe com a porta na cara.

Y E S

Acompanhados de collegas cariocas, os universitarios pernambucanos que se acham nesta capital visitaram, na semana passada, vários hospitaes da Prefeitura do Districto Federal. E' o flagrante de uma dessas visitas o que focaliza o nosso «cliché». Vê-se ao centro o dr. Alvaro Reis, secretario da Assistencia Municipal, ladeado pelos doutorandos Fulgencio Freitas, chefe da delegação pernambucana, e Gentil de Castro, director da assistencia medica da Casa do Estudante.

ESPERANDO...

MINHA vida é vazia quando você, princeza loira, está longe de mim. Minha vida é vazia quando a sua ternura não avelluda a sensibilidade de quem já se habituou aos imprevistos que marcam, deliciosamente, as suas attitudes. Minha vida é vazia nessas horas em que espero a sua voz e o seu sorriso para a solidão dos meus domingos...

Hoje você não veiu, princeza loira. O domingo está acabando. Monótono como todos os domingos em que não vejo os seus olhos doirados. Como todos os domingos em que você não me falla, em que você não me diz uma palavra de consolo para a minha pobre saudade dolorida. Que melancolia na noite que cáe! As vozes que vibram lá fóra, na rua illuminada e divertida, só servem para augmentar o meu desespero, a minha inquietação, a minha ansiedade. Estou só, aqui dentro. Leio e penso em você. Penso em você e espero. Espero que ainda hoje você venha de longe illuminar a minha angústia. E, emquanto espero, leio Ribeiro Couto.

> *Afinal, quando a noite acariciante vem,*
> *Começo a olhar, na sombra, a saleta vazia.*
> *E murmuro: "Por que será que espero alguem?"*

Por que será, meu amor? Porque você me prometteu que hoje, neste domingo triste e frio, ficaria commigo para acariciar-me longamente, docemente, emquanto eu lhe dizia, baixinho, que a amava...

Lucio Gama

Nos salões do Hotel Gloria realizou-se uma elegante festa promovida pelo Azul-Branco Club, sociedade recentemente fundada nesta capital por elementos destacados da colonia israelita. O grupo que o «cliché» focaliza reúne algumas das galantes figuras femininas do Azul-Branco Club, presentes ao baile do Hotel Gloria.

O dr. Roberto Accioli, que, desde os quinze annos, vem exercendo o cargo de professor supplementar de Latim, no Collegio Pedro II, acaba de ser nomeado cathedratico, interino, daquelle estabelecimento de ensino. Não ha como deixar de encarecer o gesto do chefe do governo, que, assim, premeia os esforços de quem, com tanto afinco, tenacidade e dedicação, se consagrou ao magisterio que vem desempenhando com brilho e capacidade. De facto, o dr. Roberto Accioli, entre os professores daquella casa de educação, só tem dado provas sobejas de competencia e saber. O illustre lente de latim tem sido muito felicitado pelos seus collegas, alumnos e admiradores.

ATLAS E HERCULES

Atlas era um dos Titans da antiga mythologia. Filho de Poseydon ou Neptuno, conhecia, segundo disse Homero, todos os abysmos do mar e sustentava as columnas do céu.

Conta Herodoto que Atlas era o nome duma montanha da Africa septentrional, chamada pelos indigenas "Pilastra do céu". O monte Atlas em Marrocos conserva até hoje seu nome mythologico.

Segundo algumas tradições, esse Atlas era soberano dos paizes situados para o poente, nas extremidades da terra, tendo casado com a famosa Hesperis, em cujo reino florescia a arvore dos pomos de ouro guardada pelo dragão. Segundo outras, reinára sobre a Arcadia, dedicára-se ao estudo das sciencias e desposára Pleione, filha do Oceano e mãe das Pleiades ou Atlantidas.

Para Aristoteles, Deodoro Siculo, Plinio, Pausanias, Virgilio e S. Clemente de Alexandria fôra o astronomo que inventára a esphera celeste. Com effeito, em muitas representações antigas assim elle apparece. As figuras de gigantes carregando um globo remontam á mais alta antiguidade. Encontram-se na Mesopotamia e nos vestigios do culto persa de Mithra.

Na linguagem hermetica dos antigos iniciados, Atlas é considerado filho de Neptuno e possúe o conhecimento dos segredos do Mar, com os quaes sustenta as columnas que ligam a terra ao céu.

Muitas vezes, Atlas se confunde com Hercules. Os proprios gregos os misturavam. As columnas de Atlas tambem se denominavam columnas de Hercules, o qual conquista os pomos de ouro do jardim das Hesperides, cuja guarda fôra confiada a Atlas. Hercules herda mesmo os attributos deste. E ambos surgem juntos nas pinturas dos velhos vasos gregos ou nas antigas pedras gravadas.

Todas as lendas referentes a Atlas se situam do lado do occidente. E' desse lado, em relação á civilização mediterranea, que fica tanto a montanha como o mar que lhe foram consagrados: a cordilheira do Atlas e o oceano Atlantico.

Com a religião polytheista romana, a figura de Atlas desapparece e somente a de Hercules continúa a mostrar-se. Muitos autores admittem como identicos a Hercules varios deuses de outros povos como o fícial da Syria, o Melkart phenicio, o Moloc carthaginez, o Rama indú e o Ogmios gaulez.

Quando foi moda encontrar em todas as lendas mythos solares, diversos estudiosos assimilaram Hercules ao sol e seus doze trabalhos aos doze mezes do anno e ás doze casas do zodiaco.

Porém o véu do tempo continúa corrido sobre todas essas antigas tradições e esses velhissimos symbolos. Difficilmente se póde levantar uma ponta...

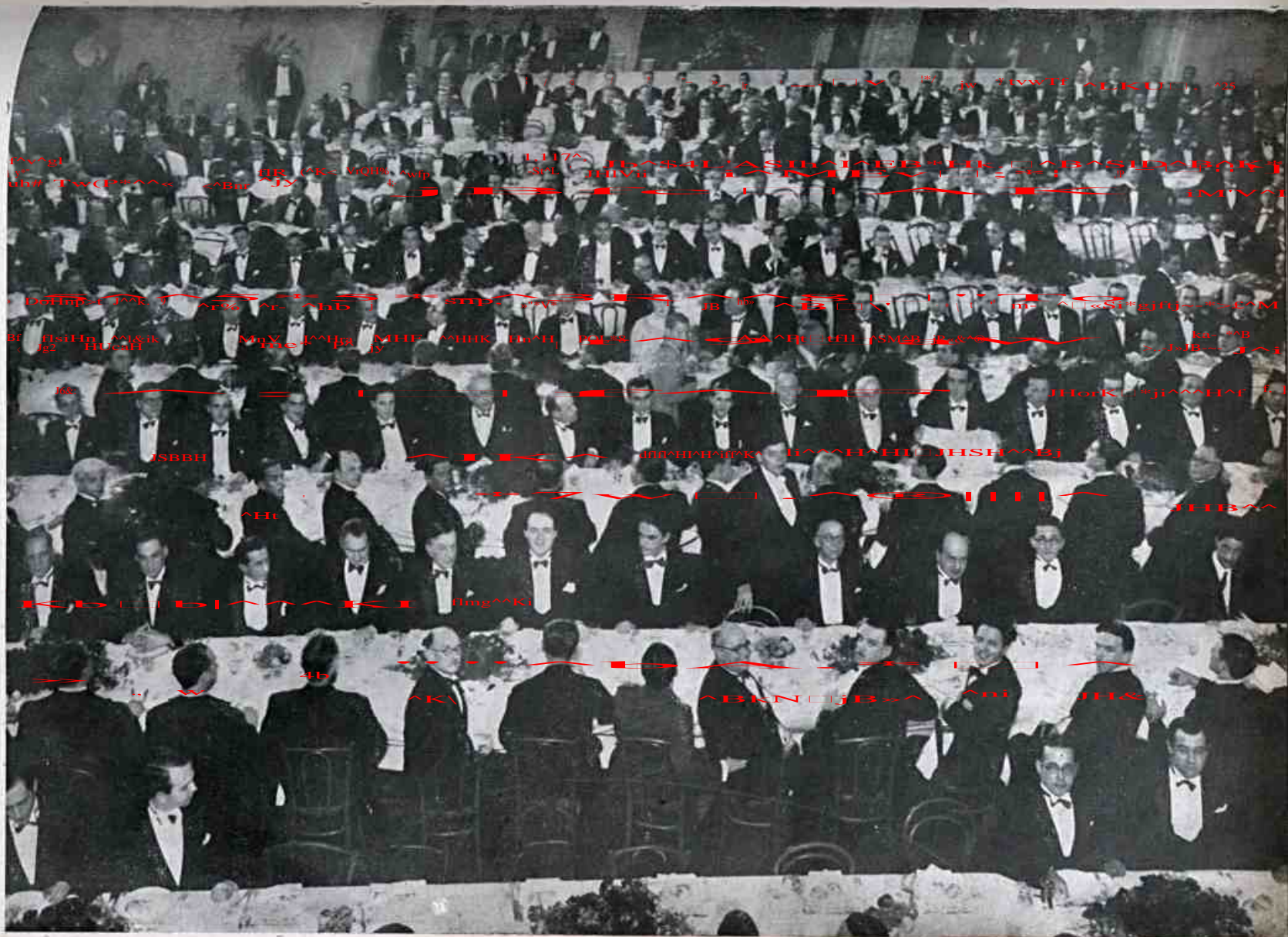
BENJAMIN

Ribeiro Couto, que ha pouco foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, antes mesmo de ser distinguido pelos luminares do «Petit Trianon», já era um nome consagrado. Romancista, «conteur» dos mais brilhantes, poeta de sensibilidade fina, sempre se caracterizou pela sua actividade mental e pelo esplendor de sua arte elegante. Em qualquer de suas obras, vamos encontrar esse traço marcante da sua personalidade, como ainda agora se verifica no volume onde se enfeixam os seus melhores poemas, sob o titulo synthetico de — «Poesia». E' que, nesse trabalho, o illustre poeta reuniu «O jardim das confidencias» e «Poemetos de ternura e de melancolia», que tão bem definem o encanto e o brilho da sua poetica. Além desse merito, o volume, que a Civilização Brasileira acaba de offerecer-nos em uma edição luxuosa, encerra o de reflectir uma poesia humana e dôce, sem os destemperos e as rebeldias do que se convencionou chamar modernismo.

«Improprio para menores»... Parece um aviso de cinema, abrindo os olhos incautos dos paes severos para certos filmes escabrosos. Mas, não se trata senão de uma collecção de contos interessantes e bem feitos, com o nome brilhante de R. Magalhães Júnior, que, além de chronista, é um delicioso «conteur». Seguindo-se o conceito de Wilde — de que não ha livros immoraes, e sim livros mal feitos — o juizo que se póde fazer de «Improprio para menores» é que o trabalho de R. Magalhães Junior encanta e diverte. Nelle se affirma a personalidade de um escriptor original e senhor de todos os recursos da arte de escrever. Talvez por isso é que o nosso confrade estréa com a bôa «chance» de um retumbante successo de livraria.

Sua eminencia o cardeal d. Manoel Gonçalves Cerejeira, patriarcha de Lisbôa, que, a caminho de Buenos-Aires, aonde vae tomar parte nos trabalhos do Congresso Eucharistico Internacional, transitou por esta capital na última segunda-feira, foi cumprimentado, ainda a bordo do «Highland Brigade», pelo cardeal d. Sebastião Leme, pelo núncio apostolico, pelo embaixador de Portugal e por outras altas figuras do episcopado nacional e da colonia portugueza. Esta photographia apresenta o cardeal Cerejeira a bordo do «Highland Brigade».

Segunda-feira ultima, o dr. Pedro Ernesto, illustre interventor do Districto Federal e candidato ás proximas eleições, passou o exercício de seu alto cargo ao dr. Amaral Peixoto, muito digno secretario da interventoria. A' cerimonia da transmissão do cargo estiveram presentes vultos de destaque nos nossos círculos políticos e administrativos, representantes da imprensa e numerosos funccionarios da Prefeitura. O «cliché» acima fixa um flagrante desse acto, vendo-se o dr. Pedro Ernesto ao lado do dr. Amaral Peixoto.

Ao illustre interventor dr. Pedro Ernesto os amigos e admiradores de s. ex. offereceram, no dia 25 de setembro último, data natalicia do governador da cidade, um grande banquete de 1.200 talheres, que se realizou, com excepcional brilho, no Palacio das Festas.

Outro imponente aspecto do banquete com que os amigos do dr. Pedro Ernesto, interventor do Districto Federal, festejaram na penultima terça-feira, o anniversario de s. ex., homenageando-o com essa alta e expressiva demonstração de sympathia e apreço.

A exposição de M. Constantino, inaugurada segunda-feira ultima, no saguão do Lyceu de Artes e Officios, constituiu, como era de esperar, um acontecimento de grande brilho artistico e mundano. E os quadros que o pintor patricio offerece, na sua mostra de arte, estão sendo admirados, com enthusiasmo, pelos que alli vão, diariamente.

Completando o seu primeiro anniversario a 26 do mez passado, o galante Helio, filhinho do nosso illustre confrade dr. Manoel Gonçalves, secretario de «O Globo», e de sua exma. esposa, d. Rosa de Almeida Gonçalves, offereceu, á petizada amiga, uma festa linda e rutilante na vivenda de seus papás. O nosso «cliché» apresenta um flagrante da encantadora reunião infantil.

feira de vaidades

"LAGÔA SÊCCA"

ENTRE os romancistas do Norte, que o movimento literario modernista tem revelado, destaca-se José Maria de Moraes, autor do livro "Lagôa Sêcca".

O romance é prefaciado pelo sr. José Americo de Almeida, que se limitou a traçar uma palavra de sympathia pelo illustre escriptor, explicando, apenas, que elle tirou o seu livro mais dos seus estudos do que da sua experiencia. E affirma, então, aos 21 annos do autor para dizer que, nessa idade, "não se pode ver a vida; pode-se, quando muito, presenti-la".

Não sei se o sr. J. A. de Almeida tem razão. Mas, acho que o romancista da "Lagôa Sêcca" é um temperamento literario e que, [illegible] sua frente, os diversos planos do romance se apresentam inteiramente [illegible] á sua intelligencia creadora.

"Lagôa Sêcca" é uma affirmação de talento. Revela-se ahi um escriptor [illegible], que nós outros [illegible] identificado com o ensaista de espirito curioso de outros estudos.

José Maria de Moraes trabalha em um novo livro, não um romance. [illegible] é o genero literario melhor para o homem "se revelar". Essa é a forma ideal. O autor entra a dizer de si mesmo com a sem cerimonia de quem fala [illegible]. E, ao cabo, o livro é um manual de psychologia applicada.

José Maria de Moraes dará, em breve, "[illegible]". Nessa obra, o romancista da "Lagôa Sêcca" mostrará que a vida nem sempre é a propria escola, e talvez o sr. José Americo de Almeida reforme a sua these.

A experiencia da vida não é o principal. Ha magnificas obras que não seriam capazes de interessar ninguem com as suas historias.

LUCIANO

"CIRCUITO DA GAVEA"

A nota sportiva e social culminante da semana foi a realização, na quarta-feira ultima, das provas automobilisticas, transferidas de domingo passado para a manhã do dia 3.

Um vibrante espectaculo, realmente novo na vida da capital, foi o que se viu no Leblon, durante as horas de sensação da grande pugna internacional de automoveis.

Centenas de carros particulares e de praça, alguns milhares de espectadores encheram as immediações da pista, na sua passagem pelo Leblon.

E a crista dos morros proximos povoou-se de multidão, dando animação á paizagem, que se desenhava em torno.

O Rio viveu um grande dia.

* * *

A despeito do caracter popular das corridas, pode-se affirmar que esse *meeting* automobilistico foi uma attracção mundana de requintada elegancia.

Formosas senhoras e encantadoras senhoritas compareceram ao Leblon, ansiosas por verem o desenrolar da pugna.

As bellas perspectivas, que se descortinavam ao alcance dos olhos em toda extensão do trecho escolhido para a "chegada" dos corredores, apresentavam um aspecto soberbo.

O ruido caracteristico, produzido pelos carros de corrida, parecia uma symphonia estranha, mas ainda assim uma musica propria para o momento.

* * *

A passagem dos concurrentes sacudia uma onda de nervosismo, que contagiava a multidão inteira.

E milhares de mãos se agitavam, milhares de boccas soltavam interjeições de espanto e de admiração, deante do sangue frio e da pericia dos corredores, loucos de velocidade e de emulação sportiva.

Dir-se-ia uma apotheose á grandeza turistica do Rio esse espectaculo sensacional, como ainda não houve igual na America do Sul.

* * *

Nas archibancadas do Automovel Club do Brasil, em frente á "chegada", onde estavam situados os diversos "stands" de imprensa e radio, de abastecimento e assistencia, etc., via-se uma sociedade elegantissima, na sua maioria constituida pelas familias dos socios da grande entidade automobilistica, promotora das provas.

A senhora Miranda Jordão, a senhora Nelson Pinto, a senhora Romeu de Miranda e Silva, as senhoritas Candido Mendes de Almeida, a senhora Martins Capistrano, a senhora Celestino Alves Collares, as senhoritas Odyla Marques de Oliveira e Adrienne Ronchon acompanhavam as varias phases das corridas, com enthusiasmo.

A proclamação do victorioso, o arrojado volante brasileiro Irineu Corrêa, causou uma electrizante emoção.

TIJUCA TENNIS CLUB

O mez de outubro do Tijuca Tennis Club promette ser de festas animadissimas.

O programma organizado pela directoria do sympathico club está assim feito: Hoje, sabbado, festa de arte lyrica, ás 21 horas; sabbado, 13, noite dançante, das 21 e 30 ás 2 e 30 horas, em homenagem á mais bella normalista carioca, senhorita Marsy Ladolf, com distribuição dos premios relativos ao Campeonato Complementar da Legião Tijucana; sabbado, 20, festa de arte, humoristica; sabbado, 27, noite dançante, das 21 e 1|2 ás 2 e 30 horas; domingo, 28, cinema infantil, ás 16 horas.

* * *

A sociedade, que frequenta habitualmente o Tijuca Tennis Club, é constituida dos mais bellos ornamentos do lindo bairro, que deu o nome á brilhante entidade.

O programma do mez corrente corresponde á ansiosa espectativa dessa sociedade.

SEMANA ANTI-ALCOOLICA

Encerra-se amanhã a Semana Anti-Alcoolica, da Liga Brasileira de Hygiene Mental.

Este anno, a humanitaria campanha, que tanto interesse desperta no seio das classes scientificas e nos meios officiaes, contou com a collaboração de maior numero de ardorosos adeptos, augmentando destarte, consideravelmente, os immensos beneficios de sua propaganda.

Todas as classes, de influencia na vida social, prestaram o seu concurso á Semana Anti-Alcoolica, estendendo-se a nobre acção dos benemeritos filiados á Liga de Hygiene Mental ás diversas regiões do paiz.

A sessão inaugural da Semana realizou-se na séde da Associação Brasileira de Imprensa, sob a presidencia do ministro da Educação.

A reunião apresentou um aspecto animador, tendo usado da palavra, entre outros, os professores Raul Leitão da Cunha, Henrique Roxo, dr. P. Porto Carrero e os drs. Evaristo de Moraes, Ernandi Lopes e o academico Bernardo Sheiskman.

A obra de propaganda da Liga de Hygiene Mental dispensa elogios. Os males do alcoolismo têm uma extensão e profundeza, que os espiritos mais desattentos não são capazes de escurecer.

O governo mostrou-se francamente favoravel ás actividades da conhecida e popular instituição scientifica, prestigiando-a por todas as fórmas.

A cruzada de combate ao alcoolismo, de que a Liga se fez pioneiro, é de uma benemerencia verdadeiramente emocionante.

Todos os objectivos, pois, são poucos para applaudir essa campanha humanitaria e patriotica.

LUCIANO

SOCIAES

Enlace Regina Helena-Dr. Mario Pinto — Acaba de realizar-se, nesta capital, o enlace nupcial da gentilissima e prendada senhorita Regina Helena, dilecta filha do illustre casal commandante Gastão Penalva-dona Marina Carvalho de Mendonça Souza, com o doutor Mario Pinto, filho do senhor Jorge Pinto e de sua digna esposa, senhora Guiomar Pinto.

A cerimonia do casamento civil se effectuou pela manhã, sendo testemunhas o commandante Joaquim Amaral e excellentissima senhora, e o senhor Jorge Oberlander e excellentissima esposa.

O acto religioso realizou-se na igreja do Sagrado Coração de Jesus, servindo de testemunhas, por parte da noiva, a excellentissima viuva Ernesto Souza e o doutor Vicente Luz e, por parte do noivo, o doutor Ary Miranda e excellentissima senhora.

A corbeille da noiva apresentava custosos presentes, denotando todos o bom gosto dos seus offertantes.

* * *

Gastão Penalva, o fino escriptor, cujo espirito primoroso encanta a quantos o conhecem, abriu, pelo justo motivo do feliz enlace nupcial de sua filha, as portas do seu elegante villino da Urca para uma recepção ás amiguinhas da senhoritas Regina Helena.

Foi uma reunião de alto bom gosto, de elegancia e de espiritualidade, a que compareceram, entre outras, as senhoritas Vera Regina Amaral, Gilda Souza, Lydia Brandt, Paula Pires Brandão, Marina Mesquita Barros, Carminha Moraes, Yedda Luz e Olga Souza e as senhoras Lauria Oberlander e Guida Hopp.

* * *

Hélio é o nome do encantador primogenito do illustre jornalista, doutor Manoel Gonçalves e de sua excellentissima esposa, dona Rosa de Almeida Gonçalves.

Hélio completou o seu primeiro anniversario, motivo importantissimo para reunir, desde já, os seus amiguinhos. Foi o que aconteceu, enchendo a casa do brilhante confrade de "O Globo" de um exercito de pequerruchos, que foram levar ao aniversariante a solidariedade de seus sorrisos innocentes.

ESCOLA SERGIPE

Os corpos docente e discente da Escola Sergipe, no Districto Federal, promoveram no dia da primavera uma festa encantadora, que teve a efficiente e brilhante cooperação do Circulo de Paes e da Associação dos Antigos Alumnos da Escola.

Para dar á festa um cunho altamente educativo, nos mais rigorosos moldes da Escola Nova, a directora desse estabelecimento de ensino, senhora Bertha Cunha Pinto de Moraes, organizou, com a collaboração das sub-directoras, senhoritas Stella Castilho e Carmen Cordon e demais professoras, um interessantissimo programma.

O festival, que transcorreu entre vibrantes manifestações da assistencia, onde se contavam muitas familias de alumnos, comprehendia bailados, dramatizações sobre motivos nacionaes, jogos de educação physica, etc.

A impressão unanime foi consagradora da formosa intelligencia e dos abnegados esforços da senhora Bertha Cunha, que não sabe poupar sacrificios, no sentido de dar á sua Escola uma situação privilegiada no confronto com os demais estabelecimentos de ensino do Districto.

* * *

Cooperaram brilhantemente para o êxito da Festa da Primavera, entre outras, as seguintes professoras: Esther Costa, Stella Sheiner, Dulce de Almeida, Elza Souza, Eva Castex, Esther Machado, Edazina Souza, Lucy Rocha, Ondina Gomes, Yvonne Barros, Rosa Pereira e Eurydice Cosme da Silva.

A "Sergipe", que tem uma frequencia superior a mil alumnos, é uma Escola dirigida com raro espirito educativo e irreprehensivel comprehensão dos modernos methodos pedagogicos, de que a senhora Bertha Cunha Pinto de Moraes é uma lúcida e incansavel pioneira.

FESTA DO THERMOMETRO

Nos salões do Automovel Club do Brasil, realiza-se hoje, sabbado, a tradicional festa do thermometro, promovida pelos academicos da Faculdade de Medicina.

Tocarão durante a festa uma orchestra typica e uma jazz-band.

Nos circulos sociaes, reina grande animação em torno da espectativa dessa festa, que sempre reúne uma sociedade da mais fina representação.

AUTOMOVEL CLUB DO BRASIL

PARA festejar a data do seu anniversario, o Automovel Club do Brasil realizou uma *soirée* dançante, que teve um cunho de irreprehensivel elegancia.

A tradição das festas da brilhante sociedade da rua do Passeio viu confirmado o seu inalteravel bom gosto nessa reunião da penultima quinta-feira.

Ao envez do baile de gala, que costuma o Automovel Club realizar, todos os annos, no dia 27 de setembro, promoveu uma *soirée*, expedindo alguns convites, a qual resultou numa festa de radioso mundanismo.

Como sempre acontece, a alta sociedade carioca compareceu em *big parade* á luxuosa séde do Automovel Club, conferindo-lhe o esplendor de suas grandes noites.

* * *

A relação de pessôas presentes é muito grande. O repórter limitou-se a registrar alguns nomes: senhoritas Maria Helena Nelson Pinto, Lourdes Nelson Machado, Ruth Santiago, Elza Pacheco, Araujo Jorge, etc.

PONTO CHIC

A animação das tardes do apperitivo no Ponto Chic tem sido grande.

Na ultima quinta-feira, o repórter compareceu, depois de uma semana de ausência.

O bello salão estava repleto de encantadoras figuras da nossa *élite* social.

Aqui uma palavra; acolá um sorriso e um cumprimento.

* * *

— Bôa tarde!

— Já se fazia esperado...

E na roda em que o repórter foi sentar-se, não faltaram allusões ao seu retrahimento destes ultimos dias.

As explicações dadas não serviram de nada. Nem as corridas de automoveis nem as solicitações da politica. Inútil todo o esforço da justificação...

* * *

As mesas estavam todas occupadas. *Mlle.* Laura La Rocque Rodrigues dava impressões do ultimo livro que lêra. A senhorita Lucy de Azevedo contava historias da Suissa e do lago Leman...

O bello salão apresentava mais: a senhora Luiz Bezerra Cavalcanti e sua filha, a viuva Almirante Belfort.

A tarde da primavera era um sorriso da natureza...

LIDO

NO proximo sabbado, satisfazendo á espectativa geral, espero dar o programma das festas de verão do Lido.

Esse programma vae constituir uma novidade sensacional na chronica da proxima *season*.

O Lido é a séde ideal das elegancias do verão, em Copacabana.

Este anno, o preparo das festas promette sensacionaes acontecimentos mundanos.

* * *

Por suas condições especiaes, o bello restaurante normando está destinado a centralizar os festejos sportivos e sociaes de Copacabana, na estação proxima.

Muitos dos numeros attrahentes da vida praieira serão realizados, este anno, com um raro cuidado e um exemplar bom gosto.

* * *

Os jantares dançantes do Lido continúam a ser, apesar das noites frias, a great attraction de Copacabana.

Numerosos turistas têm concorrido igualmente para tornar os souper-dansants do Lido um ponto de reunião elegante.

Hoje, á noite, o Lido promette algumas surprezas.

E, no proximo sabbado, terá organizado já o seu programma da season de Copacabana.

AS CORRIDAS DE AUTOMOVEIS

FOI um acontecimento inedito, um espectaculo novo na vida sportiva da capital o que se realizou, quarta-feira ultima, com as Corridas Internacionaes de Automoveis.

O nervosismo, que as provas dessa natureza, pelos riscos que acarretam, communicam ao publico, dá uma estranha vibração a todas as sensibilidades.

Pela primeira vez, no Rio, um meeting automobilistico de proporções enormes attrahiu a attenção publica. 45 corredores nacionaes e estrangeiros, pilotando as machinas mais modernas e efficientes, bateram-se numa pugna sensacional, em torno do "Circuito da Gavea".

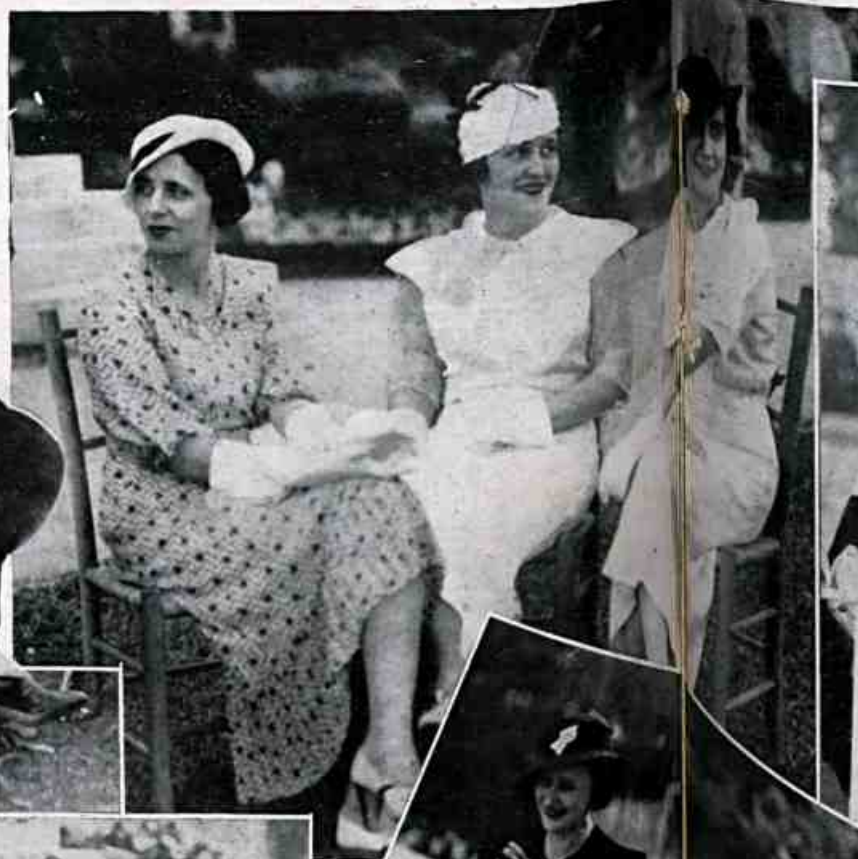
Os volantes, amigos dos perigos e dos obstaculos, já baptizaram esse Circuito com o nome expressivo de "Trampolim do Diabo".

Na verdade, ha passagens perigosissimas no percurso, o que torna mais preciosa ainda a nossa pista.

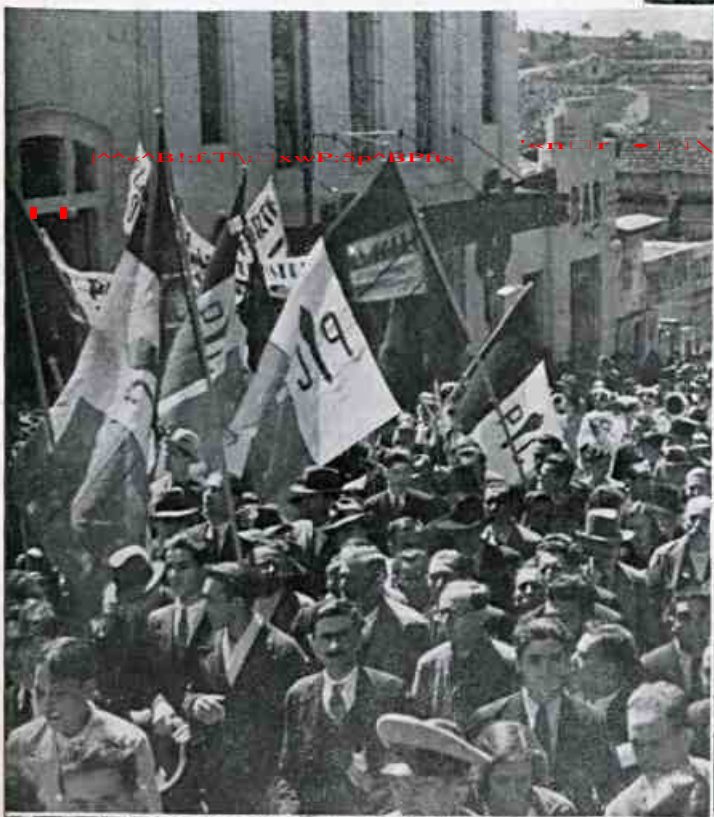
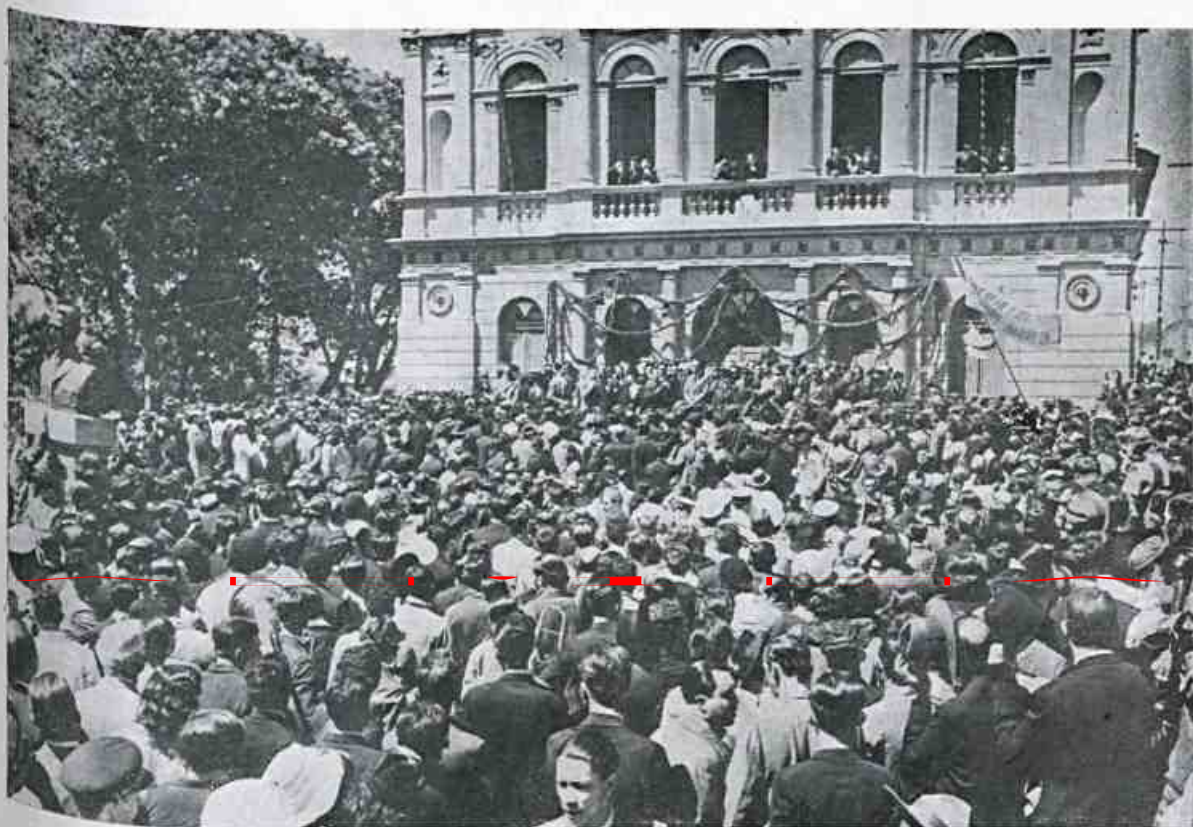
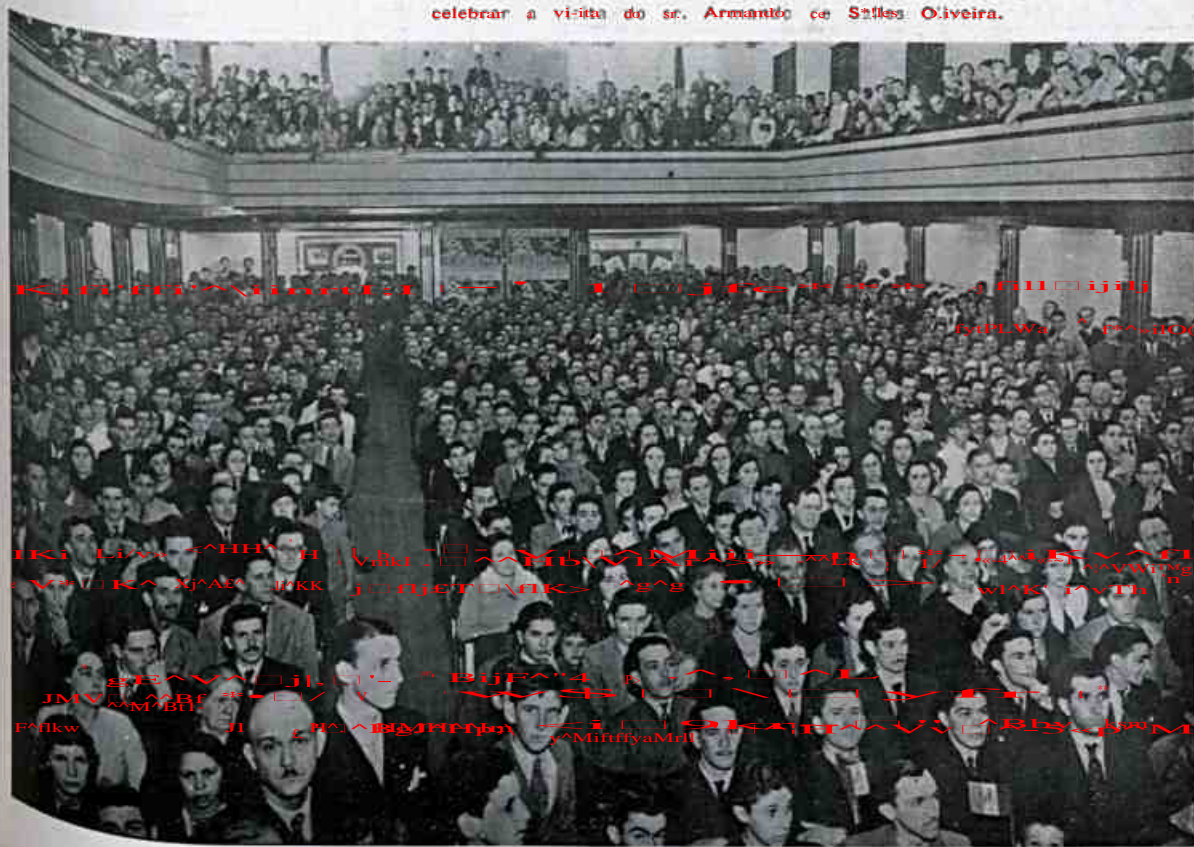
Dado o exito das corridas deste anno, é de esperar que, no anno vindouro, as provas automobilisticas consigam trazer ao Rio mais de uma centena de bons volantes internacionaes.

Já não se trata de uma experiencia do Automovel Club do Brasil, cujos esforços magnificos tanto têm merecido da gratidão nacional, mas de um emprehendimento de exito certo e incommensuravel.

A propaganda do Brasil mais efficiente é a que se faz pelos meios de attracção turistica. E nenhum leva a palma a este, que tantos enthusiasmos ainda accende na alma dos brasileiros, com as recentes provas do "Trampolim do Diabo".

LUCIANO

Em todos os pontos de reunião elegante é sempre a mulher o motivo esplendente das reportagens bonitas. No Hippodromo Brasileiro, emquanto os favoritos correm vertiginosamente na pista, os olhos dos homens se embebem na fascinação do mundo feminino que illumina as archibancadas e a «pelouse». A nossa reportagem fixou, nas ultimas corridas, o encanto destes sorrisos que, certamente, augmentaram o brilho social do «meeting» hippico do prado da Gavea.

A PROPAGANDA POLITICA EM SÃO PAULO

O interventor Armando de Salles Oliveira continúa percorrendo o interior paulista na propaganda das idéas politicas do Partido Constitucionalista e da sua candidatura á presidencia do grande Estado. E em todas as cidades que s. ex. tem visitado as manifestações populares se succedem expressivamente, coroando assim o êxito da excursão politica do sr. Armando de Salles Oliveira. Esta pagina focaliza aspectos das homenagens de que foi alvo, nas cidades de Baurú e de Botucatú, o candidato do Partido Constitucionalista á presidencia de São Paulo. A multidão nas ruas acclamando o nome do interventor paulista, recebido triumphalmente pelo povo de Baurú e de Botucatú. Em baixo, a cabeceira da mesa do banquete offerecido, em Baurú, a s. ex., que ahi se vê ao lado da senhora Armando de Salles Oliveira.

O povo de Botucatú recebeu festivamente o interventor Armando de Salles Oliveira, prestando-lhe homenagens excepcionaes por occasião da visita de s. ex. áquella florescente cidade paulista. As duas gravuras aqui estampadas focalizam: no alto, a manifestação popular ao candidato do Partido Constitucionalista á presidencia do Estado; e, em baixo, a assistencia á sessão civica realizada pelo directorio local do P. C. no theatro da cidade para celebrar a visita do sr. Armando de Salles Oliveira.

Trepações

O comboio de luxo deslisando vertiginosamente para a terra do café, e os passageiros accommodando-se nas suas cabines para o somno tranquillo da noite. E, entre os passageiros, o conhecido capitalista, preoccupado com o arranjo das malas e valises, todo absorvido em attenções com uma formosa dama que estava ao seu lado.

Não resistimos ao prazer de esclarecer aquelle feliz encantamento do capitalista. Naturalmente, em casa, fizéra constar uma viagem destinada a decidir importantes negocios. Talvez um chamado urgente, e só pessoalmente poderia resolver, com successo e rapidez, um caso complicado. Os chefes de familia, exemplares, quando possuem fortunas, costumam ter taes negocios importantes que obrigam a dispendiosas viagens... As esposas ficam em casa, lastimando a vida trabalhosa dos maridos, porém, conformadas, porque elles promettem regressar dentro de poucos dias. Pois o nosso amigo lá estava no comboio, muito bem acompanhado. Contente, feliz das férias de alguns dias na terra do café, longe da querida esposa, que, certamente, ia passar uma noite atormentada, pensando em desastres de trem, e até em receber, ao dia seguinte, um telephonema com a noticia de bôa viagem mas, muitas saudades... isolado da familia, etc. Grande patuscada! Na proxima viagem do sympathico rapaz, a esposa bem póde acompanhal-o para ficar sabendo a especie de negocio que o maridinho tem na terra do café. E vae vêr como, no dia marcado, elle dessistirá da viagem...

MADAME está alimentando um caso esquisito. Já tinha tempo para verificar que não vae dar certo...

Mas teima, e as consequencias podem ser as peores possiveis.

Acaso um rapaz estouvado, de vinte annos, póde estar apaixonado por uma dama de quarenta janeiros?!... Não se trata de uma fantasia louca de *madame*...

Aliás, o caso está servindo de assumpto para os amigos do rapaz, e tem provocado gostosas gargalhadas.

A propria *victima* está achando graça, e diz que por curiosidade vae experimentar a sua paciencia em aturar os recadinhos pelo telephone e mais coisinhas...

Francamente, *madame* já está na idade de ter juizo!

Inára Simões de Irajá, a galante fichinha do casal Hernani de Irajá, com seus dois annos e meio de idade, e uma «pose» convencida de moça bonita...

SALÃO de chá, elegantissimo, onde se reúne o mundo chic da Paulicéa. Ambiente sem o ruido alacre dos pontos de reunião da terra carioca. Entretanto, ha uma vibração de vida no toque da porcelana, e um sorriso em cada labio, como de praxe, na hora do *flirt*... Rapazinhos encantadores, e *toilettes* surprehendentes de bom gosto, dos mais afamados costureiros. Os cavalheiros são tambem de uma elegancia sobria, gestos medidos, quasi solennes, ao lado das suas damas. Nós observamos, a um canto, gozando a delicia do isolamento, a felicidade de estarmos desacompanhados...

Quasi ao nosso lado, uma creatura gentil diverte-se, na amavel companhia de alguns rapazes sympathicos. Uma camaradagem franca, bôa, para uma hora de chá, o mais innocente dos brinquedos inventados pelos meus ingenuos amigos inglezes...

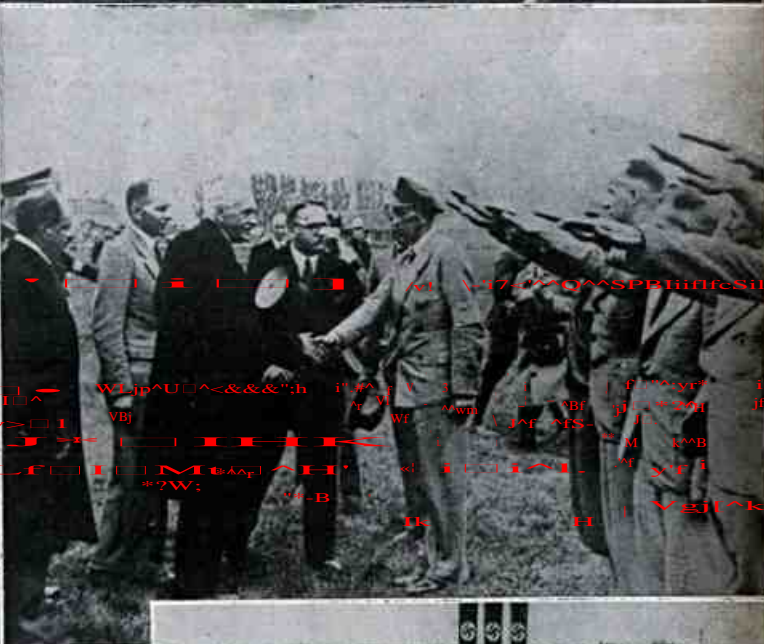
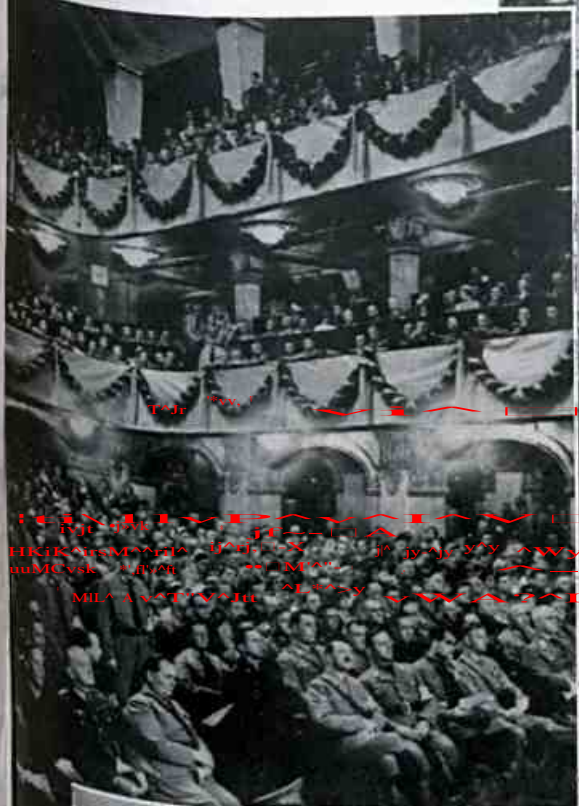
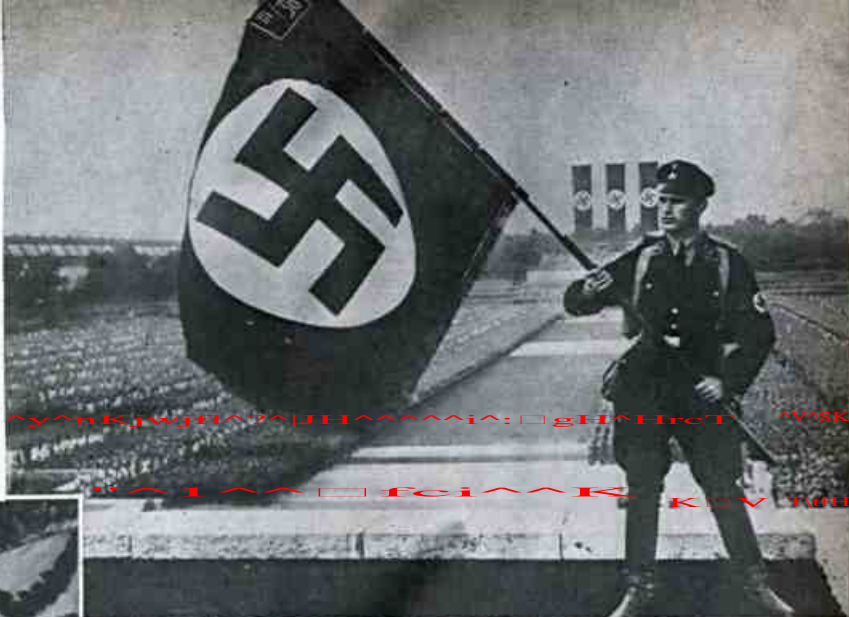
E, repentinamente, aquelle ambiente calmo de elegancia transforma-se num *rinck* de lutas. Um visitante inesperado, penetrando no salão, vae direito á mesa onde se acham os rapazes em torno da dama, e, furiosamente, ataca o reducto.

Era um numero extra-programma, que provocava escandalo da assistencia, que fugia, apavorada, emquanto os lutadores mediam forças. Um espectaculo felizmente de rapida duração, porque o atacante foi impedido, pela creadagem, de proseguir até o fim o seu intento. Mas, os signaes deselegantes da luta lá estavam... A louça partida, cadeiras e mesas viradas.

Foi quando alguem ao nosso lado explicou... O marido chegou, e encontrou a esposa cercada de camaradas; então, furioso deante da surpreza, resolvêra dissolver o grupo elegante, que pacatamente saboreava uma chicara de chá. Vão dahi... Mentalmente, fizémos nossa reflexão: por que as damas elegantes que apreciam tomar chá na companhia de rapazes sympathicos não escolhem para marido creaturas pachorrentas, pacatas?... Sesia muito mais intelligente.

E nós poderiamos saborear o nosso chá, socegados, sem o perigo de sermos atravessados pela fúria de um mata-mouros mais exaltado, inimigo dos habitos e costumes inventados pela gente civilizada que toma chá desde pequena...

«FON-FON» NA ALLEMANHA

A nossa pagina focaliza diversos aspectos das solennidades recentemente realizadas na Allemanha, por motivo do Congresso do Partido Nacional Socialista de 1934, reunido na cidade de Nuremberg. A platéa do theatro Appollo, daquella cidade, por occasião da grande assembléa cultural da N. S. D. A. P., vendo-se entre os presentes o chanceller Adolf Hitler. A cerimonia inaugural da Exposição do Sarre, pelo ministro do Reich, dr. Goebbels, e com a presença do «Fuehrer». A visita do chefe do governo allemão ao monumento erigido á memoria dos mortos da Grande Guerra.

Realizou-se, em dias da semana passada, no theatro Municipal, o concerto symphonico de Lycia De Biase Bidart, a joven maestrina e compositora brasileira, eximia cultora da arte musical. O concerto de Lycia De Biase constituiu um verdadeiro successo, tendo sido a artista, por isso mesmo, vibrantemente applaudida.

O Club de Regatas do Falmengo inaugurou sabbado a sua nova séde social offerecendo um baile á «élite» carioca. E' dessa elegante festa o aspecto photographico que o «clichê» reproduz.

MOTIVO em ponto de tapeçaria "Cavalleiro das Azadas"

É um interessante motivo para ser executado em ponto de tapeçaria, podendo servir para varios fins: pasta de correspondencia, como na gravura, centro de mesa, almofada, etc.

O trabalho é executado sobre talagarça commum, ou sobre etamine ou talagarça de Java, si desejarem que o bordado fórme centro, deixando vêr o tecido em redor.

Material necessario:

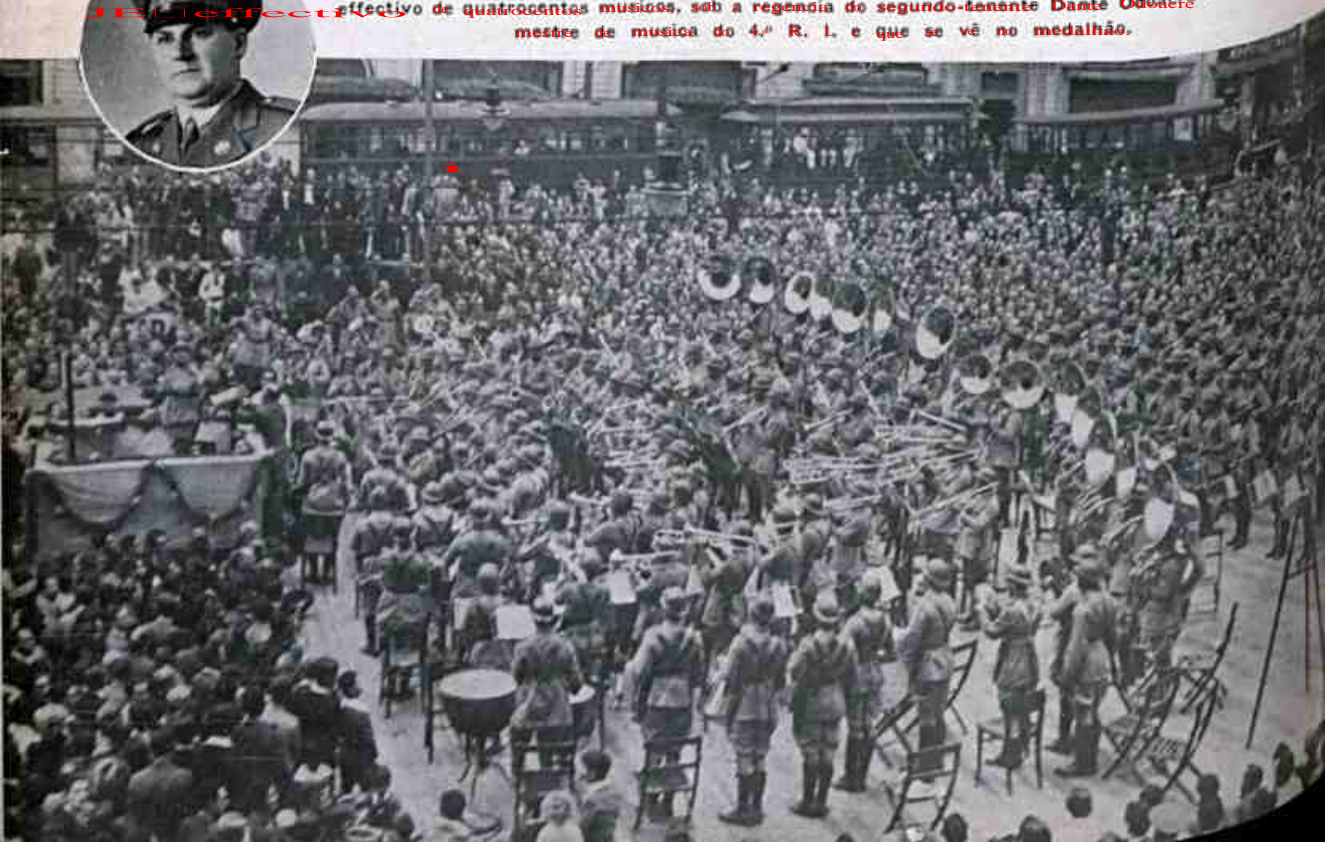
Linha de bordar "Ancora" nas seguintes côres: 5 meadas F. 522 (jade claro); 4 meadas F. 731 (esmeralda); 4 meadas F. 469 (geranio); 4 meadas F. [illegible] e 4 F. 489 (amarello canario); 4 meadas F. 509 (azul turqueza); 2 meadas F. 444 (botão de ouro); 2 meadas F. 428 (ferrugem) 2 meadas F. 750 (rubi); 2 meadas F. 568 (ocre); 2 meadas F. 580 (castanho escuro); 2 meadas F. 808 (pardo claro); 2 meadas F. [illegible]; 2 meadas F. 548 e 2 F. 549 (verde garrafa); 2 meadas F. 733 (ouro velho).

Trabalhe sempre com 2 fios. O diagramma indica as côres com precisão. Si preferir, poderá empregar lã fina para o bordado.

ILZA

A secular Casa Ferreirinha, uma das mais antigas productoras de vinho do mundo, recebeu a visita do sr. dr. Herbert Moses, illustre presidente da A. B. I. E' um flagrante dessa visita que damos nesta gravura, em que se veem tambem os representantes da famosa empresa vinicola de Portugal.

«FON-FON» EM SÃO PAULO

Aspecto do grande concerto realizado, a 7 de setembro ultimo, na praça da Sé, na capital paulista, pelas bandas de musica da 3.ª Brigada de Infantaria da 2.ª Região Militar, com o effectivo de quatrocentos musicos, sob a regencia do segundo-tenente Dante Odoacre Corradini, mestre de musica do 4.º R. I. e que se vê no medalhão.

FON-FON no cinema

(Murder at the Vanities) **SEGUE O ESPECTACULO** Da PARAMOUNT

com CARL BRISSON, VICTOR McLAGLEN e JACK OAKIE

NOITE de estréa no "Vanities", mas faltam 15 minutos para subir o panno e Anne Ware e Eric Lander ainda não chegaram. Chegam por fim, e annunciam que se vão casar logo após o espectaculo. A noticia enche de raiva Rita Ross, que precedeu Anne nas preferencias de Eric. A situação preoccupa Eric, e acaba por desconcertal-o quando cae do forro do palco uma táboa que por pouco não alcança Anne. Eric telephona então pedindo auxilio á policia. Ao mesmo tempo elle encarrega uma detective particular, Sadie Evans, de rehaver algumas cartas compromettedoras suas, em poder de Rita. Sadie não recolhe as cartas mas as lê, vindo a saber que a sra. Smith, que no theatro faz as funcções de encarregada do guarda roupa, é mãe de Eric, e que a policia de Vienna a procura por um crime alli commettido.

Quando Annie conclue o seu segundo numero da revista, descobre-se uma das *chorus girls*, pingada pelo sangue que cáe do forro, e alli vae a policia encontrar Sadie morta, e com um frasco de acido na mão.

Os agentes apuram que a detective foi morta com um grampo de chapéu pertencente a Rita, mas ficam perplexos, quando esta declara que a sra. Smith tem um grampo perfeitamente igual ao seu. Ao mesmo tempo, em face de uma carta dirigida a Sadie, a policia implica Eric no caso. As autoridades só a muito custo consentem que continue o espectaculo. Apenas elle começa, ouvem-se gritos horriveis que partem do camarim de Rita, e esta declara que a Sra. Smith, tentou matal-a com a folha de uma thesoura. Promette a actriz revelações completas antes que termine o seu proximo numero, mas ao final do acto, numa scena de tiroteio, ella cáe morta de verdade. Assim se mostra ao publico o poblema das duas mortes. Quem seria o assassino de Sadie Evans? Quem teria morto Rita Ross?

Em meio ao pomposo desenrolar do espectaculo a policia prosegue nas suas investigações. Consegue afinal esclarecer o mysterio, mas a sua descoberta introduz no film um novo factor de interesse empolgante e irresistivel.

PRINCEZA DOS MILHÕES

Da UFA — com

BRIGITTE HELM e GUSTAV GRUNDGREN

UMA ladra internacional acaba de realizar um grande "golpe" em Paris. Roubou um valiosissimo collar de perolas. Deram, porem, pelo furto, e ella teve de fugir num automovel para a fronteira hespanhola.

Nos Pyrinneus, perseguida de perto por dois gendarmes em motocyclete, ella corre vertiginosamente e, num grande desespero, precipita o carro por uma ribanceira, depois de se occultar, um pouco mais adeante, num esconderijo da estrada. Pouco tempo depois ella vê que um automovel se approxima. Consegue fazel-o parar. Dentro do carro viaja um joven engenheiro que anda em propaganda da sua pequena 5 VC, uma marca de automovel.

Aquelle arrojado moço conquista immediatamente a joven desconhecida. Ella não fica insensivel ao encanto e á franqueza do rapaz. Um encantador idyllio se lhe esboça pela primeira vez na vida. Olga sente-se cançada da vida aventureira que até alli levára. Quer reentrar no caminho direito. Infelizmente, a policia volta de novo a perseguil-a. Refugia-se em Hespanha, sempre em companhia do engenheiro.

Um dia, em Aranjuez, dois homens aproximam-se de Olga e falam-lhe ao ouvido. Olga pede ao seu novo amigo licença para se afastar por alguns minutos. Aquelles dois homens eram policias. A linda Olga não mais voltará e della ficará ao moço engenheiro uma linda e inolvidavel recordação.

*** Vincente Padulla, um actor hespanhol que actualmente trabalha numa série de films de Carlos Gardel, que a Paramount está fazendo, foi contractado por Frank L. Clemente, um productor independente de Hollywood, para uma série de seis films que terão por protagonistas Padulla e uma "estrella" do theatro hespanhol, a ser contractada em Hespanha expressamente para esse fim.

*** Tom Plank, um *clown* americano que creou o numero comico do automovel sem *chauffeur*, agora apresentado em todos os circos dos Estados Unidos, fará parte do *cast* de "You Belong To Me", cujas figuras principaes serão Lee Tracy, Helen Mack e Helen Morgan.

*** Ás ultimas datas Marshall Neilan estava em San Francisco com toda a *troupe* que interpretára "The Lemon Drop King", para filmar scenas daquelle film, que se passam num prado de corridas.

Essas scenas iam ser filmadas no hippodromo Tanforan, em San Bruno, perto daquella cidade, com Lee Tracy, Baby Le Roy, Helen Mack, William Frawley e outros artistas da Paramount.

*** O actor Carl Brisson, que foi, ao que dizem chronicas de Hollywood, o primeiro "caso" romantico na vida de Greta Garbo, conta que já representou cerca de 1.800 vezes o papel de Conde Danilo na "Viuva Alegre".

*** A seguir á assignatura do novo contracto de dois annos que deu á sua estrella Carole Lombard, a Paramount adquiriu para vehiculo de sua apresentação "Maybe a Queen", um original de Damon Runyon, e mais recentemente "Soldier Woman", cujo titulo se inspira nas qualidades de coragem e abnegação de uma mulher envolvida num caso de amór com dois rapazes pertencentes a um *team* internacional de polo.

*** O grande facto historico que alliou todas as grandes nações da Europa em defeza de uma causa levantada e nobre, "As Cruzadas", será o thema do proximo film de Cecil B. De Mille.

O acclamado director havia planejado uma quadra de férias após o seu extenuante trabalho de "Cleopatra", mas as proporções deste novo espectaculo, bem como o trabalho de investigações e os preparativos que elle vae exigir, não lhe consentirão gozar do descanso projectado.

O "cast" ia ser immediatamente escolhido, sendo Ricardo, Coração de Leão, o papel principal.

No film apparecerão tambem os cinco reis europeus que tomaram parte nas cruzadas, bem como o Grão Sultão Saladin, que os guerreou.

Na parte feminina, destacar-se-ão os papeis das cinco rainhas.

O autor do argumento, que tambem foi encarregado de *script* cinematographico, é Harold Lamb que não só escreveu "The Crusades", mas tambem "Flame of Islam", "Iron Men and Saints", "Gengis Khan", etc.

ILLUSTRAÇÕES DO FAMOSO FILM DA UFA

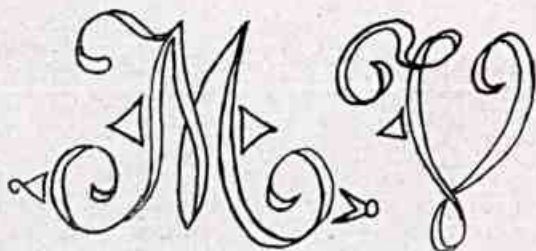
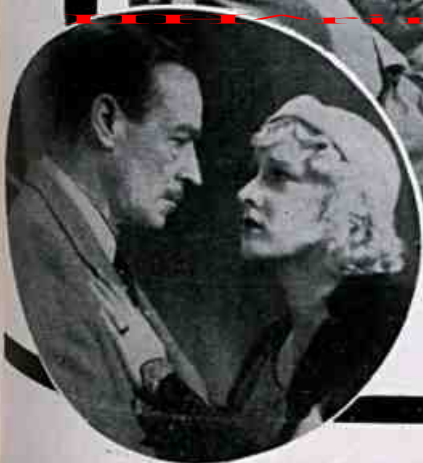
MOCIDADE HEROICA

Bordados, monogrammas e iniciaes

DESENHO japonez para ser bordado a matiz, em seda ou linho. O rosto e as mãos com o contorno bordado a côr de carne; cabellos, olhos e sobrancelhas em preto; o kimono na côr que se escolher, com as flores de um tom que se destaque. Os traços fingindo a agua são bordados a ponto de haste, em azul claro, as folhagens em verde, o lotus branco ou azul, a garça branca, com o bico e as patas vermelhas.

Monogrammas para bordado, no genero da Ilha da Madeira, em estylo moderno.

H. B. WARNER

em

"Lagrimas de Homem"

Uma existencia inteira de sacrificio, devoção e renuncia pelo filho que a mãe lhe abandonou nos braços, entregando-se a outro homem emquanto elle lutava na trincheira!

Uma pagina humanissima que todos os paes «sentem» e a todos os filhos commove!

Lagrimas de homem, lagrimas que os moços não comprehendem, que provocam escarneo, mas lagrimas que todos os paes terão derramado tambem um dia!

2ª FEIRA

no

GLORIA

A CASA DO CAMONDONGO MICKEY

BRITISH AND DOMINIONS

PRECE — De Marúcha

VENDO-O tão docil e carinhoso, tristonho e melancolico, senti como um amargor velando em gazes de ternura e caricias eivando a sombra errante de meu pensamento... A primeira prece aflorou-me aos labios, e eu pedi a Jesus num murmurio, ante a paz silenciosa do santuario e o clarão pállido da lua que vagava no céo... "fizesse do seu amôr um raio de sol que, aquecendo com seu fulgor resplandescente a gelidez de minh'alma outomnal, transformasse as brumas e meias tintas que a cingiam numa primavera eterna de Felicidade...

E Jesus ouviu os meus rogos...

Agora, que alguns mezes são passados, novo pedido venho fazer-vos.

Não vos supplico mais Felicidade, porque já a tenho. Só vos peço: não m'a tireis, não...

O meu amado está doente...

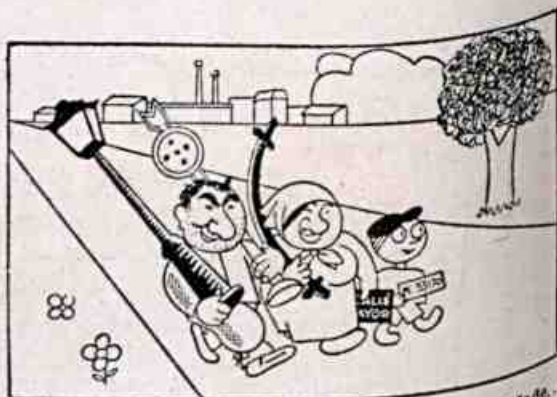
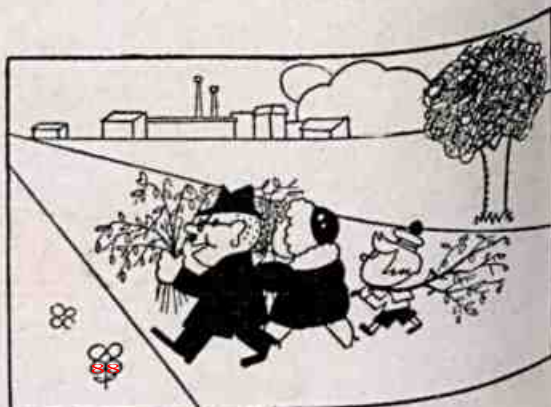
Permitti, oh! meu suave e meigo Jesus, que vos implore: não m'o leveis... E, sob a angustiosa oppressão que me embarga a voz, meu coração contrito e fervoroso, volve este soneto,

"Jesus, a minha amada está doente
Velae por ella, sêde bom, piedoso!
Guiae-a como a estrella do Oriente
Vos guiou no caminho venturoso!...

Rogo! Não na deixeis nunca descrente
Das illusões do mundo pavoroso!
Oh! tornae-a Jesus, feliz, contente,
E liberta dum viver angustioso.

Frezae o que vos péde a minha dôr;
E' uma supplica d'alma que merece
Um homem puro ou mesmo um peccador...

Jesus! Eu vos imploro, a mão erguida;
Se a quizerdes, no céu — ouvi-me a prece,
Levando-me primeiro a minha vida!

que é a voz, a linguagem, a expressão natural e [illegible]tanea da alma terna e sensivel de Alceu Chichorro, numa prece a Jesus. E é tão linda e tão sincera, que Jesus ha de ouvil-a...

GOSTOS... — A familia do campo regressa da cidade...

A familia da cidade regressa do campo...

O MYSTERIO

De ALDO DIECI

AQUELLA noite, ao regressar a casa, uma enorme e desagradavel surpreza aguardava a familia Pitotóca.

O filho unico, Alfredinho, como o chamavam os paes, e Pitolinha, como o distinguiam alguns amigos, ao abrir a porta da cozinha para devorar os restos do jantar, lançou um grito que attrahiu o sr. Prudencio e dona Hermengarda.

Pitolinha estava immovel no umbral, os olhos cheios de espanto e a cara mais pállida que um copinho de sorvete de crême.

Tirando forças da fraqueza, conseguiu apontar com a extremidade de uma das phalangêtas da mão sinistra a parede pintada recentemente e recentemente suja por uma mão negra, sob a qual se lia o seguinte:

"5.000 praça quinta sétti magnana"

O susto que levou a familia Pitotóca nem é para ser descripto. Basta dizer que o Pitolinha nada provou dos restos do jantar. O sr. Prudencio não ingeriu o seu velho calice da "teimosa" e d. Hermengarda se esqueceu de levar o prato de leite para o "Pomerania" que dormitava na sala de jantar.

Em rapida reunião, a familia Pitotóca decidiu, por unanimidade, dar parte á policia, sendo encarregado disso o sr. Prudencio.

Nessa mesma noite, um official do districto proximo examinava attentamente o corpo de delicto (aliás a "mão de delicto) e passeava o seu sagaz olhar pelos ladrilhos da cozinha, em busca de uma pégada.

Após um estudo rapido e ligeiramente scientifico, o funccionario esclareceu o caso, em poucas e lapidadas phrases, no colorido laconico de Sherlock Holmes:

— Trata-se de patente ameaça da "Mão Negra", associação vastamente espalhada. O desenho é a mensagem habitual: "E' preciso levar 5 contos de réis á praça, quinta-feira, ás sete da manhã".

Calou-se. Baforou quatro vezes e:

— Que graça? Não ha duvida. Aqui mesmo. E' só.

E, após combinar com o sr. Prudencio algumas medidas extraordinarias, sahiu, empunhando o revolver.

Como passou a familia Pitotóca essa noite, nem convem relembrar. O Pitolinha adoeceu e d. Hermengarda perdeu os sentidos seis vezes mais do que o sr. Prudencio.

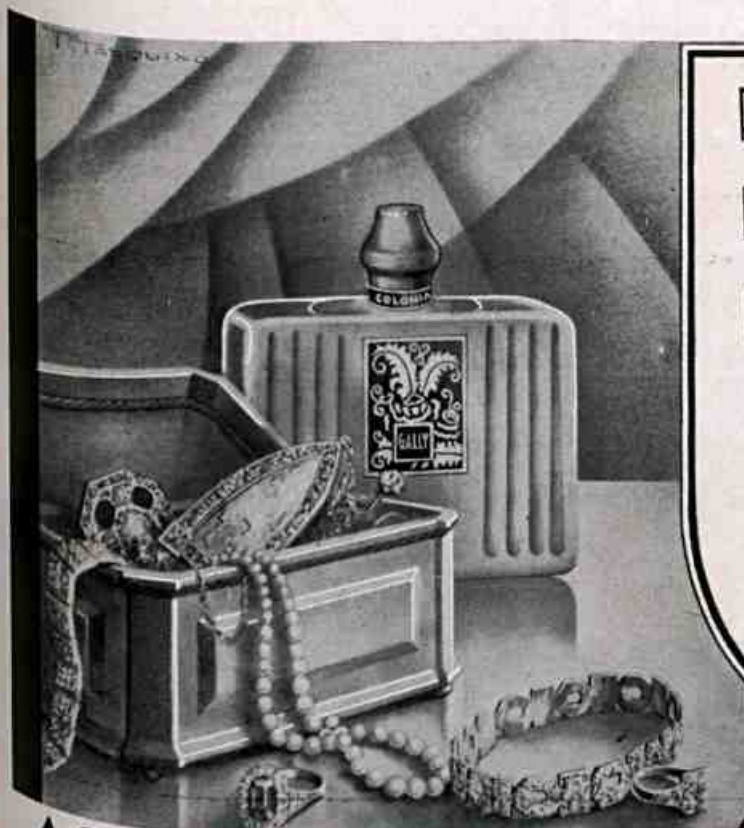
A unica pessôa que não dividia o tremendo susto era a Turturina, a creada, que estava calma como um palito de phosphoro numa bacia dagua.

A' medida que se aproximava a quinta-feira, dia fixado pela "Mão Negra" para a entrega dos 5 contos, foram baixando de peso todos os membros da familia, inclusive o gato, que ficou mais leve do que uma palha de cigarro.

E' quinta-feira, 6 e 30 minutos de uma manhã grisalha e humida, dessas que predispõem os individuos ao rheumatismo e os patrões a rebaixar o ordenado de seus empregados.

O official de policia está escondido, revolver em punho, atrás da porta, e, a 10 ou 12 passos atraz, o sr. Prudencio.

O drama desenvolve-se. Fóra, na praça, um rapazote de bonet cinzento e ladrilhado de preto,

(Continúa na pagina seguinte)

VIRTUDES ESSENCIAES

O desenvolvimento da personalidade requer o desenvolvimento das virtudes e a destruição dos defeitos.

Virtude quer dizer força; vicio quer dizer fraqueza, enfermidade da alma.

O essencial, para adquirir virtude, é ser ordenado, e os habitos de ordem devem ser os primeiros a se adquirir na vida.

Ser ordenado é guardar cada coisa em seu logar, é ser limpo, é ter ordem e orientação nas suas conversas e nos seus pensamentos.

A desordem é a causa de todas as perdas de tempo na vida, e é preciso ter-se sempre em conta que a unica coisa que não se recupera é o tempo. Um dia succede ao outro, mas o dia perdido não volta.

Para se ter virtude, é preciso ser forte. Sem a força, tudo é difficil de conseguir. Força physica e moral, é o que se deve ensinar. Uma criança fica sempre orgulhosa de ser forte e valente physicamente; aproveite-se essa disposição e se lhe ensine, tambem, a ter força moral.

O peor inimigo da força moral é o medo; o homem deve ter dominio sobre si mesmo para poder sempre ir de encontro, e observar com calma e segurança, a todas as coisas que lhe infundem medo. As crianças, por natureza, não são medrosas. Si temem certos ruidos, é porque algum barulho as sobresaltou emquanto dormiam ou brincavam; si têm medo da escuridão, é porque, alguma vez, com toda certeza, se procurou infundir-lhes terror pela falta de luz.

As mães devem procurar para seus filhos um ambiente de paz e de segurança. Quando se apresentar a primeira sensação de medo, a mãe precisa levar a criança, com toda a doçura, o mais proximo possivel do objecto que lhe causa pavor, e deve procurar demonstrar-lhe que aquillo, absolutamente, não lhe póde causar mal.

E' um erro imperdoavel procurar infundir medo ás crianças. A infancia não deve ser medrosa, porque o homem não deve nem póde ser covarde.

O MYSTERIO (conclusão)

cruza a praça e senta-se num banco fronteiro á residencia da familia Pitotóca.

Quatro sombras se destacam dentre as arvores.

O momento é chocante. Ninguem respira.

O official, com um salto de tigre de Bengala que vê á sua frente um descuidado porco-espinho, cáe sobre o rapaz do bonet xadrez, que lhe cáe da cabeça.

— Vou te mostrar a "Mão Negra" que quer fazer perder o appetite a toda a policia, empurrando-te para a delegacia.

— Miseravel! — secundava o sr. Prudencio, visivelmente indignado.

FACIL foi ao rapazinho provar que era um humilde cidadão, filho de familia, legalmente constituida, menor de idade, não fumando, não bebendo, nem jogando, e apenas frequentando cinemas acompanhado de seu tio.

Explicou a sua permanencia naquelle banco, dizendo que esperava uma garota ruiva, bastante bonita, apesar de uma verruga que tinha acima do joelho esquerdo, e com a qual mantinha relações estrictamente... telephonicas.

Apesar disso, esteve quatro dias na solitaria, além de mais nove dias por conta e custa da policia, emquanto o caso não se esclarecesse.

A ameaça da "Mão Negra" não se effectivou, sem deixar de fazer perder o appetite a toda a pobre familia, que, a todo momento, esperava a chegada dos bandidos.

Nem por isso o official se deu por vencido. Encerrou o expediente da tentativa de extorsão, assegurando ao sr. Prudencio que nada mais lhe succederia, porque a "Mão Negra" sabia que elle estava orientando as pesquizas.

Entretanto...

DUAS horas depois da declaração feita solemnemente pelo policia, a creada Turturina reprehendia o carvoeiro, o Janjão, com as seguintes palavras:

— Viste, animaloide, infausto e cretinizado, que bagunça tu armou com essa brincadeira de "mão negra"? Outra vez, quando quizeres escrever o numero do teu "telephonico" e marcar dia para conversar, não bote a mão na parede. E' um perigo!...

UM senhor, membro do Instituto de França, possuia uma rara collecção historia. Ao proclamar-se o Imperio, em 1853, enviou um cartão seu a um ou dois ministros, seus conhecidos, os quaes retribuiram a gentileza, enviando, tambem, os seus cartões. Veiu-lhe, então, a idéa de mandar o seu cartão a todos os ministros. Estes, por sua vez, responderam, sem excepção. Desde que conseguiu reunir todos os cartões daquelle primeiro ministerio, continuou a fazêl-o o resto da vida, conseguindo, assim, uma collecção de cartões de visita de um valor inestimavel.

* * *

A famosa obra de Erasmo "O Elogio da Loucura" custou ao autor, apenas, sete dias de trabalho.

* * *

A aspirina, alem de servir como calmante contra as dores, tem, tambem, uma utilidade pouco conhecida: favorece as flôres. Basta, para tal collocar pequena quantidade na agua em que estejam submergidos os talos, e a flôr se conservará por mais tempo.

* * *

O peixe não é alimento exclusivo do homem e das aves aquaticas. Serve tambem para alimentar o gado. Na Noruega, o bacalhau e o arenque são empregados com esse fim.

O bacalhau, depois de sêcco ao ar, ou nos fornos, é moido, resultando um producto rico em materias alimenticias para o gado. Os arenques são cozidos e reduzidos a uma especie de papa, tambem, muito nutritiva.

Na Inglaterra e na Escossia aproveitam-se todos os desperdicios do peixe salgado, os quaes, depois de submettidos á acção do vapor, e uma vez sêccos, servem de alimento á determinada classe de gado.

* * *

OS primeiros jogadores de pólo que appareceram na Europa foram os officiaes de um regimento inglez, os quaes importaram o jogo da India.

* * *

NO estado de Sonora, no Mexico, foram encontradas mumias de homens medindo sete pés de altura, e de outras tantas de pigmeus.

* * *

FORAM inventadas novas botas de borracha para homens, cujas solas são enchidas por meio de uma bomba de bycicleta.

* * *

OS novos signaes do trafego estão providos de agulhas giratorias que indicam ao conductor quanto tempo ainda permanecerá a luz antes de mudar de côr.

* * *

A menor machina de raios X que se conhece cabe dentro de uma mão, e serve para examinar objectos extremamente pequenos.

* * *

UMA estatistica realizada em 1911 demonstrou que na Europa viviam cerca de sete mil centenarios. A Bulgaria figurava na cabeça da lista, sendo seguida pela Rumania e pela Servia. A Belgica e a Dinamarca eram as nações européas que accusavam menor numero de centenarios.

SACY-PERERÊ

PELO sobrescripto da carta se poderia adivinhar a falta de treino com a caneta. Nenhuma uniformidade nas letras formando esquisitas linhas quebradas no campo azul do popularissimo enveloppe commercial.

* * *

Mas a photographia não me déra a opportunidade de reparar nas exigencias grammaticaes, ou ainda estheticas, não attendidas nos rabiscos com que me era offerecida. Com os olhos humidos e o coração vibrando, sofregamente os devorei a todos, rabiscos e photographia. E pela assignatura me certifiquei das desconfianças que a cara principal do grupo retratado me determinára ao coração saudosista de romantico impenitente: Sacy-Pererê. Emilio dos Santos fizéra questão absoluta e unica de continuar a ser, pelo menos para mim, o tradicioalissimo Sacy-Pererê!

* * *

Então a amoravel lembrança das minhas calças-curtas e das blusas marinheiras, cujos bolsos estavam sempre sujos e competentemente replatos e armados de licurys, jaboticabas, mamonas e pedras para bodoque, fez vibrar uma vez mais a tensão sentimental da minha saudade. Sacy-Pererê apóz dez annos de ausencia! O retrato mostra que nenhuma transformação notavel se operára em seu physico preto e luzidio e forte. Parece o mesmo *goal-keeper* do *team* do Largo do Rosario. Negro, musculoso, agil, as pernas dobradas em dois arcos, a bôcca vermelha de baeta, rasgada para mostrar a risada clarissima dos dentes estupendos...

* * *

Quando garotos, pertenciamos á mesma terrivel phalange de moleques. Andavamos igualmente descalços e despreoccupados. Possuiamos a mesma feroz disposição para algozes dos passarinhos e das vidraças. Invadiamos com um só ardor e numa só algazarra os quintaes alheios abarrotados de fructas magnificas mas difficeis. Ah! as velhas hortas umbrosas de Sabará! Perfumadas e silenciosas e humidas florestas civilizadas, de copadas mangueiras centenarias e repolhudas laboticabeiras que o impetuoso genro de Paes Leme devia ter encontrado cheinhas de morubixabas gulosos e felizes!...

* * *

Eramos guerreiros invenciveis do melhor e mais temivel batalhão da molecada de minha terra. Astros convencidissimos do mais importante e mais sulapudo chutamolambo da cidade: Sacy, Repolho e Quaba; Boizinho, Jair e Brodéa; Cyro, Siô Coelho, Tibio, Mutt e Patricio. Não contando com o segundo *team* nem com a

— Pedi-lhe uma duzia de ostras e você me trouxe onze, apenas...

— Queira desculpar, mas, julguei que o senhor fosse supersticioso e não quizesse *treze* na mesa.

De Figueiredo Silva

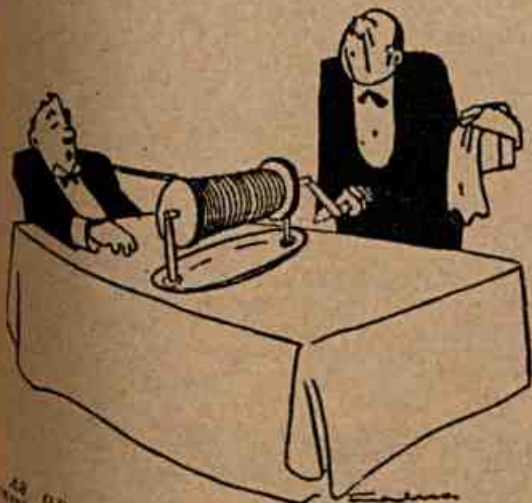
...multidão de garotos baderneiros e destemidos, que era a nossa formidavel *torcida*. No dia em que abatêmos o bloco da Ponte Pequena pela não insignificante contagem de quarenta e dois a zéro, todos tomámos parte no jogo extraordinario e tempestuoso, preenchendo os claros dos que frequentemente iam deixando a luta, feridos e pegados. Todos, inclusive a propria torcida...

* * *

Esse *match* jamais sahirá da minha memoria. Menos pela brutalidade do *score* esmagador do que pelos horriveis trez mezes em que fiquei de molho, aguentando a perna esquerda sujeita a uma horizontal incommoda e dolorosa. Consequencia de uma unhada mestra com que o Zé Piabeira me presenteára a exaggerada sensibilidade da canella, unhada que duas semanas após o jogo floria em minha perna, qual uma camelia de fogo na carne sangrenta. Zé Piabeira, zeloso e providencial *back* da Ponte Pequena, seriamente implicado contra o perigo dos meus possantes e desnorteados tiros de canhoto incorrigivel.

* * *

Como a quasi totalidade dos nossos jogos, Sacy-Pererê defendeu magistralmete e arrebatadoramente a virgindade absoluta e enervante do nosso *goal*. A adoração da agitada e briguenta torcida infantil, com plena justiça, o sagrou heroe do dia. E ainda me lembro perfeitamente de que elle ganhou, além de alguns pedaços de rapadura e muitas promessas de cigarros, duzentos réis em dinheiro corrente e legitimo, para comprar japecanga no botequim do Zé Bombete.

AS GRANDES INVENÇÕES. — Bobina para ma-

A fama do *goal-keeper* Sacy-Pererê chegou até o bairro da Estação. E aguçou a ambição sportiva do magrissimo e sardento Arthur Leite, hoje conceituado advogado no interior mineiro, mas que ao tempo não passava de simples e perigoso *leader* dos moleques daquellas bandas. Astuciosamente mimosearam o assanhadissimo Sacy com um bodoque estupendo. Ainda lhe garantiram os difficeis meios financeiros de frequentar assiduamente, isto é, ás quinta-feiras e aos domingos, as torrinhas do cinema do Virgilio. Oh! as altas exclamações afflictas, ou as estrepitosas gargalhadas triumphaes do Sacy-Pererê sinceramente e medonhamente emocionado pelas ineffaveis proezas do vetusto e façanhudo e impossivel William Farnum!...

* * *

E o Largo do Rosario só ficou sciente da argucia do *team* da Estação, e da indecorosa venalidade do Sacy, uma tarde em que elles alli compareceram fortemente dispostos para um corre-campo em que se deveria disputar e apurar a hegemonia *footballistica* da cidade. Descoberta a inqualificavel traição, houve entre nós uma geral e espontanea simulação de descaso. Singular milagre de inesperada combinação

(*Continúa na pagina seguinte*)

intelligente e tacita. E o Sisson estreou brilhantemente no nosso arco. Verdadeira estréa de um dos melhores arqueiros que a minha terra tem visto até as horas de hoje.

* * *

A promessa athletica do Tibio marcou todos os pontos que nos garantiram a victoria por cinco a zéro. Até com as costas o trahidor Sacy-

Elle. — Estou com uma séde horrivel!
Ella. — Vou buscar um pouco d'agua.
Elle. — Quem está pedindo agua? Disse que estava c m séde, e não sujo...

SACY-PERERÊ - (continuação)

Pererê procurára rechassar as nossas investidas. Mas, conquistando o quinto *goal*, e apesar da superior situação do nosso quadro, o jogo degenerou num frége grosso e tremendo. Uma discussão, por nós proprios procurada, sobre a validade ou não do quinto ponto, fôra o seguro pretexto para fazermos extravasar violentamente todo o odio que vinhamos recalcando desde o principio do *match*. Os meninos da Estação abriram no pé. Apenas ficaram em meio á confusão e á poeira o Arthur, o Ratigan, o Geraldo Quaty e o Sacy-Pererê, defendendo a dignidade do bairro distante e sportivamente abatido. O ultimo delles, assim mesmo, por ter sido o primeiro agarrado, de accôrdo com a austera lição da Sagrada Escriptura... Os quatro apanharam gloriosamente a pancadaria dos trinta e tantos que nós eramos. Antes trinta e tantos no lombo, que um remorso vergonhoso e covarde na consciencia — era a nossa ingenua divisa da época. Apenas da época, sim. Finalmente, resistiu á bagunça apenas o Sacy, alvo cobiçado e unico da nossa raiva immensa. Foi levado aos empurrões para o adro da igreja do Rosario. Supremo Tribunal de Justiça dos moleques do meu tempo. Irrevogavel, a pena imposta pelo meritissimo Massilon Papudo foi uma coisa devéras tremenda, que se não póde contar decentemente. Que nos importaria á maldição de todos os corypheus da hygiene e do bom senso, si o castigo applicado ao Sacy era já de ha muito uma das normas imprescriptiveis do nosso exuberante codigo de perversidade!...

(Conclusão) - SACY-PERERÊ

* * *

Ao mesmo pote de barro vidrado, de onde o Zé Bombete dias antes retirára o duzentão de [illegible] com que havíamos agradecido ao Sacy-Pererê a coragem e a bravura da sua impeccavel e estrondosa actuação contra as féras *foot-ballisticas* da Ponte Pequena, — áquelle mesmo pote rotundo e pardo como a cara do Joaquim Liberdade, fomos em rumorosa e agitada procissão buscar o alcool que, embora gordurento e pegajoso da horrorosa carne em conserva, devera restituir ao ex-*goal-keeper* do *team* do Largo do Rosario o cheiro natural da sua pelle preta e reluzente. O Massilon mandou! Cumpra-se!...

* * *

Entretanto, esse periodo historico da geração contemporanea minha apenas póde apresentar-se interessante, si apreciado através a visão subjectivante da memoria. Tal assumpto conseguirá mesmo algum successo, quando necessariamente ligado a uma qualquer evocação passadista. Como, por exemplo, essa carta e essa photographia que o meu amigo Emilio dos Santos me enviou do seu salvador Ribeirão Preto. Uma carta em que a força vibrante dos appellidos e das anecdotas ainda será capaz de ridicularizar a actual situação pomposa e pedante de muitos companheiros daquelles dias alegres e epicos! E uma photographia por que o Sacy-Pererê revela a unica, e aliás bem grave, modificação realizada em sua vida de homem certamente trabalhador e sadio: sua mulher e dois [illegible]zinhos, bem pimpões e promissores...

* * *

Modificação bem grave e unica, porque, si elle teve o pessimo gosto de continuar electrizando a *torcida* fanatica de algum clube de *foot-ball*, deverá com inteira justiça ser acclamado como o iniciador precoce do profissionalismo sportivo. E poderá agora trocar de arco sem o minimo receio de surras ou da deshumana penalidade imposta pela malvadez amolecada do Massilon. Mas até recebendo ordenados e gratificações mais valiosos do que qualquer bodoque de matar passarinhos. E diversões mais seductoras que as rusguentas torrinhas do cinema da minha terra. Por isso a transformação se daria apenas nos fructos...

* * *

Salve, Sacy-Pererê! Messias inopportuno e infeliz do *foot-ball* profissional!...

QUEM AMA NÃO TEM DESCANSO

Um bilhetinho a lapis, apressado,
para dizer ao meu amôr fingido
o que é o coração de um namorado
que um outro coração deixa esquecido.

E' tão triste de mim que eu tenho andado!
Tão infeliz, tão mal, tão distrahido!
Oh! quem quer vêr num homem desprezado
o que é um coração desilludido!

Você nada me diz, nada me escreve.
Vae sorrindo, vivendo... Eu não julgava
que essa amizade fosse assim tão breve!

Se você fosse mesmo brasileira,
assim o nosso amôr não começava,
nem acabava assim dessa maneira...

ESDRAS FARIAS

Paixão de cangaceiro

De
Pedro Mac Cord

CABRA damnado, o Chico Bento! Com quasi cincoenta annos, ainda era o terror de todo o arraial de Villa Verde. Alto, espadaúdo, um nariz comprido e fino, uma tez trigueira, tostada, de certo, pela inclemencia do sol sertanejo, Chico Bento tinha já umas cinco mortes pelas costas. Fizéra mesmo parte de um bando de cangaceiros, cuja crueldade é o terror, ainda hoje, dos sertões brasileiros.

Terra onde não ha lei, manda o mais forte. E Chico Bento era forte quanto perverso. Sangrar um homem e arrancar-lhe, com o facão, as visceras era-lhe a coisa mais banal e simples deste mundo.

Todo homem tem na vida sua historia. O nosso tambem tinha a sua. E como em quasi todas as historias o amor existe sempre, Chico Bento tivéra um amor, cujo rebento, lhe havia deixado, na alma selvagem, uma ferida que até hoje ainda não cicatrizára. E' commum ver-se uma féra ter para os filhos cega dedicação. Chico Bento tivéra um filho que fôra toda a sua alegria. Condemnado e encarcerado na cadeia de Recife, quando de lá sahiu nunca mais soube do paradeiro da creança, que, pelo tempo, hoje já seria um homem. Tinha, então, o pequeno cinco annos e uma marca de tatuagem que o pae lhe fizéra com o seu nome: Humberto.

Assim, o tempo, que é o melhor balsamo para todas as dôres, ainda não conseguira matar a saudade de Chico Bento pelo filho desapparecido. Outro transtorno na vida de Chico Bento era a Leocadia. E não seria para menos. Mulata bonita. Alta, de cadeiras salientes e maneirosas, um busto muito bem contornado, e uma bocca sensual, de labios grossos e arregaçados, eis o retrato ligeiro de Leocadia. Mulher desbocada como aquella havia poucas. Tanto assim que gostára do Chico Bento, de quem se fizéra amante. E ai de quem ousasse deitar sobre a mulata um olhar menos respeitoso! Tinha que desapparecer de Villa Verde, para não ver os seus dias findados tragicamente, porque Chico Bento não perdoava e tinha da Leocadia ciumes de morte.

* * *

— *Hum! ... Quarquer dia destes vamo tê baruio* — dizia o Juca Silva, palestrando com o capataz da fazenda "Bôa Hora".

— *E pruquê?* — indagou o capataz.

— *O'ia, esse moço da cidade, esse engenheirozinho anda deitando um...*

(Continúa na pag. 66)

Poema do alvorescer

De MOZART FIRMEZA

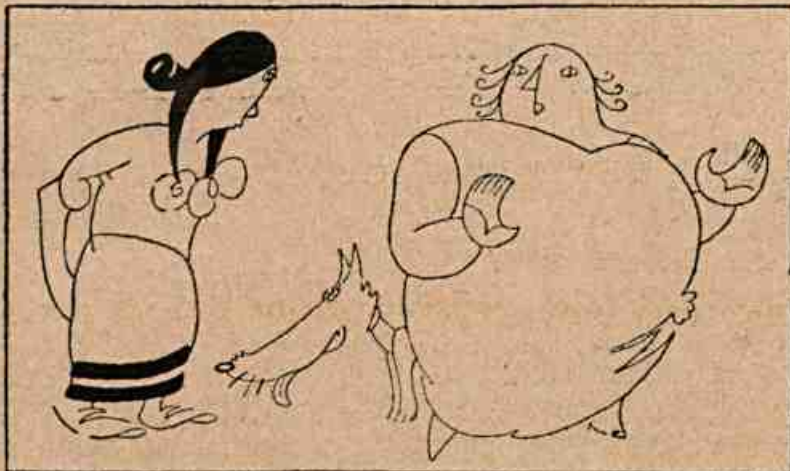
O céo claro,
e mais claro ainda ás extremidades da terra,
onde uma barra branca se insinúa e se esfuma,
é um arco
sem mancha
e vasto,
com a lua, bem redonda,
e isolada,
no alto illuminada.
E ha, pelo ar, um cheiro, intenso,
de incenso,
qual se a natureza fôra uma igreja
e a hora da matina estivesse a soar...
... Hora subtil como o nosso amor,
o nosso amor tão subtil e tão verdadeiro
que não póde ser julgado e nem póde ser comprehendido...
Hora da transfiguração e da eternidade dum instante...
Hora tão sublime como o nosso amor, que,
á feição da natureza,
obedece ao rythmo do universo
e á necessidade de crear fôrmas
e emoções de belleza...

Amanhece...
Gallos roucos, prisioneiros á venda, repetem,
por traz de portas a cadeado,
um canto de alerta que vem de longe...
E passarinhos escravos, dentro de gaiolas nas casas ao redor,
juntam-se á harmonia do nascer do dia,
numa toda orchestração:
do macio murmurio dos ventos,
do imperceptivel ruido das arvores,
das ruas asphaltadas sob as rodas ferradas
das carroças e dos bondes pesados.
E, pelas janellas dos arranha-céos, vae entrando
a voz estentorica e cordial
dos vendedores de jornal.
E o coração da gente, a badalar,
registra no cerebro uma saudade immensa,
que é a vida e é morte
e, em summa,
vem do berço e vae para o tumulo,
no amor que realiza a unidade
e é ansia do ser humano
á volta ao todo universal!...

Silencio!
Nas montanhas, ha como que um ritual sagrado,
uma divina allucinação, de fôrma e de côr,
qual se a montanha foramos nós,
e nós soffressemos, como soffremos, o mal invisivel do amor!...
Aqui, dir-se-ia a terra estar em braza,
flôr vermelha e ardente
desabrochando numa offerta de fogo
e em sacrificio aos deuses monstros

devoradores insaciaveis do dia e da noite...
Ali, uma nuvem tenue, e rasteira, de cinza,
afogando tudo e deixando, por traz,
as cabeças dos montes gigantes
alçando, afflictos, os pescoços aos céos profundos,
como se o casario, dos bairros longinquos,
no milagre dum diluvio matutino,
se tivesse transformado, de paizagem planaltina,
em côrte pitoresco de marinha,
com suppostas e afastadas ilhas pelos fundos...

Silencio! E' a hora commovente da oração...
E' a hora em que não sabemos mesmo o que nos cerca,
se a realidade ou a illusão do amor creador;
e em que vivemos nossa propria vida,
na vertigem que nos empolga e nos envolve,
num só e unico espectaculo,
numa só e unica representação;
e aspirando,
na lucta entre o ser e o não ser,
ao bem supremo, que é a alegria do amor,
tal o mineral se transformando em vegetal
e os vegetaes se tornando animaes,
pelo desejo da perfeição!...

Tocae, sinos, e levae a alguem, distante,
O meu coração e o meu pensamento
cheios de esperança!...

A patrôa. — Não te apresses, nem sejas exigente; o teu ordenado continúa correndo...

A empregada. — Mas, si não me apresso e elle continúa correndo, quando irei alcançal-o?...

os marvados em riba da Leocadia...

— E ella *arresponde?*

— Eu não gosto de *fallá* da vida alheia, mas *te digo* que a mulata está tambem *enrabichada* por elle. *Despois, vancê* sabe que, *em amô, as muié prefere* sempre a mocidade e *só* Chico *tá ficando vêio.*

— Ah!... *Antão vamo tê memo baruio feio* — disse, retirando-se, o capataz.

E, assim, por todo o arraial, corria a noticia do namoro de "*sá*" Leocadia com o "*sêo*" doutor. Ninguem, porem, ousava tocar no assumpto com Chico Bento, mesmo porque era odiado por todos.

* * *

Naquella noite, Chico Bento voltava mais cedo para os braços da Leocadia. Ao aproximar-se da cabana, viu-a ainda illuminada. Extranhou aquillo, pois já era hora da mulata estar dormindo. Desconfiado, chegou junto á porta e pôz-se a espreitar. Ouviu uma voz differente. Parecia de homem, mas não deu maior importancia. Naturalmente, a maldita cachaça lhe estava, outra vez, transtornando a cabeça. Depois, bateu á porta, chamando pelo nome da Leocadia. Nada. Não obteve resposta. Fóra, um silencio profundo, na vastidão da matta verde. O firmamento, sem estrellas, era illuminado pelo luar, cujos raios, como uma torrente argentea, vinham projectar-se sobre a terra, emprestando-lhe, na majestade de sua belleza magnificente, uma tristeza vaga, imprecisa, indefinida...

Paixão de cangaceiro

(Conclusão)

Emquanto esperava, Chico Bento fitava o céo, impacientemente, e, á medida que o fazia, sentia-se dominado por uma angústia terrivel, como si um grande vacuo se houvesse feito em sua alma.

Bateu, novamente, á porta, agora com mais força. De novo, não respondeu a Leocadia. Foi quando Chico Bento comprehendeu por que a companheira não lhe abria a porta. Trincou os dentes. Os olhos congestionaram-se-lhe. E suas faces tornaram-se vermelhas como fogo. E, praguejando e gritando como um louco, arrombou a porta. Nascêra-lhe a féra dentro do coração...

Lá dentro, estavam a Leocadia e o moço da cidade, tremendo de mêdo, com as mãos no rosto, inanimado, sem acção. Sabedor como elle o era, da alma sanguinaria de Chico Bento, segundo lhe havia contado a mulata, considerava-se já um homem morto. O mêdo tolia-lhe os movimentos e as possibilidades de defesa. A Leocadia, mulher sabida, mais esperta, saltou pela janella do lado e deitou a correr e a gritar pela estrada a fóra.

Chico Bento, como uma féra, tomando do facão, que o não abandonava nunca, caminhava aos poucos para junto do engenheiro, que com os olhos fechados para não ver o seu triste fim, se espremia contra a parede da cabana, persuadido, talvez, que se livraria com isso do golpe certeiro, que lhe cortaria, de vez o fio da vida...

E Chico Bento cravou a faca no peito magro do joven doutor. O sangue muito vermelho, muito vivo, que brotava da ferida, incentivava, ainda mais, o coração perverso do cangaceiro. E outro golpe foi desferido. Não satisfeito, julgando-o ainda vivo, rasgou-lhe a camisa e, quando a terceira punhalada ia projectar-se sobre o coração de sua infeliz victima, deu Chico Bento um grito tremendo, deixando cahir ao chão o facão tinto de sangue. E' que reconhecêra no peito a tatuagem que fizéra quando ainda pequenino, e lá estava ella, bem nitida ainda, apesar do tempo. Fixando bem o olhar, leu, claramente, a palavra: José;

E, gritando sempre, sahiu a correr embrenhando-se na floresta.

A escuridão era já completa. No céu, nuvens carregadas encobriam a luz magnificente que o luar derramava sobre a terra.

Fôra aquella, de certo, a ultima morte que fizéra Chico Bento, pois nunca mais ninguem do Arraial de Villa Verde soube delle...

A FAMILIA

De MAURICE LEVEL

Na escada elle me disse:

— Terá você que se contentar com uma scena sem cumprimentos.

— Ora, homem! Não faltava mais nada! De qualquer modo, receio ser importuno.

— Ao contrario. Estou encantado de apresental-o a minha mulher e minhas filhas.

— Não me havia dito que era casado.

— Como?!... Pois sou casado! E pae de familia! Tenho trez filhas. A mais velha é uma mocinha. As outras são ainda meninas. Ah, a familia, meu amigo! Decididamente, é a unica coisa bôa da vida!

Um criado nos abriu a porta. Elle perguntou:

— Está em casa a senhora?

— Não, senhor.

— E as meninas?

— Tambem não.

— Bem. Esperal-as-emos. Accrescente um prato para este senhor.

Entrámos na sala. Era um compartimento luxuoso, mas triste e frio. A luz electrica que a illuminava era insufficiente para seu tamanho. Os moveis eram antigos. Um espelho de Veneza parecia embaciado. Os "bibelots" espalhados sobre a mesa punham uma nota de máo gosto no ambiente desolador. Mas, na parede do fundo, quatro retratos femininos illuminavam toda a sala com uma nota impressionista de alegria e de juventude. Um representava uma joven mulher de grande belleza entre as pelles que a rodeavam, sob a sombra de um chapéo Gainsborough. Outro, um perfil sonhador de moça loira. Os dois outros duas meninas de cabellos negros e olhar vivo.

— Você tem uns desenhos preciosos — disse-lhe eu.

— Sim, é verdade. São minha mulher e minhas filhas.

Não pude conter uma exclamação de viva surpreza. Realmente, era assombroso que as deliciosas criaturas cujos retratos eu me extasiava em contemplar, não soubessem pôr naquelle interior austero e antipathico uma nota gaiata e feminina: enfeites, flôres, que sei eu!

Elle proseguiu, sem notar meu espanto:

— Minha mulher é joven, não é verdade? Parece mais irmã de minhas filhas. Esses retratos estão magnificos. E' como si as estivesse vendo em pessôa. As trez parecem muito com sua mãe. Tanto melhor. Eu não sou um modelo. Ellas são interessantes, tão interessantes, não é verdade?

Havia em sua voz um mixto de orgulho e de ternura devota. Ante minha approvação admirativa e sincera, elle esfregou as mãos com uma satisfação prosaica. Sobre a chaminé de marmore negro o relogio deu oito horas.

— Por que não chegaram ainda? — murmurou elle. — Bem. Então vamos jantar.

— Esperemol-as um pouco mais — insinuei.

— Não. Não vale a pena. Com certeza se retardaram conversando em alguma visita. Gostam muito de jantar fóra, em casa de algum amigo ou parente, sem avisar-me.

O refeitorio tinha o mesmo aspecto severo e frio da sala. Sobre a mesa estavam dispostos seis pratos. Elle me fez sentar ao lado de um logar vazio — o que correspondia á sua mulher.

— A' direita da dona da casa — disse sorrindo.

Durante todo o jantar esteve muito alegre, falando com enthusiasmo de muitas cousas. Mas, seu thema favorito era o de sua mulher e suas filhas.

— Ha de vêr você — dizia-me — que animação põe sua presença nesta casa. Poderá falar-lhes de arte, de literatura, de musica. Entendem de tudo, e tenho a certeza de que o acharão muito sympathico.

* * *

Poucos dias depois, escreveu-me convidando-me para jantar com elle. Eu esperava dessa vez conhecer sua mulher e suas filhas. Mas elle me recebeu só e com uma expressão de contrariedade no rosto, dizendo-me:

— Estou desolado! Não sei como pedir-lhe que me perdôe! Minha mulher e minhas filhas acabam de telephonar-me dizendo que o máo tempo as impediu de voltar para casa, e que jantarão em casa de uma prima.

E dirigindo-se ao criado:

— João, tire quatro pratos da mesa.

* * *

Voltei varias vezes á sua casa. Um dia, sua mulher e suas filhas estavam de viagem, visitando um tio enfermo. Outro dia, elle se esquecêra de prevenil-as de minha visita, e ellas se tinham visto obrigadas a acceitar o convite de uma amiga que commemorava seu onomastico. O facto é que nunca conseguia vêl-as.

Uma noite, em que, como outras tantas, a senhora e senhoritas estavam ausentes, elle se mostrou nervoso durante a refeição, e murmurou, com mal humor:

— E' verdadeiramente insupportavel essa mania que têm de não estar nunca em casa, quando se precisa que ellas aqui estejam!

Subito, se ouviu um ruido de vidros quebrados no compartimento vizinho. De um salto, elle se pôz de pé, e, intensamente, pallido, gritou, com voz abafada:

(Continúa na pagina seguinte)

O illustre pae de minha terra

[A ZOROASTRO PASSOS]

De Figueiredo Silva

Manoel Borba Gato,
paulista batuta,
metteu-se na luta,
sem um só recato.

Manoel Borba Gato
entrou no Sertão,
plantando a Oração,
plantando o Mulato.

Manoel Borba Gato
achou muita pedra
e a ourama que medra
em todo regato.

Manoel Borba Gato
(quem hoje o dirá?)
forjou Sabará
com todo o apparato!

Manoel Borba Gato,
que fez tanta coisa,
não tem uma lousa,
um tumulo exacto!

Manoel Borba Gato,
cadê sua ourama
e a tribu que clama
o somno pacato?...

Manoel Borba Gato,
cadê sua gloria?...
Só se ouve da Historia,
o seu desacato:

— O tal desacato
do Pagem amigo
fritando o Rodrigo,
Manoel Borba Gato!

Manoel Borba Gato
não foi nada besta:
o pé pra que presta?
— Cahiu foi no matto...

A FAMILIA — (conclusão)

— João que occorreu? Que houve?

O criado attendeu, balbuciando:

— Nada, senhor. Nada.

— Sim. Você me occulta alguma cousa... Esse ruido... de onde vem? Quero saber!

— Da sala.

Elle teve um gemido doloroso:

— Ah, eu já o presentia!

E, bruscamente, se dirigiu á porta, abriu-a com violencia, fez luz na sala, e ficou petrificado no humbral. No chão havia pedaços de crystal e um quadro quebrado. Na parede só restavam trez quadros. Ao aproximar-me, vi que o que cahira estava quebrado em varios logares, e murmurei:

— Que pena!

Mas elle voltou para mim uma cara espantosa de soffrimentos, e soluçou:

— Pena? Pena só? Desgraça, desastre. Toda minha vida destruida!

Fiquei attonito. O criado me fez signal para que eu me calasse. Elle, no emtanto, proseguia, exaltando-se:

— Sim. Minha vida está quebrada, destroçada para sempre! Oh, minha filha! Minha filha adorada! Que dizer a tua mãe?

Cahira de joelhos. O criado levantou-o e o levou docemente para a porta emquanto elle continuava chorando com uma desesperação terrivel, e repetindo:

— Não dizê-lo a sua mãe! Ella não precisa sabê-lo!

Fiquei só na sala, perdendo-me em supposições. Semelhante drama por um retrato quebrado!

Dentro de poucos minutos o criado entrou, na ponta dos pés, e me disse baixinho:

— Adormeceu. Podia ser peor.

— Mas, homem — perguntei-lhe — que significa isso? Tanto interesse tinha elle por esse desenho, esse quadro?

O criado olhou-me, surprehendidissimo, e respondeu:

— Ah! Mas o senhor ignora? Si meu patrão não tem mulher, nem filhas! Si nunca se casou!... Um dia, vae para uns nove annos, comprou esses retratos em leilão. Depois olhou-os tanto e tanto, passou tantas horas na contemplação dos mesmos, que perdeu a razão, e acabou julgando que eram pessôas reaes. Alugou esta casa com cinco quartos para cinco pessôas. Quando está só, passa horas inteiras com seus retratos. Fala-lhes, discute com elles, ri... Como sua loucura é inoffensiva, ninguem o contradiz. Amanhã teremos que nos vestir todos de luto, a não ser que até então se haja esquecido por completo do incidente de hoje. Eis tudo. Julguei que o senhor sabia disso.

Sahi lentamente. Do humbral, voltei a cabeça. A sala pareceu-me menos triste, as cortinas menos pesadas, o espelho mais claro. E, ao olhar os retratos, em suas molduras brancas, pareceu-me — allucinação? — pareceu-me que um suave sorriso os illuminara — reflexo, talvez, do sonho adoravel que elles haviam feito nascer...

ANONYMO — De Paulo Freitas

ELLE ama a noite. Tem na sua alma profunda e mysteriosa qualquer coisa das ansias dos gatos lyricos e nocturnos do poeta Baudelaire. Ama a noite com as suas luzes multicôres — reticencias lindas e luminosas... Pelas ruas da cidade do vicio, vae andando. Não tem destino. E' sombra anonyma que passa. A sua vida é toda feita de paradoxos. No seu intimo, ha gritos vermelhos de revolta e poemas suaves e bons. Não tem receios do frio. Encara, com estoicismo, as ameaças da chuva. Quando ganha no jogo, dorme confortavelmente. Se perde o seu dinheiro sobre o panno côr da esperança, vae dormir sobre o banco duro e frio de um jardim. Humorista, tem para tudo um sorriso de ironia e de piedade...

Poeta anonymo, vive cantando pelos *cabarets* em companhia dos bohemios e dos mendigos.

Ama a noite. Ama a espuma da cerveja e o perfume delicioso das flôres do vicio.

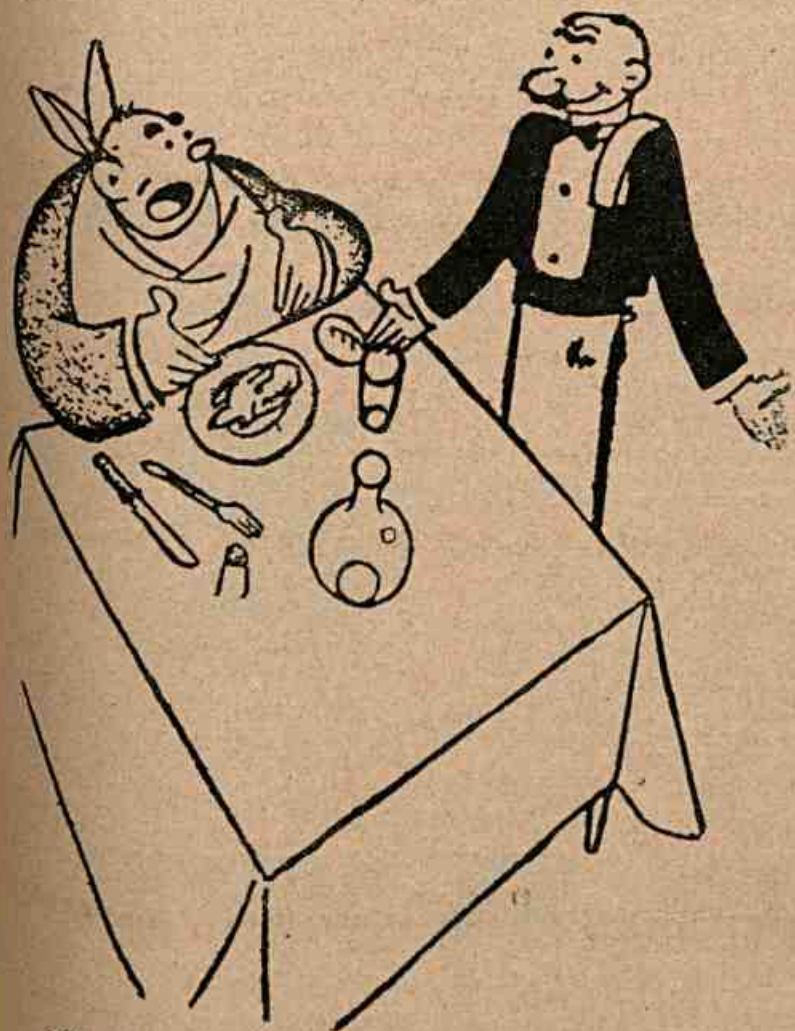
Sobre o marmore frio das mesas, nas tabernas sórdidas, vibra a belleza dos seus poemas onde ha scentelhas divinas brotadas do craneo de um genio.

Gosta muito da miseria das grandes cidades. Paris. Nova-York. Londres. S. Paulo. Berlim. Tokio. Rio de Janeiro.

Rio... Sem destino e sem lar, vae andando pelas ruas, com um cigarro nos labios. Muitos dizem ser elle um louco, um bohemio, um depravado. Outros, o dizem philosopho. Elle sorri. Ninguem sabe onde nasceu. Nasceu talvez na lama das ruas. E a sombra anonyma vae andando...

Ama a noite. A noite é a sua linda companheira, a sua amiga muito bôa e carinhosa.

Nasce o dia...

A sombra anonyma se apaga aos primeiros alvores da manhã...

— "Garçon", este frango está estragado!
— A culpa não é minha, freguez. Ha uma semana que o venho offerecendo, e o senhor não o quiz acceitar senão hoje!...

CONVEM SABER

Fraqueza e desanimo é sinal, quasi sempre, de alimentação irregular ou insufficiente, de falta de repouso ou de simples perdas de fosfatos. Neste ultimo caso, os remedios são simples: regular a alimentação, incluir no programa diario frutas e leite, repousar no minimo oito horas por noite e tomar uma série de injeções de Tonofosfan. Este medicamento, receitado por seu médico, dá resultados maravilhosos, tão bons, que o individuo de abatido e desanimado passa a um estado de esplendido bem estar e, de triste, começa a encarar a vida risonhamente, como se estivesse vendo tudo através de oculos côr de rosa.

Haverá conselho mais simples?

Os moedeiros

(SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

— Sangue frio, murmurou o policia. Tudo se conspira contra a minha vida, mas emquanto ha vida, ha esperança...

Foi andando devagar, sempre em frente. Por fim chegou a um muro que lhe impedia o caminho. Para onde se devia voltar ?

Para traz ! talvez fosse mais feliz seguindo a direcção contraria. A lingua collava-se-lhe na bocca, e o suor corria-lhe da fronte. A situação era critica.

De repente estacou. O chão estremecera-lhe debaixo dos pés.

Escutou mais attentamente ainda. Com effeito, o ruido surdo de pancadas regulares chegava-lhe aos ouvidos.

Agora percebia a direcção de onde lhe vinha o som.

— Deve ser para ali a sahida, pensou elle.

Não se enganara. O ruido tornava-se cada vez mais distincto.

Eram pancadas regulares, que se succediam no intervallo de dois segundos.

Parecia que um gigante descommunal martelava incessantemente em qualquer forja mysteriosa. Sherlock avançava a custo. A's vezes tropeçava no entulho e caia. Tinha já quasi as forças perdidas ; só a sua vontade de ferro o animava ainda.

Subitamente teve um grito abafado de raiva e de desillusão. Outro muro tapava-lhe a saida.

O ruido ouvia-se agora bem distincto, do outro lado da parede. Alli estava a liberdade, e no sitio onde se encontrava, o tumulo.

Não sabia se era dia ou noite. Tudo lhe era agora indifferente. Pensava que só um milagre poderia salval-o.

Mesmo que o seu auxiliar desse pela sua falta e o procurasse, só um grande acaso permittiria que se encontrassem nesse labyrintho. E, louco de raiva contra o mysterioso inimigo que o attraira ali, pegou numa pedra e começou batendo desesperadamente no muro.

Como por encanto cessou o ruido mysterioso das pancadas.

— Se eu não soubesse estar proximo das ruinas de um castello antigo, pensou Sherlock, juraria, que estava proximo de uma machina... Mas como póde haver uma machina nestes sitios ?

Sentou-se no chão, vencido pela fadiga.

Estava tão cansado que já não pensava na saida.

Só queria dormir...

Nunca saberia dizer se dormira muito ou pouco tempo, ou se o somno era apenas a embriaguez da fadiga. De subito ouviu uma voz. Escutou com attenção.

— Olá !

Não podia haver engano .

Procural-o-iam ?

Ou quereriam convencer-se se ainda estava vivo, para acabarem com elle ?

— Olá ! gritou elle por sua vez.

Viesse o que viesse, tudo era preferivel á incerteza e á situação terrivel em que se encontrava.

Falsos de Sheffield

— Por CONAN DOYLE

Talvez fosse Harry, inquieto pela sua sorte, que viesse ali procural-o.

Uma luz rasgou a escuridão. Não havia a menor duvida.

Havia alguém que o procurava. Tornou a gritar:

— Olá!

A luz approximava-se sempre. Não era o phantasma porque o policia não viu phosphorescencia alguma. Era um clarão natural, de uma lanterna ou de uma lampada de mineiro.

Será amigo ou inimigo?

Estava desarmado. Podiam matal-o como a um cão.

A luz approximava-se ainda. Podia já distinguir o vulto de um homem.

— Quem vem lá? perguntou Sherlock Holmes.

— Não tenha cuidado sr. Holmes, disse uma voz conhecida. Sou eu, que venho salval-o de uma morte certa.

— Como! é...

— Bill, sr. Holmes.

Os dois estavam agora em frente um do outro.

— E... vem salvar-me?

— Sem duvida. Venho reparar a minha falta. Hontem attentei contra a sua vida; hoje venho salval-a...

— Creio bem Bill, replicou Sherlock. Mas diga-me uma coisa, como conseguiu chegar até aqui, ou por outra, como soube que eu me encontrava em perigo?

O rendeiro meneou a cabeça.

O sr. pergunta mais do que eu posso responder. Siga-me e contente-se com sahir daqui são e salvo. Se não fosse o seu anjo da guarda, estaria a estas horas morto no quarto dos phantasmas.

— O meu anjo da guarda? Então aquella apparição não veiu para me perder?...

— Não. Veio para evitar que respirasse os vapores venenosos com que pretendiam matal-o. Aqui tem o seu revolver e a sua lampada electrica.

Apesar da sua proverbial fleugma, Sherlock estava mudo de admiração.

— Se quer provar-me a sua gratidão, continuou Bill, prometta-me uma coisa.

— Com todo o gosto, disse o policia, tudo quanto quizer, comtanto que não prejudique a minha honra.

— Prometta-me que nunca mais irá ficar no quarto dos phantasmas. Juro-lhe que esse local nada tem que ver com o assassinato do sr. Johnston, e que, se persistir em voltar lá, perde o seu tempo, arrisca a vida e compromette pessoas que só lhe desejam bem.

— Está promettido, respondeu Sherlock Holmes.

— Obrigado. Agora deixe-me vendar-lhe os olhos antes de sahirmos destas antigas catacumbas do castello, que por pouco não foram o seu tumulo. Tenho que insistir nesta condição.

O policia viu que não podia reagir e deixou-se vendar tranquillamente.

Longo tempo caminhou, guiado pela mão de Bill; por fim percebeu que chegavam ao ar livre.

— Saia primeiro, disse Bill, depois de terem subido uma escada.

Holmes tacteou o muro e sahiu.

(Continúa na pagina seguinte)

— Onde estamos agora? perguntou o policia.

Não obteve resposta.

Tirou resoluto a venda dos olhos e olhou em torno. Não distinguiu viv'alma.

— Senhor Holmes, disse uma voz do meio da treva.

— Ah, és tu Harry? já são cinco horas?

— Não senhor, mas como estava com cuidado no senhor, passei aqui a noite.

— Então vamos para casa, continuou o policia. Os acontecimentos desta noite instruiram-me mais, muito mais do que pensa Bill Kundry.

CAPITULO VI

O CASAMENTO SECRETO

— Um telegramma para o sr. Sherlock Holmes!

Harry entregou ao policia um papel que o correio acabava de trazer. Sherlock Holmes leu:

"Recebi seu telegramma. Obrigado pelo interesse que tem tido neste caso. Creio segue pista falsa. Notas falsificadas provêm sempre cofre real. Peço-lhe volte para lançar alguma luz neste negocio. Shrewsbury."

O policia deu uma gargalhada.

— Voltar agora é impossivel. Que tenha paciencia o sr. Shrewsbury; primeiro preciso descobrir o assassino e depois pensarei no resto.

Entregou a Harry o telegramma, que foi mettido numa pasta cheia de papeis.

— Descobriste hontem alguma coisa de anormal nas ruinas do castello? perguntou Sherlock. Tinha-te dito que reparasses sobretudo na casa do velho guarda Bussley.

— Não vi senão um homem, cosido com a parede, entrar no recinto e...

— E desappareceu, concluiu o policia.

— Tal qual. De resto, fazia tanto escuro, que não é admiração.

— Lá isso não. Tambem não te censuro nada. E viste-o tornar a sahir, depois?

— Não vi, sr. Holmes. O que vi foi Miss Betsy sentada á porta da casa, com uma carta na mão e a chorar...

— Bem. E a que horas, pouco mais ou menos?

— Ahi pelas 10 horas.

— E' boa. Pede ser... Em todo o caso, fica no teu quarto e não vás seguir-me, como a noite passada. Pode ser que precise de ti.

* * *

Na taberna de Ulster havia um grupo de homens que discutiam vivamente.

— Affirmo-lhes, dizia um delles, um gigante moreno, que temos de interromper o serviço pelo menos emquanto aqui se demorar o sujeito de Londres.

— Tambem acho, accrescentou outro. Pode "dar-lhe o faro", e então está tudo perdido.

Podemos aproveitar o tempo para concertar a machina. Tem um defeito que não sou capaz de descobrir. Não repararam como na outra noite trabalhava com difficuldade? Tem que ser inspeccionada por um engenheiro.

— Mas escuta lá, Dick; estás doido? Bem sabes que não podes levar estranhos á officina.

— Porque não? disse brutalmente o homem moreno. Eu arranjei as coisas de maneira que elle não dê com a lingua nos dentes.

— Desgraças?! disse o outro admirado. Que chamas tu desgraças? Trata de arranjar um engenheiro digo-t'o eu, senão pára-nos a machina um dia.

Um desconhecido, sentado a um canto da taberna, levantou-se ruidosamente.

— Queira desculpar se me intrometto na conversa, disse elle, dirigindo-se ao homem moreno. Acabo de ouvir que procuram um engenheiro.

Os homens fitaram-n'o desconfiados. Houve um silencio, e Dick retorquiu:

— E' verdade, senhor, precisamos de um homem competente para nos concertar uma prensa hydraulica. A machina funcciona ainda, mas irregularmente.

Calculo do que se trata, disse pensativo o desconhecido. Alguma valvula que não está em ordem...

— Hade ser isso, affirmou Dick. Vejo que é o homem que procuramos. Quando pederemos leval-o a ver a machina?

APOSTASIA

Quando sinto em meu sêr a vergastada
do chicote da dor — fria inclemencia;
quando sinto o cansaço da jornada
e comprehendo a aspereza da existencia

eu me lembro da infancia afortunada,
que era sonho, era lirio, era innocencia
e minh'alma contricta e conformada
implorava de Deus perdão, clemencia.

Mas cumpri atheistica sentença;
reneguei minha fé, deixei a crença,
por principio de vã philosophia.

E hoje penso: talvez essa amargura
que se apossa de mim, que me tortura
seja o premio da minha apostasia!...

GUERRA NOVAES

— Digam-me onde ella está, e eu irei vel-a.

Os tres homens olharam-se entre si. Dick que era como que o presidente, respondeu:

— Ha uma pequena difficuldade, senhor. Nós somos camponezes destes sitios, e cultivamos um terreno em commum. Este terreno tem um valor consideravel junto do castello de Milster.

— Só ali? perguntou o engenheiro.

— E' verdade. Se o senhor é homem discreto, vou contar-lhe tudo.

— Póde ter confiança em mim, disse o desconhecido. Não tenho interesses no paiz, estou aqui por passeio e tenciono partir amanhã para a Australia.

— Então escute. Nesse terreno ha uma immensa mina de sal, que descobrimos por acaso. Vae do nosso terreno, por galerias subterraneas, até junto do castello de Milster. Para não deixar cahir a mina nas mãos do proprietario do castello, exploramos o sal secretamente, e somos por emquanto os unicos proprietarios.

— Quer dizer que parte da mina entra nos dominios de Milster? disse o engenheiro.

— Tal qual. Agora comprehende que temos de o acompanhar até á nossa machina.

— A's ordens, disse o engenheiro. E se eu concertar a prensa hydraulica, quaes são os meus honorarios?

— Offereço-lhe 10 libras, respondeu Dick. Supponho que é bastante.

— Declaro-me satisfeito, affirmou o outro. Quando hei de então ver a machina?

Dick reflectiu:

— Amanhã á noite, disse por fim.

— Bem. E onde nos encontraremos?

— Sabe onde fica a capella abandonada, a meio caminho entre a aldeia e o castello?

— Passei hoje por lá.

— Pois bem. Esteja ahi amanhã á noite, ás 10 horas em ponto. Eu lá o irei buscar, para o conduzir á mina.

— Serei pontual. Ha quartos nesta hospedaria?

— Ha sim, senhor. E o hospedeiro fica satisfeito de poder alugar um.

— Então ficamos entendidos. Agora vou falar com o dono da casa.

O desconhecido tomou um quarto no andar superior. Quando lhe perguntaram pela bagagem, respondeu que já a tinha mandado directamente para Londres, onde tencionava embarcar para a Australia.

— Ainda bem, pensava Sherlock Holmes passeando através dos campos, depois de tirar a cabelleira e a barba postiça, que posso apparecer aqui sob varios aspectos. Os tres patifes não me reconheceram si bem que estivessem no meio da multidão quando cheguei de Londres com Harry.

"A machina ha de ser aquella que ouvi funccionar esta noite nas catacumbas do castello. Ah! Bill Kundry, que mal estás si pertences a esta cafila. Não te queria estar na pelle, e havias de me fazer pena...

Depois de ter olhado para todos os lados occultou-se atraz de um accidente do terreno e dirigiu-se para a capella abandonada, onde dois dias antes encontrara o corcunda.

Junto da capella lançou ainda um olhar em torno. Não viu ninguem.

— Tenho tempo agora de examinar a capella, disse comsigo. Deve haver aqui qualquer communicação subterranea. Em toda a parte havia o mesmo som massiço.

— E' possivel que haja daqui qualquer communicação subterranea para o castello. Segundo os meus calculos é nesta direcção que se ouvia a machina. Voltarei amanhã com melhor luz, para explorar mais attentamente estes sitios. Agora começa a fazer escuro.

Dirigiu-se de novo á "Hospedaria da Estrada" e de caminho, decidiu passar pelo castello. Approximou-se das dependencias onde morava o velho Busley.

Ia já retirar-se quando reparou num vulto feminino que sahia das ruinas, olhando cautelosamente para a direita e para a esquerda, se dirigia para a aldeia tomando o caminho da estrada.

Sherlock Holmes occultou-se rapidamente nas ruinas, afim de não ser visto.

(Continua na pagina seguinte)

MENINA E MOÇA

Tu tambem, meu amor, hás de sentir
O que as outras meninas sentirão.
Tu tambem, meu amor, hás de florir,
Como as outras meninas florirão.

Os anseios e os sonhos hão de vir,
Como os beijos sem fim tambem virão.
Tu tambem, meu amor, hás de mentir,
Como as outras meninas mentirão.

Terás amanhã um sonhador
Que no meio dos beijos diga assim:
Meu amor, meu amor, meu lindo amor!...

E, depois disso, tu terás peccado.
Noivarás, casarás (mas, ai de mim!),
Que te fico a beijar sem ser beijado!

HORACIO MENDES

— A mulher vae fazer qualquer coisa importante, disse o policia comsigo, contemplando o elegante vulto. Só pode ser Betsy; mas que diabo terá ella que fazer a estas horas na aldeia ?

Poz-se a seguil-a com hesitação. Por acaso, uma vez olhou para traz.

— Diabo, murmurou elle, ahi vem outro vulto. E' um homem que segue o mesmo caminho que a rapariga. Quem será ? Bill Kundry não é, com certeza; tem outro andar. Parece que se trata antes de um velho.

Escondeu-se de novo para não ser descoberto pelo intruso.

Logo que o velho passou continuou cautelosamente o seu caminho.

De repente parou. Na egreja da aldeia brilhava uma luz.

— Que quer isto dizer? Nunca houve officios tão tarde; missa não pode ser tambem, porque o condado de Shaffield pertence a outra egreja.

Como quasi sempre acontece nas provincias inglezas, a egreja erguia-se num oiteiro proximo da aldeia, de forma a poder ser vista de longe.

Sherlock Holmes notou que o vulto de mulher se approximava sempre da collina, e entrou por fim na egreja.

Mas o velho tambem se dirigia para ali.

— Tenho de lá ir custe o que custar, disse o policia comsigo. Se não me engano é qualquer coisa que diz respeito ao assassinato de Carlos Johnston.

Em poucos segundos collocou de novo a cabelleira e a barba postiça. Nem mesmo sua mãe o teria reconhecido neste disfarce.

Parecia um honrado provinciano, especialmente andando um pouco curvado. De longe notou que a porta da egreja não fôra fechada, mas que a tinham encostado apenas, pois distinguia luz atravez da fenda da porta.

Deus queira que o velho não me feche agora a porta na cara, murmurou.

O velho entrou e deixou-a egualmente encostada.

Sherlock Holmes ia já entrar tambem, quando um papel branco cahido nos degráos lhe chamou a attenção.

Não se tinha enganado. Era um envelopppe com papeis dentro. A' claridade fraca da luz que sahia da egreja viu que havia uma direcção escripta, mas não poude ler uma palavra.

— Lá dentro veremos, pensou elle. A cerimonia sagrada lhe dará tempo para isso.

Entrou cauteloso na egreja e foi tomar logar num canto mais escuro.

No altar ardiam duas tochas, illuminando um velho padre e duas pessôas ajoelhadas na sua frente, um homem e uma mulher.

— Um casamento! murmurou Holmes, esforçando-se por distinguir os rostos das pessôas.

Alem do velho que o precedera na egreja, estava ainda uma pessôa, provavelmente uma testemunha.

O padre começou a falar:

— Sabem que só posso realizar esta ceremonia, si os nubentes moram ha mais de seis semanas na minha parochia, e se estão dispostos a jurar que não ha impedimento á sua união.

"A primeira condição está satisfeita, porque os conheço ha annos. Podem jurar-me de boa fé que não existe impedimento a este matrimonio ?

— Sim, responderam os nubentes.

E agora dize, Bill Kundry, queres tomar Betsy Busley por tua legitima esposa em face de Christo?

— Sim !

E tu, Betsy Busley, queres tomar o rendeiro Bill Kundry por teu legitimo esposo em face de Christo ?

— Sim !

Seguiu-se a benção e, segundo a lei ingleza, estavam casados.

Sherlock Holmes não cabia em si de admiração.

Betsy Busley, aquella que dias antes lhe prohibira de pronunciar na sua presença o nome de Bill Kundry !

Que singular mulher ! Ha dois dias era inimiga de Bill, agora casava com elle !

Teria elle mentido na declaração que lhe fizera ?

— Impossivel, pensou Holmes. Aquella indignação era verdadeira, ou sou eu o peior physionomista de Inglaterra.

Mas então que teria provocado esta mudança?

Estaria acaso Bill Kundry na posse de algum segredo, e sob a ameaça de divulgal-o teria elle constrangido a linda rapariga a conceder-lhe a mão ?

Por certo que não. Quem tivesse visto uma vez Bill Kundry não poderia attribuir-lhe tão vergonhoso procedimento.

Como poderia, pois, ter succedido tudo isto ?

Sherlock Holmes, que depois da benção sahira da egreja, começou a assobiar devagarinho, como costumava fazer sempre que acabava de resolver um problema difficil.

Não tinha o proprio Bill Kundry confessado que estivera junto do cadaver na manhã do crime ? Não dissera Lord Milster que uma pessôa, de quem elle em caso nenhum revelaria o nome, o tinha visto nessa occasião ?

Se essa pessôa fosse Betsy, não teria ella razões para considerar Kundry como o verdadeiro assassino? Não devia ella tremer pela sorte do noivo, tanto mais que o caso fôra entregue nas mãos de um policia famoso ?

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gascon & Lewindrey
Rue Tronchet, 9 — Paris VIII — France
Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado .... 1$500

Os Romances de Fon-Fon

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou selos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. A descriminação abaixo está na ordem de leitura.

	Preço	Pelo Correio
FAUSTA — 10 fasciculos	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasciculos	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos	8$000	9$600
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasciculos	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasciculos	4$000	4$800
CAPITAN — 14 fasciculos	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasciculos	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasciculos	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasciculos	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasciculos	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasciculos	3$500	3$[illegible]00
HEROINA — 14 fasciculos	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasciculos	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasciculos	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasciculos	4$500	5$100
O RIVAL DO REI — 7 fasciculos	3$500	4$200
PASSAVANT — 9 fasciculos	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasciculos	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasciculos	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasciculos	2$500	3$000
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasciculos	6$500	7$800

Pedidos á Empresa
Fon-Fon e Selecta S/A

Rua Republica do Perú, 62 - Rio

TELEPHONE: 2-4136